

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
MESTRADO EM LITERATURA E INTERCULTURALIDADE**

FLÁVIO AURÉLIO TENÓRIO DE ASEVÊDO

**CIBERLITERATURA NA MIRA DA INSTITUIÇÃO LITERÁRIA: O ORKUT E AS FORMAS
DE LITERARIEDADE NO CIBERESPAÇO**

CAMPINA GRANDE - PB

2011

FLÁVIO AURÉLIO TENÓRIO DE ASEVÊDO

**CIBERLITERATURA NA MIRA DA INSTITUIÇÃO LITERÁRIA: O ORKUT E AS FORMAS
DE LITERARIEDADE NO CIBERESPAÇO**

Dissertação apresentada ao Mestrado em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba, área de concentração Literatura e Estudos Interculturais, na linha de pesquisa Literatura e Mídia, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de mestre.

Orientador: Sebastián Joachin

CAMPINA GRANDE - PB

2011

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na sua forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

A816c Asevêdo, Flávio Aurélio Tenório de.
Ciberliteratura na mira da instituição literária
[manuscrito]: o orkut e as formas de literariedade no
ciberespaço. / Flávio Aurélio Tenório de Asevêdo. – 2011.

121 f. : il. color.

Digitado.

**Dissertação (Mestrado em Literatura e
Interculturalidade) – Universidade Estadual da
Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, 2012.**

“Orientação: Prof. Dr. Sebastien Joachin,
Departamento de Letras e Artes”.

1. Gênero literário. 2. Orkut. 3. Redes sociais. 4.
Leitura. I. Título.

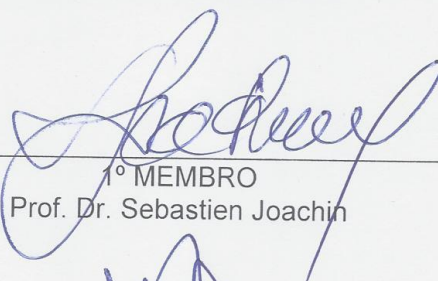
21. ed. CDD 372.623

FLÁVIO AURÉLIO TENÓRIO DE ASEVÊDO

CIBERLITERATURA NA MIRA DA INSTITUIÇÃO LITERÁRIA: O ORKUT E AS FORMAS
DE LITERARIEDADE NO CIBERESPAÇO

Aprovada em 31 / 08 / 2011

BANCA EXAMINADORA



1º MEMBRO
Prof. Dr. Sebastien Joachin



2º MEMBRO
Prof. Dr. Luciano Barbosa Justino



3º MEMBRO
Prof. Dr. Marcos Antônio Nicolau

Àqueles que acreditaram

DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Se não fosse a Deus, não haveria agradecimento algum. Primeiro a ele e por ele. Por ele ter me dado a força e coragem de seguir lutando para conquistar meus objetivos e nunca desistir. Em nome dele, agradeço aos meus pais e irmãos, os meus deuses aqui na terra.

Ao professor Sebastián Joachin por ter apostado e acreditado em mim todo o tempo e ter sido sempre tão compreensivo;

Aos demais professores do MLI, que de alguma forma contribuíram com meu desenvolvimento acadêmico e de meu trabalho;

Aos amigos da turma que enfrentaram as batalhas e dificuldades do curso juntos e dispostos uns a ajudarem aos outros;

Ao amigo Marcelo Rodrigo por ter sido meu maior incentivador no meu mestrado, me ajudando em todos os passos e sendo um porto seguro a quem eu recorri todas as vezes que precisei para tirar dúvidas ou simplesmente para estar ao meu lado ouvindo todas as minhas queixas misturadas a esperança;

A Walquíria Maria, Walter Galvão e Fernanda Souza, por acreditarem no meu propósito e me permitirem a minha mudança para Campina para me facilitar a conclusão das aulas;

Ao amigo Álisson Arruda por dar um novo fôlego a minha vontade de terminar a dissertação, sendo um grande parceiro nos momentos finais e mais cruciais desta 'jornada';

A Maísa por sua insistência ininterrupta e atenção todo o tempo, para me ouvir e me incentivar nos estudos, apostando em meu potencial e não me deixando desistir.

Aos demais amigos e companheiros que direta ou indiretamente estiveram do meu lado e de alguma forma fazem parte do meu crescimento: Luiz Custódio, Marco Antônio, Carol Toscano, Alan Guimarães, Daniel de Oliveira, Pedro Felipe, Dayra Teixeira, Eva Dízya, Dona Dalva e seu Walmir.

Agora, mesmo que o campo de jogo não seja justo, pelo menos os portões estão abertos para qualquer um que queira jogar. As consequências têm sido imediatas”. (HEWITT, 2007, p.103)

RESUMO

As tecnologias vêm passando por um contínuo processo de atualização e reformulação, conduzindo mudanças significativas nas relações entre o ser humano e as máquinas. No espaço virtual, as escritas ganham outras liberdades não permitidas em seu suporte primário, o livro. Entretanto, aliado à adição de outros elementos ao texto, como a imagem e o som, e a possibilidade de publicação e divulgação imediata, as construções textuais virtuais transitam por diversos segmentos e qualquer internauta pode se tornar um potencial escritor, dada a abrangência do ciberespaço. O distanciamento que existia entre quem escreve e quem lê é sublimado pela interatividade proporcionada pela telemática. Com isso, o trabalho busca identificar como se configura a literatura produzida no espaço virtual, tomando como corpus de análise o site de relacionamento Orkut, verificando de que forma ela pode se configurar como uma arte genuinamente virtual ou se é apenas uma transposição para o meio virtual. As produções no Orkut se revelam como um novo gênero para a literatura, remodelando não apenas a escrita, mas sua forma de publicação, edição e leitura. A oralidade e a desarrumação de uma lógica secular são as principais marcas deste novo gênero que pode contribuir para a re invenção da Instituição Literária.

Palavras-chave: Instituição Literária, literatura, Orkut, leitura, gênero literário

RÉSUMÉ

Les technologies sont en train de passer par un processus permanent de mise à jour et de reformulation, conduisant à des changements significatifs dans les relations entre l'être humain et les machines. Dans l'espace virtuel, les écrits acquièrent une nouvelle liberté non permise dans son support primaire, le livre. Toutefois, avec l'addition d'autres éléments au texte, comme l'image et le son, et la possibilité de publication et diffusion immédiates, les constructions textuelles virtuelles se répandent dans des segments divers et n'importe quel internaute peut devenir un écrivain potentiel, étant donné la portée du cyberspace. La distance qu'il y avait entre celui qui écrit et celui qui lit est sublimée par l'interactivité proportionnée par la télématique. Avec cela, le travail cherche à identifier comment se configure la littérature produite dans l'espace virtuel, en prenant comme corpus de l'analyse le site de relations Orkut, cherchant à vérifier de quelle façon elle peut se configurer comme un véritable art virtuelle ou si ce n'est qu'une transposition vers le milieu virtuel. Les productions dans l'Orkut se révèlent comme un nouveau genre littéraire, remodelant non seulement l'écrit, mais sa forme de publication, édition et lecture. L'oralité et le désordre d'une logique séculaire sont les principales marques de ce nouveau genre qui peut contribuer pour la réinvention de l'Institution Littéraire.

Mots-clés: institution littéraire, littérature, Orkut, lecture, genre littéraire

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1:.....	53
Figura 2:.....	54
Figura 3:.....	59
Figura 4:.....	65
Figura 5:.....	68
Figura 6:.....	74
Figura 7:.....	76
Figura 8:.....	93
Figura 9:.....	94
Figura 10:.....	96
Figura 11:.....	96
Figura 12:.....	99
Figura 13:.....	100
Figura 14:.....	102
Figura 15:.....	102
Figura 16:.....	103
Figura 17:.....	103
Figura 18:.....	104
Figura 19:.....	106
Figura 20.....	107
Figura 21:.....	107
Figura 22:.....	108
Figura 23.....	109

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. DA ESCRITA EM PAPEL À ESCRITA VIRTUAL: A FORMAÇÃO DE UMA NOVA SOCIEDADE	22
1.1 - A formação da sociedade e o sujeito falante	25
1.2 - A comunicação e a informação	26
1.3 - O texto como atividade interacional	28
1.4 - Intertextualidade	32
1.5 - Heterogeneidade	35
2. DOS TIPOS ESTÁVEIS DE ENUNCIADOS IMPRESSOS AOS ELETRÔNICOS: A FORMAÇÃO DE NOVOS GÊNEROS TEXTUAIS	38
2.1 - Gêneros textuais	38
2.2 - E-mail	47
2.3 - Lista de Discussão	48
2.4 - Blog	49
3. DO CIBERESPAÇO AO ORKUT: A FORMAÇÃO DE UMA NOVA COMUNIDADE DA ESCRITA	52
3.1 - Gêneros no Orkut	64
3.2 - Biografismo e Ethos	71
4. DA ARTE À INSTITUIÇÃO LITERÁRIA: A FORMAÇÃO DE UMA NORMATIZAÇÃO PARA A ESCRITA	77
4.1 - A Instituição Literária	83
4.2 - Literatura na web e a tensão política frente à literatura tradicional	88
5. DA LITERATURA À CIBERLITERATURA – A FORMAÇÃO DE UMA NOVA LITERATURA?	
5.1 - A Ciberliteratura	88
5.2 - Análise quantitativa da literatura no Orkut e suas implicações	95

5.3 - Quadro comparativo e explicativo da conceituação da Ciberliteratura em relação à Literatura -----	111
CONSIDERAÇÕES FINAIS -----	112
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS -----	116

INTRODUÇÃO

Historicamente, as tecnologias vêm passando por um contínuo processo de atualização e reformulação, conduzindo mudanças significativas nas relações entre o ser humano e as máquinas. Trilhando esse caminho seguem também os mecanismos técnicos de processamento da linguagem. O processo comunicacional da língua se desenvolve ancorado nas possibilidades permitidas pelas tecnologias desenvolvidas em um contexto histórico-social. No decorrer dos séculos, são aprimoradas as formas de expressão do homem em sociedade e, da mesma forma, as técnicas de manifestação da língua.

Observando as relações entre a linguagem e a técnica, Pierre Levy (1997, p. 76), identifica três fases, a da oralidade, da escrita e a da informática, que, segundo ele, contribuem para produzir e modular o tempo. Assim, à medida que o homem dispõe do sistema de codificação da língua, a escrita, e dos recursos mnemotécnicos das sociedades orais, torna-se possível a manutenção de elementos desses períodos históricos de forma que eles convivam paralelamente e adaptando-se aos avanços permitidos pela técnica, a saber, a informática, exercendo um papel fundamental no estabelecimento dos referenciais intelectuais e espaço-temporais das sociedades humanas.

As técnicas da linguagem permaneceram, cada uma a seu tempo, como protagonistas de um contexto histórico e social, seja na oralidade primária, relacionada ao período que antecede a adoção da escrita, na oralidade secundária, com o estatuto da palavra e escrita e na atual, telemática. Assim sendo, percebe-se a singularidade e transitoriedade com a qual cada técnica se estabeleceu, difundiu e foi superada, gerando estilos de pensamentos distintos de configuração de espaço-tempo, baseada no armazenamento de dados, pela memória, escrita e pela imaterialidade do virtual.

É impossível separar o humano de seu ambiente material, assim como dos signos e das imagens por meio dos quais ele atribui sentido à vida e ao mundo. Da mesma forma, não podemos separar o mundo material – e menos ainda sua parte artificial – das ideias por meio das quais os objetos técnicos são concebidos e utilizados, sem os humanos que os inventam, produzem e utilizam. Acrescentemos, enfim, que as imagens, as palavras, as construções de linguagem entranham-se nas almas humanas, fornecem meios e razões de viver aos homens e suas instituições, são recicladas por grupos

organizados e instrumentalizados, como também por circuitos de comunicação e memórias artificiais. (LEVY,1999, p.17)

Também estudando a relação entre as manifestações do pensamento e as técnicas geradas pelo aprimoramento do conhecimento humano no decorrer do tempo, Debray (1995, p. 23) sugere a noção de meio (médium) como mecanismo de expressão da linguagem e pensamento, que estaria intimamente ligado ao potencial tecnológico disponível na sociedade. Segundo ele, meio pode ser entendido em quatro sentidos:

1) um procedimento geral de simbolização (palavra, escrita, imagem analógica, cálculo digital); 2) um código social de comunicação (a língua natural na qual a mensagem verbal é pronunciada: latin, inglês ou tcheco); 3) um suporte material de inscrição e estocagem (argila, papiro, pergaminho, papel, banda magnética, tela); 4) um dispositivo de gravação conectado a determinada rede de difusão (gabinete de manuscritos, tipografia, foto, televisão, informática).

Tomando-se o último sentido proposto pelo autor, os dispositivos de gravação, conectados ao suporte de uma rede de difusão, parte-se de um dos dispositivos de gravação e difusão mais primordiais, como são os manuscritos, mais adiante aprimorados pela tipografia até a formatação tradicional dos livros, e se chega, em último caso, à informática, que absorve os demais sentidos citados por Debray, na medida em que atrai a convergência da simbolização dos demais meios e toda a semiosfera característica de outros suportes constituídos, não apenas na transmissão, mas também na criação das mensagens/linguagens.

Com base nas ideias expostas, observa-se o entrelaçamento do desenvolvimento da técnica e as possibilidades de expressão da linguagem e pensamento do homem, ou seja, os processos de criação, transmissão e armazenamento do conhecimento dependem da tecnologia disponível para esse fim a partir dos mecanismos de codificação, entre eles, a escrita.

Partindo-se dessa relação entre o pensamento humano e suas possibilidades técnicas de expressão, a presente pesquisa busca estudar a escrita e suas possibilidades mediáticas. Não o simples processo de escrita como puro método de comunicação, mas a escrita enquanto sistema conectado a uma rede de difusão, em especial a escrita literária – inclua-se aqui a instituição literária –, com observância

em seus movimentos de adequação e passagem do suporte mediático do livro para os mais avançados e contemporâneos sítios virtuais da internet.

Sendo assim, este estudo destina-se a desenvolver uma observação analítica sobre o comportamento da escrita literária sobre o suporte tecnológico da telemática e as transformações apresentadas pela Instituição Literária no ciberespaço, distante da materialidade das páginas dos livros impressos e imersa no ambiente fluido, imediato e interativo do espaço virtual na internet.

Busca-se aqui ressaltar a importância de acompanhar os novos rumos da literatura, visto que ainda é marcadamente através do suporte impresso material e da instituição literária convencional que são transmitidas, através das redes de difusão, as heranças mnemônicas e os conhecimentos constituídos do homem, enquanto ator social.

As produções simbólicas de uma sociedade no instante 't' não podem ser explicadas independentemente das tecnologias da memória utilizadas no mesmo instante. Isso quer dizer que uma dinâmica do pensamento é inseparável de uma física dos vestígios. (DEBRAY, 1995, p.21)

A evolução da oralidade primária para as práticas afinadas com repertórios de novas tecnologias comunicacionais foi um salto evolutivo para a interação do homem em sociedade e permitiu a criação de novos mecanismos de armazenamento e transmissão de seus conhecimentos. E é importante observar que este processo é contínuo e acontece na esteira do desenvolvimento de tecnologias que afloram a cada dia, apontando para mais um estágio de evolução, que abandona os limites dos espaços em branco da folha de um livro para explorar a vastidão da virtualidade do ciberespaço.

Eu defino o ciberespaço como o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores. [...]. Esse novo meio tem a vocação de colocar em sinergia e interfacear todos os dispositivos de criação de informação, de gravação, de comunicação e de simulação. A perspectiva da digitalização geral das informações provavelmente tornará o ciberespaço o principal canal de comunicação e suporte de memória da humanidade a partir do início do próximo século. (Levy, 1999, p. 92 e 93)

A era da informática abriu novas possibilidades para a relação entre as pessoas e as artes, na medida em que as inseriu em um novo espaço, no qual as afinidades entre texto, som e imagem tornaram-se mais intensas e agregadoras. A convergência das mídias permitiu o surgimento de uma arte eletrônica, que passou a se moldar e influenciar a forma como as pessoas interagem com ela. Nos novos suportes e ambientes que resultaram do desenvolvimento tecnológico, foram aplicadas as diversas formas de comunicação e artes, numa tendência cada vez mais convergente, e que veio a constituir-se como a base para a utilização criativa dos componentes do domínio da textualidade, com o movimento, a temporalidade e interatividade.

Desde o advento da telemática e sua popularização, através da informática e dos computadores pessoais, como meio de comunicação e sociabilização, uma nova era para as artes veio, paulatinamente, se formando. O texto, o som e a imagem se imbricaram cada vez mais, adquirindo novas significações, através da facilitadora relação entre máquinas e usuários e implicando em uma mudança ainda mais profunda na produção e recepção dos textos resultantes.

A rede mundial de computadores serviu como suporte para a criação da Ciberliteratura, na qual houve a convergência da comunicação e dos suportes imateriais da imagem e do som combinados à escrita literária no ciberespaço. Assim, a nova forma poética em desenvolvimento, situa-se no cruzamento entre as demais práticas anteriores, tendo o computador como ferramenta para a produção, expressão e propagação.

Foi aqui empregado o termo Ciberliteratura, em alusão aos estudos relacionados à rede, de Peirre Levy, à respeito do ciberespaço e suas variações: cibercultura e ciberarte. Também decorrem desse conceito ramificações como cibercidades, ciberpunk e cibersocialidade, entre tantos outros termos correlatos que explicam diversas contribuições do uso massivo da telemática e da rede.

Sobre as formas mais avançadas da nova sociedade tecnológica, assim como o cyberpunk¹, Kellner (2001) afirma que,

-
1. Cyberpunk: Termo cunhado pelo escritor norte-americano Bruce Bethke, em 1983, em sua short-story homônima. É visto como uma visão de mundo atual que engloba literatura, música, cinema, teorias, a cultura jovem e a cultura da MTV e do computador. A visão cyberpuk reconhece o enfraquecimento do espaço público e o aumento da privatização da vida social, na qual os laços pessoais fortes não existem mais. Para os autores, nesse espaço público as pessoas são tecnologizadas e reprimidas ao mesmo tempo, sendo a tecnologia que media nossas vidas sociais.

Expressam as energias da nova sociedade tecnológica, a alegria e o poder de utilizar novas tecnologias, o êxtase da interação com ela, a pujança possibilitada pelo acesso a novas informações e a novos tipos de comunicação e transcendência de ver imagens e criações de todo o mundo(...). (KELLNER, 2001, p. 409)

E em uma crítica à Baudrillard e sua “utopia realizada”, Kellner (2001, p. 410), explicita a crescente utilização da rede por escritores e da nova sistemática de produção na virtualidade. Segundo ele os ‘intelectuais’ estão ligados ao ciberespaço, com acesso a uma grande quantidade de dados, em alta velocidade e iniciando novos tipos de comunicação por meio de grupos de notícia, de trocas de mensagens, de bancos de dados e de grupos de discussão on-line, escrevendo em alta velocidade e nova intensidade.

O bombardeio de informações, novas técnicas de produção e a velocidade com a qual elas se processam permitiram a constituição de um espaço de produção do saber, ainda em andamento, que está levando a escrita a adquirir outros contornos e simbolismos, distintos daquelas possibilidades oferecidas pelo suporte impresso, além de mais espaços de difusão, renovando a criação do discurso e do conhecimento.

Na linguagem “online”, a informalidade e instantaneidade, associado a muitos outros elementos, configuram um novo tipo de escrita e leitura, cada vez mais plural e igualitária para todas as vozes da sociedade.

Estas novas perspectivas para a linguagem só foram possíveis com a revolução tecnológica, ocorrida nos últimos quarenta anos, a partir da qual a informática tem se associado cada vez mais às telecomunicações, influenciando e invadindo todos os campos do saber e das sociabilidades humanas. Não só o jornalismo, mas também a literatura foi influenciada pelos escritos on-line, absorvendo todas as possíveis contribuições permitidas pelo discurso em rede, incluindo-se aí os já citados recursos do som, imagem e vídeo na sua produção.

Levy aborda a produção telemática sob uma ótica da pluralidade de possíveis artes e interpretações para tal conceito, tendo em vista o universo no qual ela está inserida e a massiva participação do público, como parte fundamental da consolidação das obras e estruturas virtuais. Para ele, entende-se como ciberarte a

arte holográfica, a música Techno, a videoarte, entre outros, como abrangências de formas distintas de um mesmo conceito.

Segundo Levy, uma característica marcante e determinante da ciberarte é a participação do público, não apenas como espectador que interfere na construção de sentidos, mas como co-produtor das obras, dando continuidade ao processo. Por mais que uma obra seja iniciada por um artista institucionalmente assim considerado, a sua vivacidade, continuidade e permanência no ambiente virtual só são possíveis pelo fato de os leitores/co-produtores atuarem de forma ativa em suas leituras, indo além de uma participação interativa 'passiva'.

A tela de Modigliani, por exemplo, está concluída. Nenhuma pincelada lhe falta. Está terminada. O que não quer dizer dos olhares sobre ela, da imaginação, de querer termos a mulher de pescoço longo e cabelos curtos ao nosso lado, etc. [...]. É como se faltassem pinceladas na tela de Modigliani e o público fosse escolhendo as cores, acrescentando cada traço pessoal. Teríamos portanto, uma iniciativa do artista e uma conclusão que estaria além de sua competência e confecção (SALMITO, 2000, p. 225)

Assim como numa pintura que pode sofrer interferências diversas a partir do olhar de cada um dos seus observadores, toda criação expressa em ambiente virtual passa a ter um caráter coletivo, distanciando-se cada vez mais do ideal romântico do artista-gênio, sendo agora, segundo Levy, considerados iniciadores de um processo de criação, sem fim previsível e determinado. O autor é o idealizador da obra, mas sem controle nenhum sobre seu produto final.

O que pensava o autor ao construir sua obra e o significado que o texto passa a adquirir, mais à frente, deixam de coincidir, pois apesar do discurso do autor e o que ele deseja expressar, o sentido passa a ser dado por quem o lê, que pode interpretá-lo de maneiras bastante distintas umas das outras.

A Palavra escrita torna-se sinônimo de autonomia semântica do texto, que resulta da desconexão de uma intenção mental do autor do significado verbal do texto, daquilo que o autor quer dizer e o que o texto quer dizer. As direções tomadas pelo texto escapam do horizonte finito vivido por seu autor. O que o texto significa não interessa mais do que aquilo que o autor quis dizer quando o escreveu. Isto não significa que a intenção do autor tenha sido completamente perdida. Apenas significa que a intenção do autor não pode permanecer fora do texto como critério para interpretá-lo. O texto permanece discurso, um constructo humano escrito por

alguém, acerca de alguma coisa. As intenções do autor portanto tornaram-se uma parte do texto. (VALDÉS, pag. 140, 1996)

Observando as discussões até aqui levantadas, verifica-se a latente demanda por observação das movimentações no sistema de produção e manifestação da literatura no ciberespaço, na medida em que o leitor navegante conectado à rede da internet assume responsabilidades, participação e 'poderes' cada vez maiores na construção do sentido e reconhecimento da escrita literária.

Para observar as novas relações envolvendo a produção literária na internet e o seu sistema de construção e validação enquanto instituição no espaço virtual é tomado como corpus de análise o site de relacionamento Orkut, um software do Google criado em 2004 com o objetivo primário de ajudar seus membros a iniciarem novas amizades e manter as já existentes, transpostas da realidade para a realidade virtual.

Em algumas experiências, a fronteira entre o leitor e o autor de um texto é suprimida e ambos permutam suas posições, chegando mesmo a fundi-las. A fluidez constante do conhecimento e a velocidade de troca de informações propiciadas pela interatividade criam novas formas de escrita, de registro e de reconhecimento da literatura no ciberespaço.

Sendo assim, busca-se com este trabalho, verificar de que forma esta produção contínua influencia na instituição da literatura e de como se processa esta arte, na qual o evento da criação não se resume e nem está mais limitado ao momento da concepção e realização 'inicial' da obra. Olinto (2002) relembra a experiência de Mallarmé de criar a obra denominada 'Le Livre' no final do século XIX, no qual já denunciava as transformações mais perceptíveis e comuns nos dias de hoje no ciberespaço, só possível quase um século depois. Seguindo a ideia de Pierre Levy, Olinto afirma do livro de Mallarmé,

O livro idealizado, sem início e fim, em construção perpétua, único e multivocal, impessoal e vivo, soma de todos os livros, em última análise dispensava a assinatura do autor. Sem impressão digital e de dinâmica autopoietica, construindo, ao contrário, o seu próprio autor, esta obra só ganhava estatuto de realidade a partir de sua potencialidade projetada. (OLINTO, 2002, p. 54)

Desta forma, o principal objetivo desta pesquisa é estudar o Orkut como um espaço para a disseminação da literatura interligada ao ciberespaço, analisando como ela se apresenta e a forma como os usuários constroem seus discursos e diálogos, nos quais se pode observar uma estética literária. Assim, busca observar como os usuários estabelecem uma relação com a poesia e também se apropriam de textos de autores famosos, transmutando os cânones literários do suporte impresso para o ciberespaço. A partir disso, o trabalho busca verificar as possibilidades de existência de uma Ciberliteratura através do que já se pode ser visto na rede social.

Para alcançarmos tal objetivo, o trabalho foi estruturado em cinco capítulos. No primeiro, foi desenvolvida, inicialmente, uma discussão sobre a história da leitura, sob a ótica da influência exercida nela pelas novas tecnologias e as perspectivas de mudanças na literatura em ambiente virtual. O processo de evolução da escrita foi brevemente explicitado, revelando a sua importância na produção e disseminação do conhecimento. Para isso, foram utilizados autores como Chartier (2001) que aborda a questão das transformações pelas quais a leitura, livro e autor, passaram ao longo dos anos, dissolvendo características de sua estrutura e absorvendo novos elementos, causando uma remodelação das categorias. Marcuschi (2005) também é citado em relação à questão do letramento, mais precisamente o letramento digital, que radicalizou o uso da escrita. Bellei (2002) que aborda a questão da ameaça ao livro, provocada pelo uso da tecnologia na produção de novos suportes onde a leitura pode ser realizada, revelando que a ameaça significa um risco para todo um conjunto de estruturas sociais e econômicas, além de identidades pessoais e grupais.

Ainda no primeiro capítulo, é abordada a formação da sociedade, quanto ao letramento como forma de dar voz e direito ao ser humano, possibilitando-o de inferir na realidade. Assim, a sociedade é formada pela orquestração das vozes e, por isso, a pluralidade de vozes encontradas no ciberespaço, revela a possibilidade de formação de uma nova sociedade, instituída de valores e regras, criadas pelos personagens, que a elas se sujeitam também. Para isso, são utilizados as contribuições de Mey (2001), Bakhtin (2006), Koch (2003), Trevisan (1992), e outros que abordam também a questão da heterogeneidade, polifonia e intertextualidade na atividade interacional dos textos em sociedade, onde a presença do outro, cada vez mais frequente, interfere de maneira substancial na escrita.

O segundo capítulo é dedicado ao estudo dos gêneros textuais, tendo em vista que, à medida que se estabelece um novo suporte para sua 'materialização', a escrita se reformula e permite a criação de novos gêneros. Bakhtin (2006) revela que os gêneros textuais são os "tipos estáveis de enunciados" pelos quais os membros da sociedade fazem uso nas relações humanas. Tendo isso em vista, é reconhecido que a variedade de culturas e a complexidade das relações conduz à criação de novos gêneros. Além de Bakhtin (2006), foram estudados Paiva (2005), Marcuschi (2005) e Dimantas (2010) que já agregam aos estudos dos gêneros, as contribuições do ciberespaço e das redes sociais, como meios para a criação de novas formas de comunicação escrita. Marcuschi (2005) afirma que os gêneros realizados na Internet transmutam gêneros já existentes, desenvolve alguns realmente novos e mescla vários outros. Nas comunidades virtuais, emergem os gêneros: e-mail, chat, vídeo-conferência, listas de discussão, diários virtuais e blogs.

No terceiro capítulo, o Orkut é revelado como um espaço onde os gêneros textuais são um híbrido de demais gêneros existentes no suporte tradicional impresso e também já daqueles surgidos no ciberespaço, como o e-mail, o blog e os diários virtuais. É feita neste capítulo uma apresentação da rede social do Orkut, sua forma de utilização e a formação de comunidades, reunindo as pessoas de acordo com um determinado tema e, desta forma, normatizando a forma de escrita neste ambiente e permitindo o surgimento da literatura. Foram utilizados os autores Couto e Rocha (2010), Paiva (2003), Cândido (2008), Levy (1999), Santaella (2007), Baumam (2003), Dizard (2000), Chartier (1999) e Vilas Boas (2008) que introduz o conceito do biografismo e ethos, que é aplicado no trabalho, ao Orkut.

A Instituição Literária é tema da abordagem do quarto capítulo, onde, a partir dos estudos de Casanova (2002) explicita-a como uma política intelectual marcada pelos valores da sociedade e, conseqüentemente, passível de modificações e transformações, agregando novos elementos quando inserida em outros meios, o que lhe confere novos parâmetros institucionais, permitindo, dentro de seu próprio conceito, a criação da Ciberliteratura. São estudados ainda Bourdieu (2009), Bellei (2002), Culler (1999) e Lemos (2002), entre outros.

O quinto capítulo é dedicado à análise da literatura dentro da rede social do Orkut, como forma de verificar se já existe uma literatura genuinamente virtual ou se o que podemos observar é ainda uma transmutação da literatura do livro para a telemática. São retomados os conceitos de leitura, escrita, gêneros textuais e

Instituição Literária, abordados nos capítulos anteriores, a fim de se basear na busca por esta 'nova' literatura.

Para finalizar o último capítulo será dedicado a discutir a existência ou não de uma Ciberliteratura, quais suas regras e suas obras canônicas, seus órgãos de reconhecimento e de celebração de canonização, suas obras primas, sua gramática, seu público, retomando a noção de instituição literária e gêneros textuais já abordados anteriormente, e que nortearão a análise crítica dos aparatos, meios de celebração e de institucionalização e do local como dispositivo de transmissão cultural. Foram selecionados 300 perfis de usuários do Orkut para realizar uma análise quantitativa da utilização da literatura e para observar se há ou não obras canônicas e quais seus critérios de canonização, o que levaria a conclusão de que há, de fato, uma Ciberliteratura.

Capítulo 1

DA ESCRITA EM PAPEL À ESCRITA VIRTUAL: A FORMAÇÃO DE UMA NOVA SOCIEDADE

À sua época, os diferentes suportes instauraram formas de manifestações e práticas culturais próprias e influenciaram nas demais, o desenvolvimento das ciências modernas e a constituição de saberes. Em se tratando do livro, ele é, antes de qualquer coisa, um objeto simbólico, uma instituição e uma tecnologia. Segundo Bellei (2002), a cultura pós-Gutenberg confiou ao livro a tarefa de armazenar e fazer circular praticamente todo o conhecimento considerado relevante, tornando-se uma instituição poderosa e autêntica.

A comunicação humana passou por longos processos de evolução, no qual o alfabeto e em seguida, a escrita, foram fundamentais para a produção e disseminação do conhecimento. De acordo com Castells (1999), foi por volta de 700 a.C que, na Grécia, o alfabeto foi inventado, diminuindo o abismo entre o discurso oral e o escrito e transformando a comunicação humana. A partir da invenção e difusão da imprensa e fabricação do papel, muitos séculos mais tarde, a alfabetização se difundiu.

Contudo, a nova ordem alfabética, embora permitisse discurso racional, separava a comunicação escrita do sistema audiovisual de símbolos e percepções, tão importantes para a expressão plena da mente humana. Ao estabelecer – implícita e explicitamente – uma hierarquia social entre a cultura alfabetizada e a expressão audiovisual, o preço pago pela adoção da prática humana do discurso escrito foi relegar o mundo dos sons e imagens aos bastidores das artes, que lidam com o domínio privado das emoções e com o mundo público da liturgia. Sem dúvida, a cultura audiovisual tece sua revanche histórica no século XX, em primeiro lugar com o filme e o rádio, depois com a televisão, superando a influência da comunicação escrita nos corações e almas da maioria das pessoas. (CASTELLS, 1999, p. 353)

No século XX e início deste século XXI, uma nova transformação na escrita vem se moldando, tendo como pano de fundo a tecnologia. A escrita, desde a sua consolidação como forma de difusão mnemotécnica do conhecimento, que durou

séculos se formando, vê agora uma nova fase de avanços, que ocorrem de forma mais intensa e veloz, transpondo para o suporte virtual, todas as variáveis e gêneros possíveis no suporte impresso do livro, para uma nova realidade, altamente influenciada por esta criação em desenvolvimento.

Chartier (2001) afirma que o livro, a leitura e o autor são categorias que passaram por transformações ao longo dos últimos anos, dissolvendo características indispensáveis na sua estrutura e modo de ser, como no caso da leitura, que segundo ele, mesmo em espaços públicos nem sempre foi uma prática compartilhada, e os escritos, no caso, textos literários, identificavam-se, em primeiro lugar com um nome próprio, com um autor, o que hoje pode ocorrer de forma plural.

Para o universo e história da escrita e leitura, o avanço permitido pelas novas tecnologias fez surgir a cultura eletrônica, ainda à margem, porém que vem ao longo de anos e de diversos processos, conduzindo uma nova economia da escrita, como observa Marcuschi (2005, p. 14). Ele acrescenta que este fenômeno pode ser definido como um 'letramento digital', e que está, por sua vez, radicalizando o uso da escrita.

O letramento, tanto o convencional quanto o de tipo 'computacional', é mais do que uma simples 'tecnologia de informação' que se possui de forma ativa ou passiva. Não é suficiente saber ler e escrever, ou ter acesso à internet e ser um hábil 'surfista', deve-se também saber o que procurar na rede; do contrário (conforme já foi dito), vai-se aonde quer que o surfe, e não nossos corações ou nossas cabeças, nos leve. [...] O letramento da mídia é, antes de tudo, e de acordo com seu aspecto primário, a habilidade de acessar a mídia; posteriormente, no entanto, esse acesso tem que ser praticado de maneiras funcionais, ou seja, devemos saber como, na relação com as tecnologias do conhecimento (da leitura e da escrita ao surfe), nossas ações são inspiradas e condicionadas por nossa posição na sociedade, ao mesmo tempo em que é por elas afetada. (MEY, 2001, p. 237)

A perspectiva de mudanças na literatura em ambiente virtual, ocorre no trato dado às obras, na sua editoração, publicação e, sobretudo, no contato entre as partes envolvidas, aqui entendidas como autores, editores, e, por fim, leitores. O diálogo que se estabelece entre as artes e os meios de comunicação garante uma promissora e frutífera produção, que pode ser percebida mais facilmente, em blogs e sites com produção pessoal de artistas, inclusive produções de vídeo. Ao migrarem para o meio virtual, de linguagens móveis e líquidas, as obras literárias absorveram

outros elementos e significações, que transmutaram todo o seu contexto, ideias e formas.

A novidade do uso da telemática como mais um recurso para produção literária se deu em meio ao surgimento dos discursos apocalípticos que profetizavam o fim do livro face ao avanço tecnológico e segundo os quais o suporte virtual sobressaía-se como o meio capaz de substituir o suporte tradicional, devido às suas peculiares características e capacidade de armazenamento de dados. Na mesma medida, foi crescendo o interesse pela estrutura da hipermídia e se proliferou o surgimento e crescimento das redes de telecomunicação, ligando, segundo Santaella (2007) “rizomaticamente”, todos os pontos do globo.

Nesse contexto, junto com as promessas de universalidade e intercâmbio internacional de idéias pregadas pelos utopistas, tem surgido também muita angústia diante das incertezas quanto ao desaparecimento da cultura do livro. Será que a cultura do livro no seu formato atual, feito de papel, está fadada a desaparecer como desapareceram os rolos de papiro? (SANTAELLA, 2007, p. 15)

O questionamento realizado acima por Santaella, no livro ‘Navegar no ciberespaço’ se estende aos meios de comunicação, como o rádio, a televisão e jornalismo impresso, além de influenciar ainda, nas artes como a música, fotografia, pintura e literatura. Todas elas são unidas no ciberespaço, como em nenhum outro meio, unificando as ideias e traduzindo para um suporte mais plural, todas as qualidades de cada uma das produções.

A ‘ameaça’ ao livro impresso seria segundo Bellei (2002), a ameaça de todo um conjunto de estruturas sociais e econômicas e de identidades pessoais ou grupais. “Mais do que um objeto, portanto, o livro é uma entidade que institui valores comunitários e econômicos e identidades grupais e individuais” (BELLEI, 2002, p. 13). Essa entidade movimenta setores econômicos e estabelece interesses individuais e coletivos. Mas as novas abordagens possíveis através da conexão com a rede e suas interfaces, expandem e redirecionam o sentido objetivo do livro, permitindo aos seus usuários, pensar experiências de leitura pautadas pela hibridização das mídias e cibridização dos espaços. Neste processo, Beiguelman (2003, p. 11) defende a posição e importância do livro diante das novas mídias e suas configurações.

Não se fala de um mundo da leitura sem pressupor uma leitura de mundo, e é inegável que o livro impresso seja ainda a referência

central do universo da leitura on-line e, por conseguinte, da forma como se estrutura essa leitura de mundo. Tão estável e tão paradigmático é o livro impresso que não se conseguiu inventar um vocabulário próprio para as práticas de leitura e escrita on line. (BEIGUELMAN, 2003, pag. 11)

1.1- A formação da Sociedade e o sujeito falante

O letramento pressupõe a participação do homem em uma sociedade, na qual através da voz e do direito a ela, torna-o capaz de se posicionar e interferir na realidade local e até mesmo global, a partir do advento dos computadores e diluição de fronteiras capazes através da Internet. Na formação da sociedade, atribuímos vozes aos seus integrantes, na forma de falantes e ouvintes ou também espectadores, ouvintes desconhecidos e leitores, próximos ou distantes. Sobre o papel do sujeito falante, Bally (*apud* MEY, 2001, p.19) o afirma como “um meio de ação e expressão”. Ele enfatiza a importância da fala em oposição à escuta como Ativo X Passivo, ainda que o processo de escuta deixe o sujeito passivo também bastante ativo no uso da linguagem.

A linguística envolve o uso da linguagem como atividade social e se concentra no papel do falante para discutir em que medida os falantes de uma língua criam a sociedade a qual pertencem e em que grau a linguagem os ajuda nessa tarefa.

Jacob L. Mey (2001) conceitua três tipos de vozes diferentes:

- a voz do membro (de acordo com seus conhecimentos e recursos);
- a voz descritiva (de acordo com a linguística teórica e antropologia estruturalista);
- a voz societal (de acordo com o dialogismo Bakhtiniano e dialético);

O membro realiza suas atividades sem saber o que está acontecendo, o linguista ou cientista social tenta capturar o conhecimento explícito do usuário de um sistema de regras e o integracionista dialético recusa-se a deixar-se aprisionar por dilemas de natureza cartesiana, afirmando que somente pode se pronunciar em um contexto particular da sociedade.

De acordo com Bakhtin no que ele chama de ‘orquestração de um texto’, “a formação da sociedade não é trabalho do indivíduo, mas o indivíduo é responsável

por isso na medida em que é um agente, um personagem, uma voz” (Mey, 2001, p. 27). Sendo assim, a orquestração da sociedade se fundamenta nas vozes dos humanos como instrumentos. As personagens sociais e agentes podem inventar e estruturar a maneira como querem viver, mas da mesma forma, elas se sujeitam às suas próprias criações.

A formação da sociedade não é, portanto, o trabalho de seres humanos individuais, nem o efeito de condições econômicas, políticas, ecológicas, tecnológicas, etc, mas sim aquilo que nós, seres humanos ativos e perceptivos, podemos promover, dadas certas condições temporais e espaciais e no interior do quadro de natureza e cultura, história e visões que nos cercam. Dado isso, podemos observar de que forma as condições possibilitadas pelo ciberespaço influenciam também na formação de uma nova sociedade, desta vez, virtual, na qual os agentes estruturam novas formas de arte e a elas se sujeitam.

1.2 - A comunicação e a informação

Na atual sociedade da informação, os agentes do poder são aqueles que mantêm e garantem a distribuição da informação sob qualquer forma e através de qualquer meio, em oposição a modos anteriores de organização, nos quais a produção parecia ser o conceito-chave em matéria de controle social.

(...) a informação é usada como uma expressão metafórica que cobre toda ou grande parte da necessidade que as pessoas modernas têm de segurança e confiança nelas mesmas e no mundo que as cerca. As doses diárias de informação ajudam as pessoas a continuar em suas atividades diárias, independentemente de quão triviais ou entediadas possam ser. O fluxo contínuo de informação ajuda, pois, a assegurar a suave operação do estado moderno; ele assegura o tecido social entretecendo seus fios no tear de nossos negócios. (MEY, 2001,p.55)

A forma de a sociedade se expressar e informar é através de textos, entendidos como a organização coletiva de suas vozes. Esses textos podem ser escritos ou preservados oralmente, dependendo da cultura da sociedade particular. “No início dos tempos, a palavra falada era considerada algo de verdadeira importância no mundo dos textos; aqueles que precisavam contar com notas escritas eram marginalizados como atores menores”. (MEY, 2001, p.79)

A totalidade de práticas que compõe a vida diária de uma comunidade pressupõe a existência do texto. Esse sistema de crenças, tradições, regras morais, divisão de trabalho, é o que chamamos de discurso. As vozes não são produzidas ou compreendidas em um vácuo. A cada voz corresponde um personagem, um agente social. A voz expressa o modo como está organizada a posição do personagem na sociedade e o texto é o seu resultado.

A partir disso, em cada mundo social particular, existe dissonância de vozes que não soam no mesmo tom ou estão fora dele. Para se fazer ser ouvida, uma voz deve ter algumas qualificações, como a habilidade de ler e escrever, o que chamamos de letramento, condição de admissão no mundo social. Contudo, não são todas as vozes que podem ser ouvidas, segundo Jacob L. Mey, nem todas as vozes têm o mesmo estatuto, e isso a despeito do princípio da democracia. (MEY, 2001, p. 81). Num sistema democrático, a voz torna-se direito de todos, mas as atenções são voltadas para um pequeno grupo seletivo de pessoas que podem se fazer serem ouvidas.

A voz que está sendo ouvida não é a de um membro da sociedade, mas sim um membro informado por ela e pertencente a uma classe, como acrescenta Bourdieu:

Em uma sociedade de classes, todos os produtos de um dado agente, em função de uma sobredeterminação essencial, falam inseparavelmente e simultaneamente de sua classe – ou mais precisamente, da posição deste na estrutura social, assim como sua trajetória ascendente ou descendente – e de seu corpo (...). (MEY, 2001, p.81)

Há uma diferença entre ser reconhecido e ter reconhecimento. Ser reconhecido pode ser explicado como quando estamos longe de casa e ouvimos a voz de alguém ao telefone. Já ter reconhecimento se baseia no status atribuído a alguém, sendo este levado a sério quando assuntos relevantes são discutidos ou contestados. Outra questão é o fato de que o corpo também fala, como o dedo indicador levantado, o coração sangrando ou mesmo uma dor de cabeça. A expressão do corpo do revolucionário, por exemplo, é tradicional e emblematicamente concentrada no punho esquerdo erguido representando a força revolucionária e intenção de revolução do discurso.

A existência do texto pressupõe um emissor e um receptor. O texto não é feito para si mesmo, nem para o autor somente e não fica à deriva sem que haja um alvo

para o qual ele esteja orientado. Isso pode ser percebido no que Bakhtin chama de “endereçoamento” (addressivity), traduzida do russo obrashchënnost. A língua em uso tem necessariamente um elemento de direcionamento, quando a usamos sugerimos a existência de alguém a quem se dirigir, um parceiro no diálogo.

Um enunciado requer tanto um falante como um ouvinte (ou um escritor e um leitor), que tenham a propriedade conjunta do mesmo. Dito de outra forma, o “endereçoamento” é uma característica consistente, necessária a cada enunciado, ‘sua qualidade de estar direcionado para alguém’... sem isso (o endereçoamento) o enunciado não existe e não pode existir”. (MORSON e EMERSON apud MEY, 2001, p.108)

A visão do uso linguístico como fundamentalmente dialógico sugere que o parceiro (ouvinte) não é apenas passivo das emissões do falante, mas sim, parte integral da comunicação e co-proprietário do enunciado. Por isso, o autor não percebe o impacto do seu texto antes que isso lhe seja confirmado pela leitura da recepção do público. Isso explica em parte o “porquê” de o sucesso ser tão desejado e importante para os autores, pois além do aspecto financeiro, ter sucesso significa ir a algum lugar, “chegar lá”.

A virada da leitura não fica limitada ao virar das folhas de um livro. Ela tem implicações também para o leitor. Ele não é passivamente endereçado, mas orienta-se ativamente para o autor, buscando a sua parceria no texto. É essa a atividade de consumo do texto.

Em nossa sociedade, os textos são as drogas mais importantes (o que explica a ferocidade com que textos e autores foram perseguidos por regimes não democráticos; textos sendo queimados e seus usuários condenados à infâmia e à morte, com nos autos-de-fé da Inquisição). (MEY, 2001, p.109)

1.3 - O texto como atividade interacional

O texto é considerado uma atividade interacional com um objetivo ou finalidade, segundo as teorias sócio-interacionais. A atividade verbal “teoria da atividade (social) humana, que se especifica em uma teoria da atividade (comunicativa) verbal” (Koch, 2003, p.13) tem três fatores importantes: motivação, finalidade e interação. Com isso, admite-se que a atividade precisa proceder de um

interesse e ter uma finalidade, ambos formados através da situação em que o indivíduo se encontra.

Podemos dizer, numa primeira aproximação, que textos são resultados da atividade verbal de indivíduos socialmente atuantes, na qual estes coordenam suas ações no intuito de alcançar um fim social, de conformidade com as condições sob as quais a atividade verbal se realiza. (KOCH, 2003, p.26)

Desta forma, Koch define que o texto não é totalizador do sentido, mas sim uma ferramenta para se chegar a este objetivo. Através do texto, o leitor pode se deparar com pistas que levem ao sentido, através da utilização de estratégias cognitivas e interacionais. Segundo Koch (2003), as estratégias cognitivas são estratégias de uso do conhecimento e não se baseiam apenas nas construções e características dos textos, mas também nos leitores. Elas se relacionam a objetivos, informações que o texto oferece e questões relacionadas à personalidade do leitor, como opiniões e atitudes.

Desta forma, as estratégias cognitivas consistem em estratégias de uso do conhecimento, e esse uso, em cada situação, depende (...) da quantidade de conhecimento disponível a partir do texto e do contexto, bem como de suas crenças, opiniões e atitudes, o que torna possível, no momento da compreensão, reconstruir não somente o sentido intencionado pelo produtor do texto, mas também outros sentidos, não previstos ou mesmo não desejados pelo produtor. (KOCH, 2003, p. 35)

Deste modo, de forma que um texto não expõe uma informação pronta, mas sim caminhos que podem auxiliar na construção de sentidos, cada leitor pode adicionar à produção textual, seus sentidos próprios de conhecimento e isso torna-se maximizado quando se trata de escritos publicados no ciberespaço, onde a possibilidade de intervenção nos textos é maior.

O sentido de um texto não advém da soma de frases que o constituem, mas decorre do todo, através de dois planos de organização do texto, o macroestrutural e o microestrutural, que constituem, respectivamente, a coerência e a coesão, dois níveis distintos, porém intimamente relacionados. (TREVISAN, 1992, p. 20)

A coerência e a coesão são partes imprescindíveis para a construção do sentido. A coesão é o plano da junção apropriada de elementos linguísticos, ou seja, como eles são sequenciados; já a coerência está relacionada a noções mais profundas que encontramos no texto, que contém informações organizadas. A construção de sentidos ocorre quando o texto é considerado coerente. E esta coerência é captada pelo leitor uma vez que ele obtém a ideia macroestrutural do texto, ou seja, a coesão, que lhe permite compreender do que o texto está falando e então chegar ao sentido. Trevisan salienta que para chegar à coerência, é preciso ter a noção das macroestruturas semânticas.

Estas macroestruturas semânticas, segundo ela, derivam de sequências proposicionais a partir do texto, com a ajuda de macrorregras. As macrorregras têm a ver com estruturas temáticas, e sua função cognitiva é essencial para a compreensão do texto. Ele afirma que sem elas, um usuário da língua será incapaz de estabelecer a coerência textual, de inferir os temas ou conteúdos de discussão global.

De acordo com Trevisan (1992), a coerência depende mais da posição do leitor quanto ao texto que está sendo lido. Ele afirma que ela não está presente no texto, mas passa a ser desenvolvida de acordo com as interpretações e sentidos possíveis, já que é possível tornar uma frase coesa também coerente de acordo com o processo cognitivo do leitor. O sentido do texto passa a ser criado tendo como ponto de partida a coerência determinada pelo leitor.

A construção da coerência, portanto, depende fundamentalmente do receptor, de sua atitude de cooperação, de sua habilidade em desvendar o sentido do texto e, especialmente, de sua bagagem cognitiva. (TREVISAN, 1992, p. 23)

O leitor possui papel imprescindível na leitura e vários fatores influenciam para que isso ocorra, tais como o seu conhecimento de mundo, que relaciona todas as informações absorvidas por ele ao longo da vida. O conhecimento, armazenado na memória, auxilia o leitor a fazer relações do que ele sabe com o que lê e, para existir conexão, é necessário que haja semelhança de alguma forma entre o conhecimento de mundo tanto do leitor quanto do autor do texto. Segundo Trevisan (1992), um elemento que pode facilitar essa conexão é a inferência.

A autora define as inferências como “conexões realizadas a partir dos elementos formais fornecidos pelo texto (Trevisan, 1992, p. 53). Tal elemento possui como função compreender as informações que o texto não traz, ou seja, o leitor faz conexões na leitura para conseguir ter também informações que não estão contidas no texto. Trevisan (1992, p. 56) cita como exemplo de alguns tipos de inferência, as ‘informacionais’, que são realizadas pelo leitor ao tentar responder às questões como “quem, o que, onde e quando”, cujas respostas precisa conhecer para entender o texto. Há também as ‘elaborativas’ e as ‘avaliativas’ que respondem às questões “como” e “por que”, respectivamente.

As inferências avaliativas implicam uma leitura que vai além daquela somente literal que o texto oferece. É uma inferência que ocorre quando o leitor compreende o que está por traz do texto, seu objetivo, o que ele quer transmitir. “Assim o leitor leva em conta o comportamento que não é explicitado no texto e preenche as lacunas existentes através das inferências”. (Trevisan, 1992, p. 56). O contexto, além do papel de casa leitor, também tem sua função no processo de inferência, pois no ato da leitura o conhecimento prévio não acontece apenas através da junção de palavras e frases, mas sim de acordo com as situações contidas no texto.

Associada à recepção de textos, também há estudos acerca da forma como o lemos, os processos cognitivos. Eles se iniciam com o movimento dos olhos ao ler o texto. Este movimento é chamado de ‘movimento sádico’. Através dele, o leitor não lê palavra por palavra, já que este movimento não é linear, mas fixa seus olhos em um determinado trecho, no processo denominado de fixação, e depois muda para outro trecho. As fixações dependem da dificuldade da leitura e isso influencia no movimento sádico, que pode ser rápido se o texto tiver informações de fácil compreensão para o leitor, ou mais lento se o material for mais complexo.

Outros movimentos que também interferem no processo de leitura, são os movimentos progressivo e regressivo. A velocidade de leitura depende destes movimentos e quanto mais complicado é um texto, mais o leitor utiliza dos movimentos regressivos, permitindo que ele controle a leitura de acordo com a sua compreensão sobre o que lê. Com a fixação o olho lê a palavra claramente, mas com os movimentos sacádicos, a visão é periférica. Segundo Kleiman (2000, p.33), isso aponta para o fato de que grande parte do material que lemos é adivinhado ou inferido, não é diretamente percebido.

Ao se discutir o texto, um ponto que não deve ser ignorado e que é visto com bastante frequência no Orkut, demais redes sociais e com mais liberdade em toda a rede que em outros suportes, é a intertextualidade. Ou seja, as permutações e conexões que acontecem entre dois textos.

Isso significa que todo texto é um objeto heterogêneo, que revela uma relação radical de seu interior com o seu exterior; e, desse exterior, evidentemente fazem parte outros textos que lhe dão origem, que o predeterminam, com os quais dialoga, que retoma, a que alude, ou a que se opõe. (KOCH, 2003, p.59)

1.4 - Intertextualidade

A interação entre textos é um fator importante e constituinte de novos textos e Koch (2003) afirma que todo e qualquer texto pode fazer referência ou conversar com outro, através da intertextualidade, que ocorre em sentido amplo ou restrito. A intertextualidade em sentido amplo é chamada de interdiscursividade, apontando que um texto não se constrói sozinho, mas que vários textos se relacionam e são mediadores entre si. Já a intertextualidade em sentido restrito é a relação que um determinado texto faz com outros já produzidos anteriormente. Este segundo tipo, vale salientar, é o mais comumente utilizado pelos usuários do Orkut.

Esta intertextualidade pode se dar em relação ao conteúdo, quando os textos falam de um mesmo assunto, explicitamente, quando o texto com o qual faz intermédio é citado, ou implicitamente, quando não ocorre citação, semelhanças ou diferenças para argumentação e outros intertextos de mesma autoria ou de outro autor. “Todas essas manifestações da intertextualidade permitem apontá-la como fator dos mais relevantes na construção da coerência textual”. (KOCH e TRAVAGLIA, 1989 apud KOCH, 2003, p. 64).

Ainda dentro da intertextualidade, há o conceito de polifonia. Bakhtin concebeu duas modalidades no estudo de prosa romanesca: o monológico e o polifônico. Estão associados ao conceito de monológico, o monologismo, autoritarismo e acabamento enquanto que a categoria de polifônico apoia-se nos conceitos de realidade em formação, inconclusibilidade, não acabamento, dialogismo e polifonia. Como gênero em formação, sujeito a novas mudanças, cujas personagens são sempre representadas em um processo de evolução que nunca se conclui decorrem a inconclusibilidade e o não acabamento. Ao autoritarismo se associa a indiscutibilidade das verdades veiculadas por um tipo de discurso, ao

dogmatismo e o acabamento associa-se ao apagamento dos universos individuais das personagens e sua sujeição ao horizonte do autor.

Na polifonia, as personagens do universo romanesco estão em permanente evolução. O dialogismo e a polifonia estão veiculados à natureza ampla e multifacetada do universo romanesco, ao seu povoamento por um grande número de personagens e à capacidade do romancista para recriar a riqueza dos seres humanos traduzida na multiplicidade de vozes da vida social, cultural e ideológica representada.

A diferença entre monologismo e dialogismo é que no discurso monológico “o autor concentra em si mesmo todo o processo de criação, é o único irradiador da consciência, das vozes, imagens e pontos de vista do romance”, como afirma Brait (2005, p. 192). A visão monológica não admite a existência da consciência responsiva do outro, não existe o “eu” isônimo do outro, o “tu”. Nesta modalidade, o outro nunca é consciência, é mero objeto de um “eu” que tudo informa e comanda. O monológico é algo concluído e surdo à resposta do outro, não reconhecendo nele, força decisória.

O monológico quer ser a última palavra, descartando o outro como entidade viva, falante e veiculadora das múltiplas facetas da realidade social, coisificando em certa medida toda a realidade. Segundo Bakhtin, no monologismo as personagens não têm mais nada a dizer. Já disseram tudo e agora, cabe ao autor, a partir de sua visão distanciada, dizer a última palavra por elas e por si.

O romance polifônico, por sua vez, só pôde ser concebido na era capitalista e na Rússia, de Bakhtin, onde uma diversidade de universos e grupos sociais individualizados e conflituosos rompeu o equilíbrio ideológico, criando os múltiplos planos e as múltiplas vozes da existência, indicando que a essência conflituosa da vida social em formação não cabia nos limites da consciência monológica.

O dialogismo foi a libertação do indivíduo, que de escravo mudo da consciência do autor se torna sujeito de sua própria consciência. A polifonia representa este novo universo. No enfoque polifônico, a autoconsciência do personagem é o traço dominante na construção de sua imagem, pressupondo uma posição radicalmente nova do autor na representação da personagem.

O enfoque dialógico surge a partir do autor que vê, interpreta, descobre esse outro “eu”, exigindo um novo enfoque desse homem. É essa posição radical, que transforma o objeto em outro sujeito, que se revela livremente. O que caracteriza a

polifonia é a posição do autor como regente do grande coro de vozes que participam do processo dialógico.

Mas esse regente é dotado de um ativismo especial, rege vozes que ele cria ou recria, mas deixa que se manifestem com autonomia e revelem no homem um outro “eu para si” infinito e inacabável. Trata-se de uma “mudança radical de *posição do autor* em relação às *pessoas* representadas, que de *pessoas* coisificadas, se transformam em individualidades”. (BEZERRA, 2005, p.194)

Na polifonia, há uma multiplicidade de vozes e consciências independentes, todos representantes de um determinado universo e marcados por suas peculiaridades. Nenhuma dessas vozes torna-se objeto do autor que deseja manuseá-las em seu discurso, mas sim sujeitos de seus próprios discursos. No discurso, as personagens e suas consciências se definem no diálogo com outros sujeitos-consciências, todos com o mesmo valor, se inter-relacionando.

Para Bakhtin, a palavra tem natureza dialógica, sendo usada a partir de um efeito de sentido que o sujeito pretende alcançar no momento da enunciação, ou seja, no momento do uso concreto da língua.

O dialogismo é característica essencial da linguagem: o enunciado vivo, surgido pensadamente num determinado momento histórico e num meio social determinado, não pode deixar de tocar milhares de fios vivos e dialógicos, tecidos pela consciência social-ideológica em torno de um objeto dado de enunciação, não pode deixar de tornar-se um participante ativo do diálogo social. (BAKHTIN, 2006, p. 93)

O fato de ser ouvido, por si só, já estabelece uma relação dialógica. A palavra quer ser ouvida, compreendida, respondida e quer, por sua vez, responder a resposta. Nesse diálogo, o sentido não tem fim, pois está em eterno curso. O discurso, até atingir seu objetivo que é o de persuadir e construir sentidos, baseia-se nas relações que mantêm com o Outro, com o interlocutor. Na produção de um discurso, as palavras são sempre escolhidas levando-se em consideração as palavras do Outro. Essas palavras, que já foram ditas em algum lugar da história e, por isso, impregnadas de valores ideológicos, modificam-se de sentido quando postas em uso de novo. A teoria polifônica de Bakhtin afirma a existência de uma pluralidade de vozes que compõem um discurso, sem que uma delas se sobressaia ou julgue as demais.

Ducrot (1980 apud KOCH 2003, p. 64) assinala que o termo polifonia é utilizado

Para designar, dentro de uma visão enunciativa do sentido, as diversas perspectivas, pontos de vista ou posições que se representam nos enunciados. Para ele, o sentido de um enunciado consiste em uma representação (no sentido teatral) de sua enunciação.

A partir daí, Koch (2003) delimita as diferenças entre a polifonia e a intertextualidade.

Na intertextualidade, a alteridade é necessariamente atestada pela presença de um intertexto (...). Em se tratando de polifonia basta que a alteridade seja encenada, isto é, incorporam-se ao texto vozes de enunciadores reais ou virtuais, que representam perspectivas, pontos de vista diversos, ou põe em jogo “topoi” diferentes, com os quais o locutor se identifica ou não. (KOCH, 2003, p. 73)

A intertextualidade pode ser confundida com a polifonia, pois é constitutiva de todo e qualquer discurso, porém, ela é menor do que a polifonia, já que ocorre quando um texto está inserido em outro texto (intertexto) produzido anteriormente. Assim, para que a intertextualidade seja identificada, é preciso que o texto retomado esteja na memória discursiva dos interlocutores ou que seja de uma memória coletiva. Todo texto é também um intertexto, o que quer dizer que “outros textos estão presentes nele, em níveis variáveis, sob formas mais ou menos reconhecíveis” (Barthes apud Bentes, 2001, p. 269).

1.5 - A Heterogeneidade

O discurso é constitutivamente heterogêneo. É condição para qualquer discurso ser uma resposta para outro, isso explica o fato de o discurso ser dialógico. O diálogo constitutivo do discurso remete a formações ideológicas que produzem o entrelaçamento de vozes. A presença do outro é inevitável, orientando a construção que o sujeito faz do mundo. Dessa forma, a percepção de mundo de cada sujeito apresentada nos textos, não é individual, mas sim social. São as vozes sociais em diálogo, constituindo heterogeneamente o texto, ancorando-se na história.

As diversas vozes ideológicas firmam a heterogeneidade constitutiva dos textos, na medida em que quando um discurso remete a outro, o realiza de forma organizada e coerente, constituindo um novo enunciado a partir das prescrições e normas ditadas socialmente.

Jacqueline Authier-Revuz, amparada no dialogismo bakhtiniano, compara a heterogeneidade constitutiva, que é o entrecruzamento inevitável de vozes do 'eu' e do 'outro' em qualquer discurso, com a heterogeneidade mostrada, que é intencional. A heterogeneidade mostrada desenvolve-se a partir da constitutiva, negociando com ela para mostrar a presença do outro no discurso. Ela incide sobre as manifestações explícitas, recuperáveis a partir de uma diversidade de fontes de enunciação, enquanto que a Heterogeneidade constitutiva não é marcada na superfície do texto, mas que pode ser definida formulando hipóteses. A reelaboração dos dizeres que está na origem da constituição do dizer, é responsável pela heterogeneidade dos discursos. Quando o discurso de outrem se revela de forma explícita na materialidade textual, Authier-Revuz a denomina como heterogeneidade mostrada

No discurso, a heterogeneidade mostrada é percebida pela presença do outro, delimitada por marcas que a separam do enunciador citante, estabelecendo o confronto entre as enunciações citante e citada. O outro do discurso citado será o interlocutor caso a voz que o transmita seja reproduzida em discurso direto e será o locutor, caso a voz citada seja reproduzida em discurso indireto. Quando do discurso indireto, a enunciação citada é absorvida pela voz do narrador, que a reformula. Nessa reformulação, o narrador dilui as marcas enunciativas do discurso citado, como por exemplo, a interrogação, a exclamação, as aspas e o itálico.

No discurso direto, percebemos a presença de duas enunciações separadas, a do narrador (enunciador) e a do outro sujeito, o interlocutor, aquele que, no enunciado, aparenta também estar presente. Essa heterogeneidade pode ficar marcada pelo uso de aspas, itálico, travessão, que separam na manifestação do texto a voz do narrador e a do interlocutor. No discurso indireto, a presença do outro fica subordinada à voz do narrador que a cita.

Da heterogeneidade mostrada, surge a heterogeneidade marcada não mostrada, que reúne a ironia, o discurso indireto livre, a paródia e a estilização. Nela, o 'eu' mostra deliberadamente o 'outro' mas não o restringe a marcas específicas.

Tendo em vista tais elementos constitutivos da escrita, percebemos que o letramento digital e a formação de uma sociedade em rede, composta por tribos, regras e normas e, ao mesmo tempo, livre de conceitos e determinações lógicas, é possível graças a pluralidade de vozes que democraticamente tomam lugar no espaço e se fazer ser ouvidas, lidas ou vistas. A intertextualidade, polifonia e heterogeneidade, são, como poderá ser visto mais a frente, elementos balizadores para a compreensão da produção virtual, seja ela uma Ciberliteratura ou apenas uma transmutação de suportes.

Capítulo 2

DOS TIPOS ESTÁVEIS DE ENUNCIADOS IMPRESSOS AOS ELETRÔNICOS: A FORMAÇÃO DE NOVOS GÊNEROS TEXTUAIS

Antes de entrar nas mudanças promovidas a partir do advento e massificação dos computadores e em seguida da internet como meio de comunicação e produção de bens culturais influenciando de forma substancial na escrita e leitura, de forma a produzir novos gêneros textuais, convém, explicitar à luz do que teoriza Bakhtin, o que se configura como um gênero textual.

Os enunciados e seus tipos, isto é, os gêneros discursivos, são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem. Nenhum fenômeno novo (fonético, léxico, gramatical) pode integrar o sistema da língua sem ter percorrido um complexo e longo caminho de experimentação e elaboração de gêneros e estilos. (BAKHTIN, 2006, p. 268),

2.1 - Gêneros textuais

Bakhtin (2006) considera como um gênero textual como os “tipos estáveis de enunciados” nos quais a utilização da língua é elaborada, em determinados campos da comunicação, onde o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional estão ligados. Assim, apesar da particularidade de cada enunciado, como todos os campos da atividade humana estão indiscutivelmente associados ao uso da linguagem, nada mais normal que haja uma grande infinidade de gêneros textuais.

A variedade de culturas, diálogos e relações humanas é o que permite esta variedade de gêneros e à medida que elas se tornam mais complexas, a linguagem também sofre interferência, o que revela a heterogeneidade dos gêneros, sobre os quais Bakhtin inclui relatos do dia-a-dia, a carta, o comando militar, o repertório de documentos oficiais e o diversificado universo de manifestações publicistas, entre outros.

Aqui é de especial importância atentar para a diferença essencial entre os gêneros discursivos primários (simples) e secundários

(complexos) – não se trata de uma diferença funcional. Os gêneros discursivos secundários (complexos – romances, dramas, pesquisas científicas de toda espécie, os grandes gêneros publicísticos, etc.) surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente o escrito) – artístico, científico, sociopolítico, etc. No processo de sua formação eles incorporam e reelaboram diversos gêneros primários (simples), que se formaram nas condições da comunicação discursiva imediata. (BAKHTIN, 2006, p. 263)

Segundo Bakhtin (2006), a diferença entre os gêneros primários e secundários é extremamente grande e o estudo da natureza deles nos diversos campos da atividade humana é importante para o campo da linguística e da filologia. Para trabalhar com a linguística, o teórico aborda o estilo. Segundo ele, todo enunciado, seja ele oral ou escrito, primário ou secundário, é individual e por isso pode ter estilo individual, por se tratar de um reflexo da individualidade do falante. Entretanto, ele explica que nem todos os gêneros são igualmente propícios a terem um estilo individual. Neste perfil, se enquadram os gêneros de discurso que requerem uma forma padronizada, como os documentos oficiais militares.

Na construção de nossos discursos, optamos por utilizar um gênero textual e não outro, de acordo com as especificidades de cada momento. Os gêneros são muitos e mais flexíveis que a língua e, por isso, a individualidade do falante, quanto ao estilo, só se processa no momento da escolha de qual gênero utilizar. Segundo Bakhtin, a multiplicidade de gêneros é determinada pelo fato de que eles são diferentes em função da situação, da posição social e das relações pessoais de reciprocidade entre os participantes da comunicação.

Além dos vários gêneros, a entonação também é fundamental no processo de individualidade enunciativa do falante. De acordo com o gênero e sua permissibilidade de tornar individual o estilo, ele requer um tom de fala, de escrita, o que possibilita tornar particular o enunciado. A partir desta entonação, pode-se inclusive, misturar gêneros, transmutando um discurso oficial, através da paródia, por exemplo, para gêneros de esferas diferentes.

A mudança mais recente na escrita e leitura começou a se processar com o uso e aprimoramento dos computadores, que permitiu a intensificação das trocas de informação através das máquinas e acentuou o progresso da ciência “por permitir ao homem uma ampliação de sua capacidade de processar, manipular e tirar conclusões de volumes cada vez maiores de informação”, como afirma Youssef e

Fernandez (1988, p. 26). Apesar disso, na escala da evolução da informatização, sua utilização se dava ainda de passiva, em virtude de apenas os setores do Estado e as áreas científica e militar terem acesso à máquina.

Esse processamento racional da informação por meios automáticos, especialmente computadores, caracteriza o surgimento na década de 60 de uma nova ciência denominada informática. O termo informática foi criado pela junção dos vocábulos informação e automática. (YOUSSEF e FERNANDEZ, 1988, p. 25 e 26)

Ao deixar de ser um privilégio de alguns setores para se tornar uma prática comum ao alcance de todos, com finalidades mais diversas possíveis, sendo estabelecidas de acordo com a necessidade de cada usuário, grupo social ou instituição, a informatização da sociedade conferiu ao novo suporte um cunho sociológico, por modificar comportamentos e estar presente na vida de seus usuários de maneira determinante e transformadora.

Ao escreverem o livro 'Informática e Sociedade', em 1988, Youssef e Nicolau, afirmaram que os produtos básicos possíveis da informática, através da popularização dos computadores eram a informação, a tecnologia e o conhecimento, que seriam realizados e ampliados a partir da crescente necessidade de informação. Pode-se a isso acrescentar como um princípio básico da informática, o relacionamento, tendo em vista as genuínas e significativas possibilidade de relações interpessoais, minimizando a geografia e criando guetos e comunidades possíveis e sobreviventes apenas no meio virtual. Através destes chamados 'princípios', se deu a mudança e identificação de gêneros textuais virtuais.

As formas de relacionamento via suporte virtual e toda a abrangência da informatização conduziram a comunicação a produzir peculiaridades na mídia eletrônica. O gênero textual da comunicação mediada por computador surgiu numa relação muito estreita com mudanças institucionais, formas de relacionamento e tecnologias. Elas só podem ser percebidas e analisadas de forma situada, através de comunidades, história, cultura e propósitos comunicativos, porque são recentes e estão centradas em um meio no qual as mudanças se processam de maneira muito veloz e significativa, considerando pequenos espaços de tempo.

Defino gêneros textuais como sistemas discursivos complexos, socialmente construídos pela linguagem, com padrões de organização facilmente identificáveis, dentro de um continuum de

oralidade e escrita, e configurados pelo contexto sócio-histórico que engendra as atividades comunicativas. (PAIVA, 2005, p.76)

A participação ativa dos usuários é, talvez, o principal motivo da intensa evolução dos gêneros textuais no ciberespaço. A partir da interatividade, o internauta comum passou a fazer parte do processo de criação, determinando a ‘pessoalidade’ a qual se configuram as novas formas de produção de texto. Muito já se fala sobre blog, chat e e-mail, que, de forma instável e em um constante processo de atualização, tomam a frente entre os textos mais característicos do meio virtual, expondo a heterogeneidade tipológica genuína do ambiente virtual.

Seguindo a visão bakhtiniana, que situa a produção textual como resultante de uma realidade histórica, social e cultural, percebemos o grau de participação da rede mundial de computadores como meio determinante desta época, interferindo também na forma como a sociedade se expressa e se comunica. Segundo Bakhtin (1997, p. 279), as esferas da comunicação são formadas por um repertório de gêneros e, na medida em que elas se complexificam, os gêneros também tendem a se reformatar, pois entram em um processo complexo de formação, para dar conta das novas necessidades que surgem.

Um dos aspectos essenciais da mídia virtual é a centralidade da escrita, pois a tecnologia digital depende totalmente da escrita. Assim, nessa era eletrônica não se pode mais postular como propriedade típica da escrita a relação assíncrona, caracterizada pela defasagem temporal entre produção e recepção, pois os bate-papos virtuais são síncronos. [...] Contudo, é bom ter cautela quando se afirma que algo de novo está acontecendo, pois essa propriedade do bate-papo virtual não implica importação automática de propriedades da fala. Existem vários aspectos a serem considerados, pois as novas tecnologias não mudam os objetos mas as nossas relações com eles. (MARCUSCHI, 2005, p. 18)

Ainda segundo Marcuschi (apud Crystal, 2005, p. 19), do ponto de vista dos gêneros realizados na internet, ela “transmuta de maneira bastante complexa gêneros existentes, desenvolve alguns realmente novos e mescla vários outros”. Segundo ele, a noção de que cada nova tecnologia renova o mundo por completo é uma ilusão, mas influenciam e podem possibilitar mudanças, principalmente em nossas relações com elas. Foi Bakhtin (2005) quem designou o processo ‘transmutação’ de gêneros primários em novos gêneros, quando do surgimento de novas esferas, com estilo similar ao domínio discursivo que o absorveu.

Bakhtin (2005) observa que a modalidade da língua escrita vem passando por um contínuo processo de transmutação e criação de novos gêneros, já que muitos daqueles considerados primários estão saindo de suas esferas de origem para outras.

Estas modificações em grande parte estão relacionadas a adaptações ou atualizações de modelos comunicacionais já existentes e que podem se tornar obsoletos, devido à emergência de novos suportes e suas especificidades de velocidade, interação e participação. Desta forma, a tecnologia dos computadores oferece novas perspectivas para o uso da escrita no meio eletrônico, com novas possibilidades de inovação.

Dentre as novidades está o hibridismo entre a escrita e outros suportes como o do som, da imagem e da animação, numa profusão semiótica de novos significados, que ainda assim mantém a produção textual fundamentalmente baseada na escrita. O que se modifica, com mais clareza em relação ao texto verbal é no que tange à ortografia, que apela para o uso abundante de gírias, siglas e abreviações.

Aliado a adição de outros elementos ao texto, como a imagem e o som, e a possibilidade de publicação e divulgação imediata, as construções textuais virtuais transitam por diversos segmentos e qualquer internauta pode se tornar um potencial escritor, dada a abrangência do ciberespaço. O distanciamento que existia entre quem escreve e quem lê é sublimado pela interatividade proporcionada pela telemática.

Salvos dos altos custos de edição, impressão e divulgação, além do necessário reconhecimento pelo senso comum do ser 'escritor' e de seus escritos serem 'literários', a Internet abriu espaço para os autores marginalizados e pessoas que, sem o intuito de se tornar 'best sellers', alcançaram um meio para se expressar e garantiram leitores.

Todo o barulho da publicidade e toda a graxa da promoção são empregadas nas seleções do clube do livro, de cujas vendas não procede o grosso da renda do editor. Outra faceta da mesma dificuldade é o fato de precisarem os editores competir furiosamente pela oportunidade de ter um livro, ou livros, escolhido por um clube. Daí que todos se voltem para o mesmo tipo ordinário de 'best seller' e essa falta de variedade produza grandes massas de livros que se reproduzem e se transformam com facilidade em drogas no mercado. (DUTSCHER, 1957, p.157)

A liberdade e interatividade proporcionadas pela telemática fazem com que a linguagem e discurso eletrônico do espaço virtual situem-se ainda em um estágio “selvagem e indomado”, como observou Crystal (2001), provocado até mesmo pelo “anonimato”, com o qual eles se constroem. Segundo Marcushi (2005, p. 19), isso favorece o lado instintivo dos usuários, desde na escolha de apelidos utilizados, até mesmo nas decisões linguísticas e estilísticas que lançam mão. Trata-se de uma estética em busca de seu cânone, se é que isso pode acontecer.

Marcushi (2005) é um dos autores que mais discutiu a questão dos gêneros surgidos no espaço virtual e segundo ele, a imensa rede social virtual que emerge “liga os mais diversos indivíduos pelas mais diversificadas formas, numa velocidade espantosa e, na maioria dos casos, numa relação síncrona” (2005, p.20). Com isso, surgem as comunidades virtuais, nas quais os membros interagem de forma rápida e eficaz.

Foi o crescimento da necessidade de interação humana na rede que propiciou o surgimento de ambientes específicos para essa finalidade, as redes sociais. Nesses ambientes, todos que estão interconectados atuam como participantes “hiperlinkados” nas palavras de Dimantas (2010). “A academia, as empresas, o Estado e o terceiro setor entram nessa equação, mas não como protagonistas nem como detentores do conhecimento e da inovação, mas sim como participantes desse ambiente hiperlinkado. O que vale é a reputação” (DIMANTAS, 2010. p. 95).

As redes sociais pressupõem uma visão da comunidade invisível para quem está fora. É muito sutil esse relacionamento. Exige confiança, compromisso e reputação. As redes sociais são massas e maltas. São aglomerados de links que se linkam por interesses comuns. Comunidade é isso. Convivemos em rede com diversas massas e diversas maltas, pois os interesses das pessoas são múltiplos. Misturamos, sem o menos pudor, nossos desejos com as coisas, o sentido com o social, o coletivo com as narrativas. (DIMANTAS, 2010. p. 36).

Acompanhando o crescimento das redes sociais, surgiram sites como o Youtube e o Twitter, dedicados à supressão da necessidade das pessoas de interagirem com outras, de serem vistas e verem as ações sociais das quais são protagonistas. Nas palavras de Dimantas (2010), “na internet, as pessoas têm a

possibilidade de interagir com as comunidades e, assim, protagonizar sua própria existência, buscando e construindo nas comunidades informacionais os interesses comuns” (DIMANTAS, 2010. p. 51).

Nestas comunidades a participação é estabelecida a partir de graus de afinidade entre os participantes que optam por dela fazerem parte. A sociabilidade e interação são mediadas em virtude dos interesses das pessoas em estarem nestes ambientes. Como características das comunidades virtuais, Marcuschi (2005) elenca:

Membro: central para a noção de comunidade é o fato de ser membro ou de estar excluído; alguns pertencem a ela e outros não e isso por razões várias, tais como religião, raça, camada social, profissão, etc.

Relacionamento: os membros de uma comunidade formam relacionamentos pessoais entre si, desde relacionamentos casuais a amizades estáveis.

Confiança e reciprocidade generalizada: uma comunidade deve ter confiança mútua e estar preparada para que os membros se ajudem.

Valores e práticas partilhados: os membros devem partilhar um conjunto de valores, objetivos, normas, interesses, assim como uma história, costumes e instrumentos.

Bens coletivos: participação dos membros na produção, uso e distribuição de bens.

Durabilidade: enquanto uma coletividade, os aspectos acima mencionados só se efetivarão se a comunidade tiver longa duração.

(MARCUSCHI, 2005, p. 22)

Esta noção de comunidade, estabelecendo uma rede social de relacionamentos se aplica aos mais variados sites. Até mesmo em sites e portais de notícia, é habitual se dedicar um espaço para que os leitores opinem sobre os assuntos abordados, elevando ao máximo a participação dos usuários em todos os espaços da virtualidade.

São criados fóruns de discussão e debate e espaços para comentários são disponibilizados nos mais diferentes estilos de site. Isso contribui para o estabelecimento das comunidades, pois, por se tornar um hábito particular de um internauta a leitura e o debate em um site, ele, inevitavelmente passa a se relacionar com outros que tem o mesmo costume.

Veja-se o caso dos bate-papos on line (Chat) com indivíduos em geral anônimos, efêmeros e superficiais nas interações. Existem comunidades que se comunicam pela Internet de forma duradoura,

tais como os clubes de fãs ou membros de salas de aula e assim por diante. [...] Igualmente as listas de discussão podem ser tidas como CV (Comunidades Virtuais) em sentido amplo, embora essa comunidade muitas vezes seja efetivamente diluída, mas os indivíduos têm interesses e práticas comuns. (MARCUSCHI, 2005, p. 23)

Evidentemente que nem tudo o que se discute no ciberespaço e nas comunidades virtuais é relevante, como afirma Marcuschi e Levy (1999), para os quais a interatividade da telemática também expõe novas formas de ‘bobagem coletiva’:

De fato, também vemos surgir na órbita das redes digitais interativas diversos tipos de novas formas...

- de isolamento e de sobrecarga cognitiva (estresse pela comunicação e pelo trabalho diante da tela),
- de dependência (vício na navegação ou em jogos em mundos virtuais),
- de cominação (reforço dos centros de decisão e de controle, domínio quase monopolista de algumas potências econômicas sobre funções importantes da rede, etc.),
- de exploração (em alguns casos de teletrabalho vigiado ou de deslocalização de atividades no terceiro mundo),
- e mesmo de bobagem coletiva (rumores, conformismos em rede ou em comunidades virtuais, acúmulo de dados sem qualquer informação, “televisão interativa”). (LEVY, 1999, p. 35)

Independendo da cultura particular de um povo, a diluição das fronteiras e da territorialidade no ciberespaço, interliga de forma individualizante, cada pessoa de acordo com seus interesses, permite que as comunidades sejam formadas por um hibridismo de culturas e povos tão distintos quando distintas são as discussões virtuais.

Uma comunidade virtual é construída sobre as afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação ou de troca, tudo isso independentemente das proximidades geográficas e das filiações institucionais. (LEVY, 1999, p.127)

De forma que a cultura é algo vivo, formado por hábitos mutáveis, como aborda Warnier (2000, p. 23), “as línguas e as culturas mudam, pois estão imersas nas turbulências da história”. Estas identidades suprimem as fronteiras geográficas

ao serem criadas as comunidades virtuais de escrita eletrônica e tornam-se culturas desterritorializadas, no entanto, nos moldes das culturas tradicionais.

A cultura é uma totalidade complexa feita de normas, de hábitos, de repertórios de ação e de representação. Adquirida pelo homem enquanto membro de uma sociedade. Toda cultura é singular, geograficamente ou socialmente localizada, objeto de expressão discursiva em uma língua dada, fator de identificação dos grupos e dos indivíduos e de diferenciação diante dos outros, bem como fator de orientação dos atores, uns em relação aos outros e em relação ao seu meio. Toda cultura é transmitida por tradições reformuladas em função do contexto histórico. (WARNIER, 2000, p. 23)

Neste processo de culturação virtual, as comunidades assumem papel semelhante a territórios geograficamente situados, nos quais uma cultura se desenvolve dadas as condições particulares locais. Seguindo cada gênero que emerge no ciberespaço, as comunidades adquirem identidades e seus usuários se aproximam discursivamente em meio aos assuntos abordados. Estes gêneros encontram-se situados “dentro de ambientes como locais que permitem ‘culturas’ variadas”. (MARCUSCHI, 2005, p. 27).

O processamento eletrônico de textos assinala a próxima grande mudança na tecnologia da informação depois do desenvolvimento do livro impresso. Ele promete (ou ameaça) produzir efeitos sobre a nossa cultura, em particular sobre a nossa literatura, educação, crítica e erudição, tão radicais quanto os produzidos pelos tipos móveis de Gutemberg. (DIZARD, 2000, p. 250)

Segundo Marcuschi (2005), os gêneros que emergem nos ambientes virtuais, entre eles o ambiente Web, ambiente e-mail, foros de discussão assíncronos e chat síncrono, além dos ambientes MUD² (para jogos virtuais interativos e os ambientes de áudio e vídeo são:

-
2. Os ambientes MUD, sigla para “multi-user domains”, foram criados no final dos anos 1970, como um tipo de sistema que permitia a participação de muitos usuários na criação colaborativa e interativa de textos, também conhecida por narrativas interativas. O sistema ganhou destaque como o precursor dos ambientes para jogos de imaginação e fantasia. Eles também são utilizados para fins educacionais, tais como o desenvolvimento de habilidades de composição literária.

E-mail, chat em aberto, chat reservado, chat agendado, chat privado, entrevista com convidado, e-mail educacional (aula virtual), aula chat (chat educacional), vídeo-conferência interativa, lista de discussão (mailing list), endereço eletrônico e weblog (blogs; diários virtuais). Para o presente estudo, atentamos para o e-mail, listas de discussão e weblog, tendo em vista serem os que mais se aproximam, quanto aos seus objetivos e finalidades, com o site de relacionamentos Orkut, além de que são também os mais praticados e populares.

E-mail – correio eletrônico com formas de produção típicas e já padronizadas. Inicialmente um serviço (eletronic mail), resultou num gênero (surgiu em 1972/3 nos EUA e está hoje entre os mais praticados na escrita)

Lista de discussão (mailing list) – grupo de pessoas com interesses específicos, que se comunicam em geral de forma assíncrona, mediada por um responsável que organiza as mensagens e eventualmente faz triagens.

Weblog (blogs; diários) – são os diários pessoais na rede; uma escrita autobiográfica com observações diárias ou não, agendas, anotações, em geral muito praticados pelos adolescentes na forma de diários participativos. (MARCUSCHI, 2005, p. 28 e 29)

Os gêneros supracitados serão brevemente explicados e diferenciados seguindo os estudos de Marcuschi (2005) para, em seguida, ser realizada uma análise sobre como se configura a escrita no Orkut e de que forma ela é um híbrido destes três outros gêneros.

2.2 - Email

O termo e-mail (eletronic mail) é utilizado, em inglês, para o sistema de transmissão e, por metonímia, para o texto produzido para esse fim. O mesmo termo é ainda utilizado para o endereço eletrônico de cada usuário. Em português, nos referimos ao canal como Correio eletrônico e ao texto como mensagem eletrônica, mas o termo e-mail já está tão enraizado em nossa cultura que optei por mantê-lo. (PAIVA, 2005, p.71)

Semelhante às tradicionais cartas de papel, o e-mail envolve, geralmente interlocutores que possuem uma relação mais estreita além do espaço virtual, ou ainda que se tornaram amigos virtuais, sendo difíceis os casos de anonimato. Esse

fator o diferencia dos bate-papos, que em ocasiões, se estabelecem entre desconhecidos, bem como das listas de discussão.

Sua estrutura é em muitos casos próxima à de um bilhete e o fato de sua linguagem ser, geralmente não monitorada, deixa-a mais livre nos seus aspectos morfológicos e lexicais, embora possa também ser escrita de forma mais elaborada e erudita. Seu tamanho varia entre cinco e dez linhas e não é usual a utilização de parágrafos. No entanto, de forma que é um gênero livre e depende da forma como cada usuário o utiliza, invariavelmente eles apresentam parágrafos ou são mais extensos. Segundo Marcuschi, os e-mails efetivamente estão criando um novo gênero em virtude de suas peculiaridades formais e discursivas,

Copiar e colar fragmentos é atividade normal em qualquer escrita eletrônica (o que passa para os gêneros nesse ambiente). Mas isso dá aos e-mails uma característica estrutural sistematicamente nova. Pode-se inclusive ter um sistema de resposta de e-mails colando parte do e-mail recebido e dando a resposta; depois mais uma parte com a resposta e assim por diante, na estrutura de turnos. Há pessoas que costumam usar esta estratégia de forma sistemática, o que caracteriza um estilo de escrita de e-mails. (MARCUSCHI, 2005, p. 142).

Paiva acrescenta às possibilidades do e-mail, a adição de imagens, sons, animação, fundo com papel especial e até anexação de textos falados e outros recursos:

A grande inovação do correio eletrônico é a possibilidade de transmissão de vários tipos de dados: textos diversos (formato texto, powerpoint, tabelas, gráficos) imagem (desenhos, fotos), som (fala e música), e vídeo. (PAIVA, 2005, p.75)

Sobre o reconhecimento do e-mail como gênero textual, Paiva explica:

Vejo o e-mail como um gênero eletrônico escrito, com características típicas de memorando, bilhete, carta, conversa face a face e telefônica, cuja representação adquire ora a forma de monólogo ora de diálogo e que se distingue de outros tipos de mensagens devido a características bastante peculiares de seu meio de transmissão, em especial a velocidade e a assincronia na comunicação entre usuários de computadores. Os seguintes aspectos – autor, leitor, comunidade discursiva, tecnologia, contexto, texto, organização retórica, léxico, sinais verbais (emoticons ou smileys), e normas de interação – ganham características especiais quando se trata desse gênero

2.3 - Listas de discussão

Marcuschi (2005) afirma que este gênero é mais praticado em comunidades acadêmicas, embora praticados também com outras finalidades. Segundo ele, as listas de discussão se formam por interesses de grupos bem definidos e operam via e-mail como forma de contato. Entre suas principais características, está o fato de não possuir temas fixos, mas algo que dá a tônica de temas e enquadramento para os debates entre os usuários das listas. O papel de um moderador é fundamental para realizar uma mediação e direciona as mensagens, além de fazer a triagem dos temas, que por questões que envolvem um código de ética criado no surgimento da lista, não condizem com o objetivo principal e são excluídas.

2.4 - Blog

O objetivo maior dos escritos genuinamente virtuais talvez seja apenas o de se expressar ou mesmo falar de si a quem interessar. Os escritos íntimos e diários pessoais ganharam espaço e se multiplicaram, através dos blogs de pessoas comuns que decidiram escrever na rede, opiniões, preferenciais, gostos ou o que fazem. O diário na internet teve início, no Brasil, por volta do início do ano 2000, embora já existisse em outros países. Segundo Schittine (2004), o fenômeno recebeu o nome de blog, a partir de uma contração entre 'web' (página na internet) e 'log' (diário de bordo).

A palavra é uma contradição em si mesma. Por isso o uso da expressão "diário íntimo na internet" para substituir o termo blog. A noção de íntimo aparece porque muitos blogueiros vão tratar nesse espaço de questões que pertencem ao terreno da intimidade. Surge, então, o diário pessoal na internet, ou seja, dirigido ao público. Embora o blog tenha tomado corpo e desenvolvido uma série de novas funções que não apenas a de "diário". É a decisão do diarista de abrir um escrito íntimo que cria uma nova tensão entre os assuntos públicos e privados e, a partir dela, uma série de questões irá surgir" (SCHITTINE, 2004, p. 12 e 13,)

De acordo com Marcuschi (2005, p. 61), os blogs possuem uma grande semelhança com as homepage³ (que ele não considera como um gênero), mas se

3. Homepage é definida como a página principal, página inicial ou página de entrada de um site, que geralmente compreende uma apresentação do site e de todo seu conteúdo.

diferenciam essencialmente pelo fato de poder ser facilmente atualizados na forma de um diário datado e circunstanciado.

Resumidamente, os blogs funcionam como um diário pessoal na ordem cronológica com anotações diárias ou em tempos regulares que permanecem acessíveis a qualquer um na rede. Muitas vezes, são verdadeiros diários sobre a pessoa, sua família ou seus gostos e seus gatos e cães, atividades, sentimentos, crenças e tudo que for conversável. Trata-se de um Big Brother da Internet dinâmico, interativo e instigante. Quem mantém um blog pessoal com sua intimidade diariamente exposta pode ser visto por todos. (MARCUSCHI, 2005, p. 61)

Schittine aborda a relação entre os escritos em blog, que a princípio teriam caráter literário, com a comunicação, pelo fato de ser veiculado na rede e seus leitores poderem contribuir ou opinar diretamente no texto, realizando o esquema clássico da comunicação de emissor e receptor. Esta talvez seja uma das principais e mais significativas interferências do ciberespaço sobre a produção literária. O fato de ser possível a intervenção popular sobre os escritos e a mobilidade com a qual os textos transitam, muda de forma significativa a relação entre escritores e leitores na atualidade.

Os blogs foram provavelmente um primeiro estágio dos escritos íntimos na internet que passaram em seguida a ser produzidos de forma mais freqüente nos sites de relacionamento como o Orkut, Facebook⁴ e também no Twitter⁵, mas em cada um adquirindo particularidades permitidas pelo suporte. As exigências do meio virtual e do seu público, levou os 'escritos do eu' a sofrerem uma série de mudanças, principalmente no caráter estrutural: os textos deixaram de ser volumosos, apostando na concisão, em um texto mais limpo e curto, o que pode significar tanto um ganho de qualidade para alguns, como também empobrecimento e superficialidade para outros.

-
4. O Facebook é uma rede social semelhante ao Orkut e foi fundada em 2004 por Mark Zuckerberg. Inicialmente tinha como alvo apenas os estudantes da universidade Harvard, mas progressivamente foi permitindo a inscrição de estudantes de outras escolas, até que em 2006, se tornou disponível para todos.
 5. Twitter é uma rede social baseada em mensagens instantâneas curtas, de até 140 letras e foi o primeiro site a popularizar o conceito de 'microblogging'. A ideia inicial era de permitir que os usuários informassem, de maneira rápida, o que estavam fazendo no momento em que navegavam pela Internet. Atualmente, a ferramenta é usada também para coberturas jornalísticas em tempo real e por personalidades do meio artístico, cultural, político e empresas

Marcuschi (2005) acrescenta:

A linguagem dos blogs pessoais é informal na maioria dos casos, mas os k-blogs estão evoluindo rapidamente para expressões retóricas mais formais e esmeradas com alto grau de requinte e pretensões literárias. Os blogs são datados, comportam fotos, músicas e outros materiais. Têm estrutura leve, textos em geral breves, descritivos e opinativos. São um grade sistema de colagem em certos casos. A maioria dos blogueiros mantém mais de um blog de acordo com suas flutuações espírito, mas há os que não mantém nenhum e escrevem nos blogs dos outros ou em blogs públicos e abertos como livros de recados. Qualquer blog tem uma abertura para receber comentários, pois são interativos e participativos. Não são como e-mails nem como chats, pois cada qual pode pôr no livro do outro o seu recado ou comentários sobre algo que o outro escreveu. (MARCUSCHI, 2005, p. 61 e 62)

Capítulo 3

DO CIBERESPAÇO AO ORKUT: A FORMAÇÃO DE UMA NOVA COMUNIDADE DA ESCRITA

(...) o Orkut se constitui em mais uma fonte de socialização digital, um espaço privilegiado para a ampliação de comunicação que favorece os intercâmbios, pois possibilita aos sujeitos vivenciarem relações para além das suas comunidades locais. É uma rede fascinante de invenção e exibição de subjetividades. (COUTO E ROCHA, 2010, p. 12)

A rede social Orkut (www.Orkut.com) foi criada em janeiro de 2004 e possui usuários em todo o mundo embora tenha sido dominada pelos usuários brasileiros e não tenha feito tanto sucesso nos Estados Unidos e Europa. Segundo os ‘dados demográficos’ do Orkut, disponível na própria rede (<http://www.Orkut.com/Main#MembersAll>), no dia 01 de junho de 2011, o número de brasileiros no Orkut era superior ao total de todos os outros países juntos, totalizando 50,60%, seguido da Índia, com 20,44%.

Figura 01



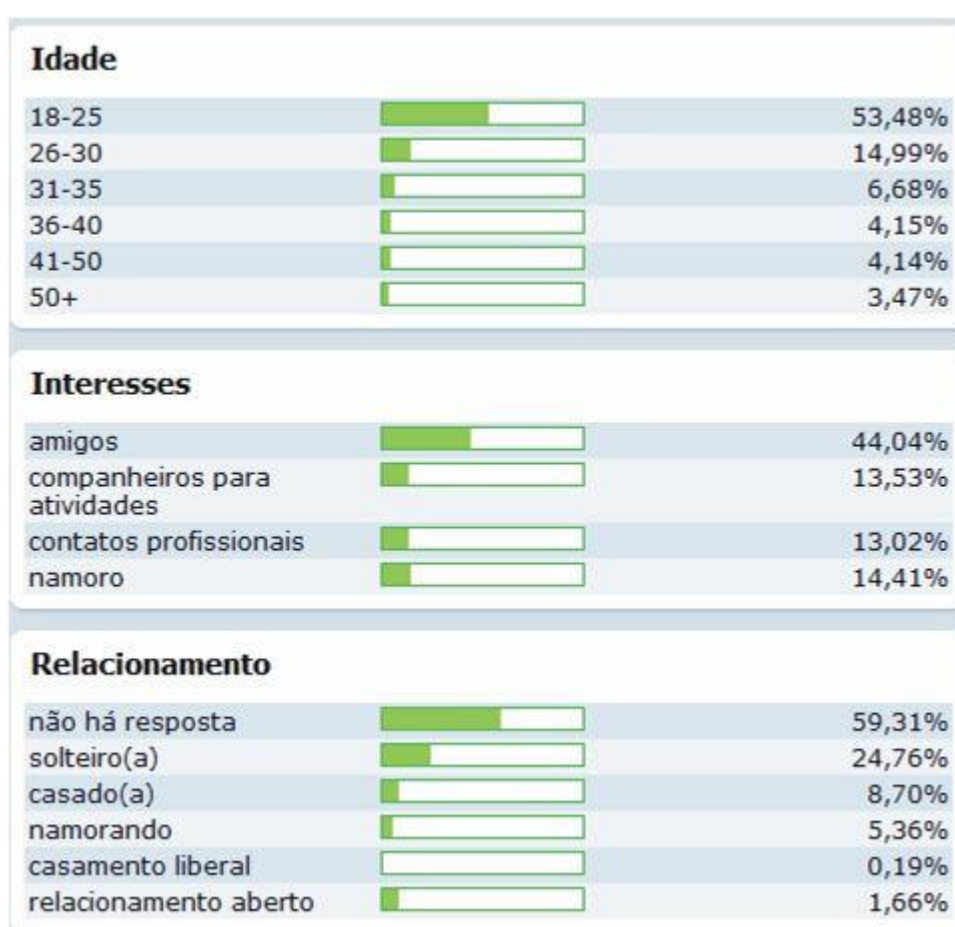
Seu nome é uma homenagem ao seu projetista, o engenheiro turco Orkut Büyükkökten. Seu objetivo inicial era de ajudar seus membros a conhecer outras pessoas e manter relacionamentos, no entanto, em virtude da exposição pessoal e do grande número de usuários utilizando-se do espaço, os encontros entre conhecidos tornou o Orkut um meio mais acessível de comunicação, principalmente entre pessoas que já mantinham algum tipo de relacionamento fora da rede mundial de computadores. Convém, no entanto, esclarecer que os relacionamentos também são mantidos no Orkut por pessoas que se conheceram unicamente, ou passaram a se conhecer, através do site.

Apesar da concorrência com outros sites de forte apelo principalmente entre os jovens, como o Youtube⁶, Twitter e Facebook, o Orkut hoje representa ainda hoje uma das principais preferências de sites quando as pessoas estão conectadas,

6. O Youtube é o site que popularizou o compartilhamento de vídeos na Internet. Ele foi criado em 2005 e se tornou fenômeno de acessos da rede e, em 2006, foi comprado pelo Google. Nele o internauta pode cadastrar suas produções, criar listas de reprodução e comentar material de outros usuários.

sobretudo as mais jovens. A opção por essa rede representa 53,48% do total de participantes, entre 18 e 25 anos, segundo os dados disponibilizados no site e 14,99%, entre usuários de 26 a 30 anos. Entre os interesses ao se associar à rede social, destaca-se a busca por fazer novas amizades ou encontrar amigos reais na rede, para 44,04% dos usuários. Além disso, entre os que revelam, 24,76% dos usuários são solteiros.

Figura 02



Tendo em vista a grande adesão pelo público brasileiro, pouco mais de quatro anos após seu lançamento, o Google anunciou que sua filial no Brasil passaria a ter o controle mundial sobre a rede social, dividindo a responsabilidade com a Índia, outro país com grande número de usuários. A partir de então, o site buscou ganhar

mais espaço frente aos seus concorrentes Facebook, MySpace⁷ e Twitter, promovendo uma reformulação em sua estrutura, que se consolidou em outubro de 2009, com um novo visual e novas ferramentas, porém sem mudanças em seu objetivo.

O diretor de produtos do Google, Victor Ribeiro informou em entrevista ao IBOPE, que toda a interface original da rede foi desfeita, para simplificar uma série de funcionalidades e foram aplicadas algumas inovações ao site. Dentre elas, está o filtro de sugestão de amigos e a possibilidade de publicar várias fotos ao mesmo tempo em um álbum, tendo estas mudanças como foco a prática de navegação do usuário brasileiro. De acordo com Ribeiro, a rede de relacionamentos assumiu um caráter mais festivo e as pessoas usam o Orkut principalmente para trocar fotos e se comunicar com amigos que não veem há muito tempo. Em outubro de 2009, segundo ele, eram compartilhadas em torno de 30 milhões de fotos por dia. Segundo o analista de internet do 'IBOPE Nielsen Online', José Calazans, o Orkut ainda detém 73% da penetração entre os usuários da web nacional, quando comparado aos seus principais concorrentes.

O usuário que se cadastra no Orkut, conta com uma página inicial pessoal, denominada em português, como 'Perfil', na qual, de fato, cada um traça um perfil próprio com descrições de gosto, estilo, preferências, entre outros. O internauta pode informar seu nome, idade, cidade onde mora, gostos musicais e literários, comida preferida, preferências sexuais. Além disso, no perfil há um espaço onde, a critério de cada usuário, pode ser disponibilizada uma foto que o identifique. As fotos são ainda disponibilizadas em álbuns dentro de cada perfil, onde, divididos por temas, os álbuns se assemelham àqueles no formato tradicional de fotos impressas em papel.

O ponto alto do Orkut é a busca de amigos e passeios por perfis (perfis), além, é claro, da interação social, observada em posts (postagens) das comunidades onde cada um pode escrever o que

7. O Myspace é uma comunidade ligada à música e que impulsiona a interação social por meio de uma experiência personalizada em torno do entretenimento e conectando pessoas à música, celebridades, TV, cinema e jogos. As experiências estão disponíveis por meio de plataformas múltiplas, inclusive aplicativos on-line e eventos off-line. Nele também é possível hospedar músicas e através de um catálogo de conteúdo de áudio e vídeo transmitidos gratuitamente para usuários e com ferramentas para artistas famosos, independentes ou autônomos, atingem um novo público.

deseja e receber um retorno; bem como nos scrapbooks (página de recados) onde é possível deixar e receber recados, além de testemunhos.(COUTO e ROCHA, 2010, p. 11)

Embora seja disponibilizado um espaço para esta série de descrições, é uma decisão pessoal de cada usuário, a sua publicação ou não. Cabe a cada usuário determinar o que quer expor de si, entre as perguntas elencadas no site (que inclui: Você tem filhos? Moram com você? Grupo Étnico? etc.). De forma geral, as informações que mais facilitam a identificação são as mais divulgadas, além da foto, que facilita o reconhecimento dos outros usuários, e por isso, é frequentemente atualizada.

Couto e Rocha (2010), que discutem a questão das identidades contemporâneas e de que forma as pessoas se identificam no Orkut, afirmam que:

Alguns perfis dos participantes são constituídos pelas características pessoais de identidades vividas fora dele. Mas, muitas vezes, podem representar oposição completa dessa identidade. As características pessoais podem ser todas ou quase todas inventadas. É possível também que os perfis apresentem um misto de características pessoais e outras tantas fictícias. Para as identidades que geralmente não correspondem à mesma vivida fora da rede social, usa-se o termo em inglês *fake*. (COUTO E ROCHA, 2010, p. 22 e 23)

A formação da rede de amigos acontece a partir desta identificação, quando, ao reconhecer em um outro perfil, que aquele se trata de um amigo, pode-se fazer um convite para estreitar este laço também na rede social. Com isso, cada usuário pode estar conectado diretamente a outros 999 usuários e se ligar a outros milhões através de teias (cadeias que envolvem usuários aos seus amigos e aos amigos deles).

Os usuários podem se comunicar com os outros perfis através do envio de mensagens na página de recados, enviando depoimentos no qual prestam homenagens e nos comentários de fotos. Além disso, as comunidades virtuais presentes dentro do Orkut, são um espaço de sociabilização no qual a presença acontece em virtude dos interesses em comum e não pelo grau de amizade e conhecimento entre os usuários. Os usuários que entram nestas comunidades podem participar de discussões sobre diversos assuntos, através do fórum. Cada comunidade trata especificamente de um assunto ou tema, que se assemelha aos mesmos encontrados em blogs, por exemplo, como “Eu amo a minha mãe”, que tem

mais de cinco milhões de usuários, a “Adoro ler antes de dormir”, que tem pouco mais de 700 usuários e a maior comunidade em português sobre literatura, que tem esse mesmo nome e possui mais de 65 mil membros.

Como se pode perceber, as comunidades tentam agregar o máximo de pessoas em torno de um tema em comum entre os usuários, tendo este objetivo mais facilmente alcançado quando versam sobre personalidades queridas (ou mesmo odiadas) por um grande número de pessoas, programas de TV, música, bandas, filmes e seriados, animais de estimação, cidades e costumes, entre outros de uma infinidade ímpar, de acordo com a criatividade de cada usuário.

Sobre comunidades, Raquel Paiva afirma:

Comunidade é a metáfora que, aqui, nos parece adequada para a construção de uma nova forma para o laço social. Não a usamos no quadro da bipolaridade substancial com que frequentemente se interpreta, na vulgarização sociológica, a famosa dicotomia de Tönnies, e sim como um caminho de redescritção das tentativas sociais de produzir comunicação a partir de uma experiência comum, fora dos grandes circuitos do capital. Comunidade é, então, o que permite ao indivíduo e aos grupos vislumbrar a abertura para estender criativamente novas pontes sobre a dissociação humana. (PAIVA. 2003, p.10)

De acordo com Cândido (2008), as comunidades ou espaços coletivos que congregam os homens pertencentes a um mesmo grupo segundo um estilo, é o que permitem o surgimento da literatura. Segundo ele,

Toda obra é pessoal, única e insubstituível, na medida em que brota de uma confiança, um esforço de pensamento, um assomo de intuição, tornando-se uma “expressão”. A literatura, porém, é coletiva, na medida em que requer uma certa comunhão de meios expressivos (a palavra, a imagem), e mobiliza afinidades profundas que congregam os homens de um lugar e de um momento, para chegar a uma “comunicação”. (CÂNDIDO, 2008, p. 147)

Os grupos de escritores reunidos, participam, segundo Cândido (2008), de valores comuns, procuram construir uma obra em torno deles e agem em função de um estímulo recíproco. Ele cita como primeiro exemplo disso o intercâmbio e a produção de Pedro Taques de Almeida Paes Leme, na de frei Gaspar da Madre de Deus e na de Cláudio Manuel da Costa.

Os dois eram amigos, comunicavam-se nos estudos, valiam-se em mais de um transe. A circunstância que os aproximou do terceiro, nascido em Minas, onde viveu, foi a Academia Brasílica dos Renascidos, da qual foram acadêmicos supranumerários Cláudio e frei Gaspar, e que, da sua sede baiana, deitou laços de congregação sobre outras Capitâneas, num primeiro arremedo de consciência literária comum. O paulista e o mineiro talvez nunca tenham se visto, e não restou correspondência escrita de um a outro. Entre ambos, porém, forma elemento de ligação Pedro Taques e, mais ainda, como veremos, o sentimento comum de paulistanismo à busca de expressão intelectual. (CÂNDIDO, 2008, p. 150).

Através da citação de Cândido (2008) e aplicando-a à realidade do ciberespaço, percebemos que a proliferação de comunidades virtuais, neste caso, no Orkut, permite a união de pessoas desconhecidas – a partir da diluição de fronteiras geográficas –, que, em torno de um assunto em comum, também passam a produzir comunicação e literatura de forma coletiva.

Na comunidade Virtual ‘Literatura’, a maior em Português sobre o tema, novos poemas são criados em meio à coletividade e, segundo a proposta da comunidade, cada usuário pode inserir uma nova frase à obra que permanece inacabada e sempre prestes a receber uma nova contribuição. Qualquer usuário do Orkut, membro da comunidade, pode sugerir discussões ou, até mesmo, o início de um poema e pedir que os outros deem continuidade.

Figura 03



No exemplo citado, é proposto pelos mediadores da comunidade 'Literatura', que os usuários escrevam um poema sem fim, o que é iniciado pela usuária 'Virgínia', que começa seu verso com "Quando estou em seus braços, num gostoso abraço...". A partir deste pontapé inicial outros integrantes da comunidade dão prosseguimento ao poema, cada um de acordo com seus conhecimentos e percepções à respeito do que é um poema. Ela é uma obra aberta e escrita a várias mãos que buscam um sentido lógico.

Nas comunidades virtuais e na rede de uma forma geral, qualquer usuário pode tornar-se um potencial escritor e difundir nela, o que a ele interessar. O ciberespaço permite que as pessoas se tornem criadoras e o que percebemos, neste caso, é uma pluralidade de vozes, ocupando o mesmo espaço e contribuindo democraticamente para a criação do poema. A interatividade e participação comum entre os usuários é determinante para que o objetivo da proposta seja alcançado.

Como afirma Levy (1999), a interatividade significa que "o destinatário codifica, interpreta, participa, mobiliza seu sistema nervoso e muitas maneiras, e sempre de forma diferente de seu vizinho". É através da apropriação do texto e da recombinação material que o receptor faz do produto, que percebemos o grau de interatividade sob o qual a obra está exposta e como a comunidade permite esta

relação, repleta de nós. As comunidades do Orkut, como observamos a partir do exemplo exposto, permitem o diálogo e a reciprocidade entre seus usuários, que realizam uma comunicação interativa sob a perspectiva dos dois pontos de vista que sugere Braga (2005) a respeito de interatividade tecnológica e interatividade situacional.

O uso do computador como ferramenta mediadora da comunicação leva-nos a considerar textos que contemplam tanto a “interatividade tecnológica”, onde prevalece o diálogo, a comunicação e a troca de mensagens, quanto a “interatividade situacional” definida pela possibilidade de agir, interferir no programa e/ou conteúdo. (BRAGA, 2005, p. 145)

Ao abordar a interferência nos conteúdos, Braga fala a respeito dos hipertextos, disponibilizados na internet e que permitem uma leitura e acesso não linear. No entanto, como visto na proposta de escrever um poema ‘sem fim’ da usuária da comunidade ‘Literatura’, percebe-se tanto que a interatividade ocorre no âmbito do que acontece com os textos criados na rede, a partir da interação e troca de informações entre os usuários, como também na interferência sobre o conteúdo, produzindo um poema a-linear e desprovido de um tempo determinado, embora não ocorra a partir de links eletrônicos, forma mais comum de leitura virtual, com várias ramificações e destinos de leitura diferentes.

Este tipo de participação ativa, possível na comunidade, tira o domínio da produção do texto das mãos de um único autor e dá margem para uma pluralidade de direcionamentos e sentidos para os quais a obra infinita pode chegar. Esta multiplicidade de sentidos, genuína do hipertexto, é absorvida pelos gêneros textuais produzidos no Orkut, tendo em vista a falta de um controle sobre as direções às quais os textos possam ser levados e sua constituição descentrada e multivocal.

Xavier (2005, pag.171), entende hipertexto como “uma forma híbrida, dinâmica e flexível de linguagem que dialoga com outras interfaces semióticas, adiciona e acondiciona à sua superfície formas outras de textualidade”. A leitura destes textos nas páginas do Orkut, com início, mas sem meio e fim, obrigam o leitor, que também se torna autor, a buscar conexões coerentes entre os textos, através de sua intuição e conexões, a fim de dar significação, e poder participar ativamente da produção.

A linguagem da hipermídia caracteriza-se, por um lado, “por sua capacidade de armazenar informação e, por meio da interação do receptor, transmutar-se em várias versões virtuais” (SANTAELLA, 2007, p.49). Segundo a autora, isso acontece em virtude da estrutura de caráter hiper, não sequencial e multidimensional que dá inúmeras possibilidades para o leitor imerso no ciberespaço. Entre as características deste texto virtual, Santaella (2007) explica:

Em vez de um fluxo linear de texto como é próprio da linguagem verbal impressa, no livro particularmente, o hipertexto quebra essa linearidade em unidades ou módulos de informação, consistindo de partes ou fragmentos de textos. Nós e nexos associativos são os tijolos básicos de sua construção. Os nós são as unidades básicas de informação em um hipertexto. (SANTAELLA, 2007, p. 49)

Cada uma das contribuições dos usuários nas discussões de fórum de comunidades do Orkut deve ser entendida como um nó, que realiza a conexão entre os discursos, de acordo com uma sequência lógica nos textos. No caso das conexões e nós surgidos no Orkut, eles acontecem criados pelos usuários sem requerer uma navegação através de outros links, bastando apenas seguir a sequência criada dentro do próprio espaço, mas por pessoas diferentes que participam das comunidades.

Sobre as relações firmadas nas comunidades, Bauman (2003) diz:

Numa comunidade, todos nos entendemos bem, podemos confiar no que ouvimos, estamos seguros a maior parte do tempo e raramente ficamos desconcertados ou somos surpreendidos. Nunca somos estranhos entre nós. Podemos discutir – mas são discussões amigáveis, pois todos estamos tentando tornar nosso estar juntos ainda melhor e mais agradável do que até aqui e, embora levados pela mesma vontade de melhorar nossa vida em comum, podemos discordar sobre como fazê-lo. Mas nunca desejamos má sorte uns aos outros, e podemos estar certos de que os outros à nossa volta nos querem bem. (BAUMAN, 2003, p. 08)

Através do fórum de debates presente em cada comunidade virtual do Orkut, os usuários podem realizar debates acerca de qualquer assunto, quando relacionado ao tema geral da comunidade. Ainda assim, assuntos que fogem ao tema da comunidade também são, embora raramente, postos para discussão. Nestes casos, cabe ao mediador da comunidade, que neste caso trata-se do criador

da comunidade e/ou pessoas designadas por ele, para assumir este papel, a função de decidir pela permanência ou não do tópico de debate deslocado, no fórum.

A criação literária comum nas comunidades que abordam o assunto levantam a questão da função do autor enquanto criador de uma obra baseada em uma determinada realidade e peculiaridades dele enquanto ator social. Como criador de uma obra, o autor torna-se responsável por todas as respostas dadas a questionamentos relacionados aos seus escritos. É ele o detentor deste saber fundador do seu discurso.

Nas comunidades, a criação coletiva dizima esta responsabilidade e não transfere para ninguém uma explicação, se é que esta deveria ser dada, para o que está escrito. As personagens possuem características voláteis e não carregam uma carga significativa oriunda de um único criador, bem como toda a obra, que é produzida de forma a-sequencial e descriteriosa. Não cabe às obras virtuais, tendo em vista a infinidade de mãos que participaram de sua produção, tentar definir ou encontrar semelhanças entre as personagens e seu autor.

O autor supera em sua criação a resistência puramente literária das velhas formas, práticas e tradições puramente literárias (o que ocorre indiscutivelmente), sem nunca esbarrar na resistência de outra espécie (resistência ético-cognitiva do herói e seu mundo), ademais o seu objetivo é criar uma nova combinação literária a partir de elementos puramente literários, sendo que o leitor deve “sentir” o ato criador do autor unicamente no campo da maneira literária habitual, ou seja, também sem sair absolutamente do âmbito do contexto dos valores e do sentido da literatura materialmente concebida. (BAKHTIN, 2006, p. 182)

Sobre a dialética da influência do meio social sobre a obra de arte e a da arte sob o meio, Antônio Cândido (2008, p. 31) afirma que “todo processo de comunicação pressupõe um comunicante, no caso o artista; um comunicado, ou seja, a obra; um comunicando, que é o público a que se dirige, graças a isso define-se o quarto elemento, isto é, seu efeito”. Assim, conforme ele explica, há uma fase criadora e outra receptora, de contemplação. Toda esta concepção da arte e literatura, enquanto fenômeno sociológico encontra-se em um estágio de mutação quando observamos os estágios da arte sob a forma de produto criado no meio virtual.

Embora as redes sociais configurem-se como um espaço para o qual a literatura converge sob a forma de reprodutibilidade da produção realizada em suporte impresso e tradicional, mas também como espaço de criação literária, observa-se que a fórmula artista-obra-público-efeito não condiz com a forma como ela se exprime nestes ambientes. Convém deixar claro aqui que entende-se os sites de relacionamento pessoal, como no caso deste trabalho, o Orkut, como um instrumento que funciona em benefício da literatura sob duas óticas: enquanto reprodutor e enquanto produtor literário.

Assim, sob uma ótica ou outra, o que se percebe no Orkut é que a arte torna-se coletiva e em diversas situações, dispersa de identidades. De certo, enquanto reprodutor de obras canonizadas da literatura mundial dos livros, seus autores originais são, em muitas das vezes, identificados e a eles é atribuída a autoria de sua própria obra. Porém, há situações em que os usuários do site de relacionamentos não nomeiam seu real escritor, tomando para si a obra de outras pessoas e assumindo esse papel, ainda que de forma indireta, pois apesar de não imprimir o nome do artista, também não coloca o seu como escritor, o fato de tal conteúdo estar presente em sua página pessoal no Orkut, deixa subentendido sua autonomia sobre o texto.

Acerca da obra virtual enquanto produto coletivo, produzida sobretudo nas comunidades, a figura do autor não é algo concebível. Cândido (2008, p. 34) afirma que houve uma época na qual exagerou-se no aspecto coletivo da criação, concebendo-se o povo, no conjunto, como criador de arte.

Esta idéia de obras praticamente anônimas, surgidas na coletividade, veio sobretudo da Alemanha, onde Wolf afirmou, no século XVIII, que os poemas atribuídos a Homero haviam sido, na verdade, criação do gênio coletivo da Grécia, através de múltiplos cantos em que os aedos recolhiam a tradição e que foram depois reunidos numa unidade precária. (CÂNDIDO, 2008, p. 34)

Para ele, esta noção possui cunho romântico e está atualmente superada, pois a obra exige necessariamente a presença do artista criador. Mas como compreender então se no Orkut, um usuário sugere a participação coletiva para a produção de uma obra literária, na qual cada pessoa contribui com uma frase ou

verso? Embora as aspirações e valores deste tempo estejam impressos nestas obras virtuais, na arte coletiva, não há a identidade de um criador.

3.1 - Gêneros do Orkut

No Orkut, assim, como nos diversos campos das atividades humanas, as relações estão intimamente ligadas ao uso da linguagem. As redes sociais servem coletivamente a grandes públicos, com necessidades de informações específicas, como afirma Dizard (2000, p. 259) desde as mais simples até mesmo a informações complexas, e partem o público em grupos de interesses especiais. Assim, as formas de comunicação entre os membros dos sites de relacionamento apresentam usos multiformes da escrita, abrangendo uma grande quantidade de gêneros, assim como também são multiformes as relações estabelecidas. Os enunciados produzidos refletem condições específicas de cada usuário, além de suas necessidades e finalidades, pelo uso escolhido da linguagem, que passa pela seleção de recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, na sua estrutura composicional.

Como sugere Bakhtin (2006, p. 262), o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional contribuem para a determinação dos gêneros do discurso. Assim, as inesgotáveis formas de relação humana, ao serem transferidas para as redes sociais virtuais, revelam um novo repertório de gêneros que se tornam mais complexos e híbridos.

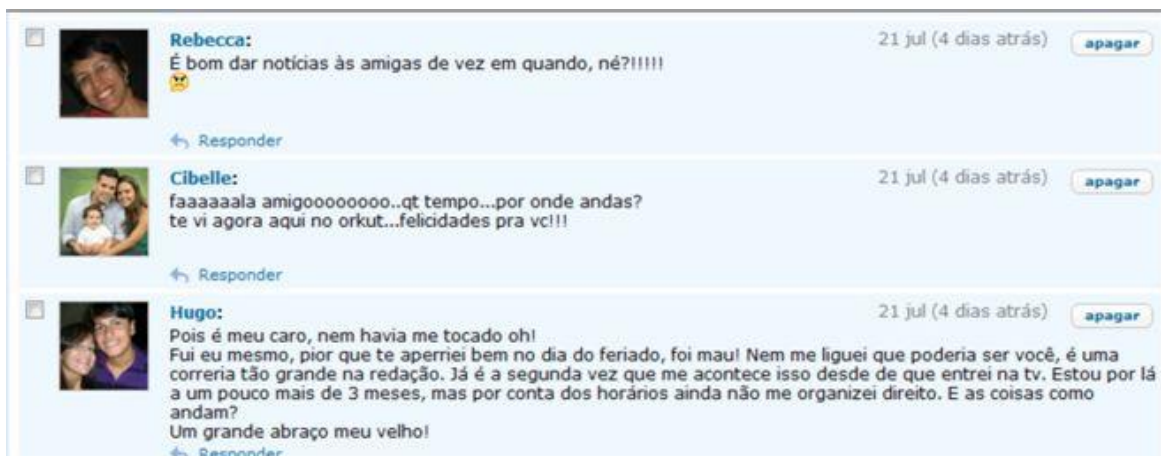
Os gêneros discursivos do cotidiano existem e são amplamente produzidos e difundidos nas redes de relacionamento, mas o hibridismo acontece também na relação entre o literário e o pessoal, na medida em que os usuários se dispõem a utilizar de trechos de obras literárias em seus discursos, sob a forma de apresentação de si, de declaração de amizade, de amor, para descrever fotos, para diversos fins.

As conversas são organizadas a partir das normas gramaticais e os gêneros do discurso respeitam esta normatização na medida em que a comunicação é o principal objetivo dos enunciados, no entanto, como afirma Bakhtin (2006, p. 283), “nós aprendemos a moldar o nosso discurso em formas de gênero e, quando ouvimos o discurso alheio, já advínhamos o seu gênero pelas primeiras palavras”. Assim, em nossas comunicações, buscamos nos aproximar do gênero ao qual estamos lidando, adaptando nossas falas e expressões com este intuito.

Dessa forma, explica-se a multiplicidade de gêneros encontrados no Orkut. O fato de o ser humano dominar mais de um gênero discursivo permite que a cada discurso ele possa tomar partido de um estilo, dependendo do seu parceiro na comunicação. Na rede de relacionamentos encontramos esta variedade em seus mais variados espaços a variedade deles é determinada pelo fato de que eles são diferentes de acordo com cada situação, da posição social e das relações de reciprocidade entre os participantes da comunicação.

Se os gêneros do discurso não existissem e nós não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo do discurso, de construir livremente e pela primeira vez cada enunciado, a comunicação discursiva seria quase impossível. (BAKHTIN, 2006, p.283)

Figura 04



Nesta página de recados de um usuário do Orkut, observa-se que os discursos se assemelham de forma mais clara com as conversas cotidianas, sendo que seus usuários utilizam um vocabulário e expressões criadas e disseminadas no ciberespaço, que requerem de seus participantes uma nova forma de letramento, desta vez para a linguagem virtual. Expressões como 'né', 'faaaaaaala', 'qt' e 'oh' buscam uma aproximação do texto com a fala real e usual dos interlocutores em sua vida diária, estendida para o além do virtual.

(...) esse *internetês* do Orkut pareceu-nos como uma recriação gráfica das línguas escrita e falada preexistentes, enriquecida com representações e simbologias. Os sinais de pontuação, por exemplo, podem ser dispostos na frase de tal modo que signifiquem uma

interjeição ou uma frase inteira. Todos os sinais não podem ser analisados isoladamente, mas em seu contexto, como representações das emoções humanas (...) Não lemos letra por letra; vemos o conjunto de caracteres e entendemos o seu significado como um todo. (BISOGNIN e FINATTO, 2010, p. 85)

A revolução do texto eletrônico, segundo Chartier (2002), provocou uma mudança e levou à transformações profundas nas relações com a cultura escrita, pois atinge os textos, o suporte escrito e as práticas de leitura. Desta forma observamos que, como discurso cotidiano real, expressões que carecem de recursos, mas se bastam em significação, são adaptadas das falas reais para serem utilizadas no meio virtual. Esses gêneros transmutam o diálogo oral, e por isso, tornam-se um híbrido entre a oralidade e a escrita. Chartier (1999) afirma ainda que apesar da oralidade, a escrita eletrônica gera um distanciamento entre o texto e quem o escreve.

O texto eletrônico torna possível uma relação muito mais distanciada, não corporal. O mesmo processo ocorre com quem escreve. Aquele que escreve na era da pena, de pato ou não, produz uma grafia diretamente ligada a seus gestos corporais. Com o computador, a mediação do teclado, que já existia com a máquina de escrever, mas que se amplia, instaura um afastamento entre o autor e seu texto. (CHARTIER, 1999, p. 16)

Sobre a revolução provocada pelo texto eletrônico, Chartier (1999) afirma que ela diz respeito tanto ao modo de produção quanto à reprodução dos textos. “Correm o risco de serem pulverizadas as noções de autor e distribuidor, que mal se puderam fixar, numa época bastante recente, que coincide com a industrialização do livro” (CHARTIER, 1999, p.16).

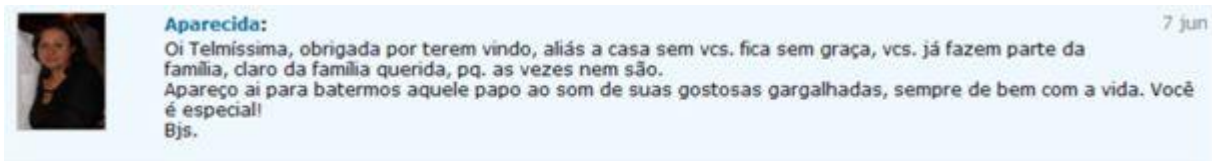
Pode-se juntar aqui a reflexão sobre a edição e a distribuição, já que, no mundo do texto eletrônico, tudo isso é uma coisa só. Um produtor de texto pode ser imediatamente o editor, no duplo sentido daquele que dá forma definitiva ao texto e daquele que o difunde diante de um público de leitores: graças à rede eletrônica, esta difusão é imediata. Daí, o abalo na separação entre tarefas e profissões que, no século XIX, depois da revolução industrial da imprensa, a cultura escrita provocou: os papéis do autor, do editor, do tipógrafo, do distribuidor, do livreiro, estavam então claramente separados. Com as redes eletrônicas, todas estas operações podem ser acumuladas e tornadas quase contemporâneas umas das outras. Sequências temporais que eram distintas, que supunham operações diferentes,

que introduziam a duração, a distância, se aproximam. Atualmente, é na esfera da comunicação privada ou científica que a transformação vai mais longe: ela indica aquilo que poderia ser amanhã o conjunto da edição eletrônica. (CHARTIER, 1999, p. 16 e 17)

As expressões do texto eletrônico são abreviadas e oralizadas no Orkut, de acordo com o espaço, pois, observando que, em outros locais, como os 'depoimentos', a escrita se aproxima mais da norma culta da linguagem, muitas vezes literária. Os recursos utilizados pelos usuários dependem de cada ambiente discursivo. As páginas de recados são o ambiente mais aproximado da conversa cotidiana e, já no meio virtual, a que mais se assemelha do gênero virtual 'e-mail' e os bate papos. Por isso, as marcas verbais presentes neste espaço são aquelas que valem-se da criatividade dos usuários e dos recursos de linguagem que representam aspectos não-verbais da conversação, por meio de abreviações e palavras, onomatopéias de gargalhadas e beijos, como também recursos que indicam tom de voz, como letras maiúsculas ou minúsculas e extensão de letras que indicam a forma de se expressar, como um 'fala' alongado para 'faaaaaaala'

Um fator que aproxima os gêneros supracitados é a fala abreviada do dia a dia (transferida da mesma forma para a escrita, ex.: 'não é' substituído por 'né') motivada pela velocidade na composição e na transmissão, buscando atender às necessidades imediatas da relação. A utilização destas formas de expressão no meio virtual levam à existência de convenções, pois presume-se que o receptor da mensagem também compreenda o gênero e as expressões utilizadas e possa manter uma troca de mensagens. Torna-se convencional que esta seja a forma de comunicação utilizada no Orkut e ultrapassa limites de idade, classe social e erudição de seus usuários. Ao verificarmos um recado criado por uma usuária, já adulta, com mais de cinquenta anos, observamos que ela utiliza das mesmas expressões surgidas nos diálogos dos jovens no meio virtual, com abreviações e linguagem comum no suporte.

Figura 05



A ortografia funciona [...] como um recurso capaz de “cristalizar” na escrita, as diferentes maneiras de falar dos usuários de uma mesma língua. Escrevendo de forma unificada, podemos nos comunicar mais facilmente. E cada um continua tendo a liberdade de pronunciar o mesmo texto à sua maneira quando, por exemplo, o lê em voz alta (MORAIS, 1998, p.03)

De acordo com Bakhtin,

Quando escolhemos um determinado tipo de oração, não o escolhemos apenas para uma oração, não o fazemos por considerarmos o que queremos exprimir com determinada oração: escolhemos um tipo de oração do ponto de vista do enunciado inteiro que se apresenta à nossa imaginação discursiva e determina a nossa escolha. A concepção sobre a forma do conjunto do enunciado, isto é, sobre um determinado gênero do discurso, guia-nos no processo do nosso discurso. (2006, p.286)

Observa-se que, embora Bakhtin classifique os gêneros discursivos em primários e secundários, sendo os primários, os simples e os secundários, os complexos.

Os gêneros discursivos secundários (complexos – romances, dramas, pesquisas científicas de toda espécie, os grandes gêneros publicísticos, etc.) surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente o escrito) –, artístico, científico e sociopolítico, etc. No processo de sua formação eles incorporam e reelaboram diversos gêneros primários (simples), que se formaram nas condições da comunicação discursiva imediata. (Bakhtin, 2006, p. 263)

Assim, os diversos gêneros existentes no Orkut, deveriam ser considerados como primários, tendo em vista o fato de serem comunicações espontâneas, baseadas na oralidade. No entanto, considerando a esfera na qual se forma, evidencia o fato de que eles incorporam e reelaboram diversos gêneros mais

simples, tornando-os mais evoluídos. Segundo Bakhtin, o que explica a classificação de um gênero não é a modalidade da língua usada, mas sim a esfera à qual ele está vinculado.

A partir do exposto, verificamos que os gêneros do cotidiano, baseados na oralidade, ao adentrarem na realidade do suporte da telemática, se adaptam e reconfiguram, “para dar conta das novas necessidades que se instauram”, (ARAÚJO, 2005, p. 93), no processo de transmutação. Os gêneros presentes no Orkut, por serem escritos, são por si só, complexos, tendo em visto serem baseados no discurso oral, mas que já passaram pela transmutação, indo de uma esfera para outra e materializando-se na escrita.

Os gêneros discursivos do Orkut, além de secundários, por serem uma transmutação do oral para o escrito e do escrito para a web, são ainda mais complexos, pois, dentro do suporte virtual, eles ainda migraram dos blogs, listas de discussão, e-mail, salas de bate-papo, para juntos, estarem presentes na rede de relacionamentos. A estrutura gráfica e visual do site permite que haja adaptações nos conteúdos dos gêneros já considerados emergentes do ciberespaço, quando eles passam a fazer parte no Orkut. Como também afirma Debray, à respeito da mudança no suporte de suporte do impresso para o virtual.

“O signo da escrita na tela do computador é, a meu ver, um médium diferente do mesmo signo apresentado em suporte de papel: passou da grafosfera para a videosfera” (DEBRAY, 1995, p.23)

Há tempos, escrever sobre si tem se tornado cada vez mais frequente. Os relatos biográficos das histórias de vida pessoal do biografado conduziram estes textos a tornarem-se um gênero discursivo situado entre a literatura de não-ficção e a história, além do jornalismo, e podem ser entendidos como biografia, autobiografia, histórias de vida, narrativa de vida, história oral e história pessoal, dentre outros. Para Villas Boas (2008, p. 22), “biografia é a vida de uma pessoa narrada com arte por outra pessoa”.

Neste capítulo será abordada a transmutação que ocorre a partir da linguagem e hábitos virtuais no que tange à produção textual de caráter biográfico. No suporte virtual, os usuários se configuram como escritores de diversos

segmentos e gêneros textuais e a biografia torna-se uma constante também. Neste sentido, trata-se não apenas de escritos sobre outras pessoas, mas também sobre si mesmos, de forma que a autobiografia é a tônica atual, que redefine o sujeito lírico como um sujeito autobiográfico.

No Orkut, os usuários expandem o conceito de biografia, escrevendo sobre si de forma a-linear, sem uma sequência temporal determinada e com múltiplos objetivos, sem a preocupação comum aos biógrafos de reconstituir a vida de personagens reais de acordo com uma cronologia e um trajeto organizados. Entretanto, a falta de um roteiro baseado em uma vida real, e de um forte apelo histórico das personagens autobiografadas no meio virtual, deslocam este texto do caráter romantizado de biografia como 'a vida narrada com arte', embasado em histórias que repercutiram e tiveram significados importantes dentro do contexto no qual ocorreram e inserem estes escritos voláteis e supérfluos, no conceito de linguagens líquidas de Bauman.

De forma que sua produção se baseia em histórias de vida que de alguma forma podem representar uma época, ou mesmo pelo encanto que tal personalidade produz nas demais pessoas, as narrativas biográficas foram por um tempo desqualificadas, sob a ótica de se contar a história a partir de uma única biografia, de um único personagem, sendo associadas à imprecisão, subjetividade e, até mesmo a possuir um caráter elitista e conservador, que privilegiava o indivíduo à massa, desconsiderando ser tal indivíduo biografado, uma possível via de acesso ao conhecimento do social. Seu boom no mercado editorial ocorreu, após a Segunda Guerra Mundial, possivelmente pela curiosidade em conhecer a intimidade de pessoas famosas, colocando estas produções nos primeiros lugares de vendas de livros e determinando a criação de seções especializadas em livrarias e bibliotecas.

Nos estudos acerca da biografia, tem-se discutido sobre a veracidade dos fatos apresentados, sobre a parcialidade do biógrafo quanto ao que ele resolve contar da personalidade e ainda a respeito de como o escritor/biógrafo também se revela através da história de outrem. No livro *Biografismo*, Vilas Boas apresenta as classificações criadas por Viana Filho, para os trabalhos biográficos, ainda nas décadas de 1930 e 1940 como:

- a) simples relação cronológica de fatos relativos a alguém; b) trabalhos nos quais, ao par duma vida, se estuda determinada

época; c) trabalhos nos quais à descrição duma existência se conjugam apreciações críticas sobre a obra do biografado; e d) trabalhos em que a narração da vida constitui o objetivo primacial. (VILAS BOAS, 2008, p.21)

Embora haja classificações diferentes, todas elas apresentam como pressuposto o fato de se basearem em um indivíduo, de terem como pano de fundo, o objetivo de revelar ou reconstituir uma personalidade única. Isso se dá através de uma relação reflexiva, onde a interpretação torna-se preponderante para a condição de produção biográfica. Daí ocorrem as dúvidas a respeito da parcialidade do biógrafo, pois necessita-se que ocorra a decisão por abordar ou não determinado assunto, seguir um roteiro coerente dentro da lógica criada para aquela vida retratada, segundo seu escritor e não seu real vivente.

Neste ponto, segundo Vilas Boas (2008) percebe-se a interferência de elementos, como o afeto, na compreensão e decisão sobre o que abordar do biografado, levando em conta que ela é afetiva e empática. Assim a vida e obra do biógrafo e do biografado, estão imbricadas e são indissociáveis.

Não há como escapar à condição de que somos sujeitos que lidam com outros sujeitos. Apesar de algumas simplificações, operamos a auto-reflexividade, a autocrítica que exige heterocrítica, o trabalho coletivo que exige o individual, e vice-versa, o singular contido no universal, e vice-versa e, como se não bastasse tudo isso, há ainda a possibilidade de expressar com fluência a subjetividade. (...) Tenha o nome que tiver, a empatia está por trás de todas as ações e reflexões. (VILAS BOAS, 2008, p. 30)

3.2 - Biografismo e Ethos no Orkut

Entre os métodos biográficos para se escrever sobre a vida das pessoas, destacam-se a co-criação de significados, pois o biógrafo descreve o mundo a partir da perspectiva da pessoa biografada, mas sem deixar de lado sua própria perspectiva, a relacionalidade, pois o relacionamento entre ambos pode contribuir para a qualidade da produção e a reflexividade, que está baseada na empatia. Os

termos foram discutidos por Vilas Boas a partir dos estudos de Norma Denzin e Cole e Knowles.

Vilas Boas (2008) chama de regra da 'transparência', a necessidade que os autores têm de explicar como aprenderam uma coisa e porque acreditam nela, de forma a fazer com que o público também possa fazer a mesma coisa. Assim, os biógrafos precisam ser transparentes e afirmar quais e quantos documentos foram consultados para embasar a obra, quantas entrevistas foram feitas e quais informações foram coletadas para conferir autenticidade à biografia contada.

No entanto, o autor deixa claro que neste jogo, o leitor não é claramente informado sobre quais assuntos ficaram por debaixo do tapete, o que o biógrafo decidiu omitir. Certo é que para se escrever sobre alguém, há inicialmente a empatia com a pessoa biografada e um ritual de conhecimento ou descobrimento desta pessoa, que leva o escritor a justamente decidir omitir fatos e histórias que possam de alguma forma prejudicar a biografia do personagem. Isso deve ocorrer talvez baseado no fato de que ao revelar a vida do outro, o biógrafo também revela um pouco de sua vida. "A narrativa sobre o biografado reflete elementos da vida do biógrafo, embora esses elementos nunca sejam explicitados" (Vilas Boas, 2008, p. 180).

Tendo isso em vista, o que se pode observar nas produções realizadas pelos usuários do Orkut, aproxima-se de relatos biográficos e autobiográficos, na medida em que apresentam relatos, descrições de momentos e histórias vividas, envolvendo tanto o autor dos textos, quando as pessoas a quem os textos estão sendo dirigidos. O espaço do Orkut determinado para os depoimentos, já citado anteriormente, onde as pessoas prestam homenagens umas as outras, confunde de forma mais profunda os relatos com trechos biográficos.

Neste espaço, o relacionamento entre os usuários, aquele que homenageia e o homenageado, influencia e determina o que será escrito no depoimento, de modo a um emocionar o outro. Assim sendo, a intenção do espaço, que não é a de contar toda uma biografia de uma pessoa, mas de, como já dito, prestar uma homenagem, ocorre a partir da empatia e da decisão sobre o que falar, abordando muitas vezes, momentos da vida dos dois em conjunto, revelando, como afirmou Vilas Boas, um pouco da vida dos dois.

Com o objetivo claro de prestar homenagem, sensibilizar ou agradar outra pessoa, o usuário do Orkut tenta, como afirma Maingueneau (2008, p. 13), a

respeito da noção de ‘ethos’, causar uma boa impressão pela forma como constrói o discurso, ativar uma certa representação de si, conferindo-se certa imagem que seja capaz de convencer o leitor, ganhando, desta forma, confiança. Para atingir tal objetivo, Maingueneau (2008), baseada nos estudos de Aristóteles, levanta as três qualidades das quais os escritores podem lançar mão para inspirar a confiança: a prudência, a virtude e a benevolência.

Aristóteles esboçara uma tipologia que distingue a “phronesis” (parecer ponderado), a “eunoia” (dar uma imagem agradável de si) e o aretê (apresentar-se como um homem simples e sincero). A eficácia desses ethé está, precisamente, vinculado ao fato de que de certo modo eles envolvem a enunciação sem serem explicitados no enunciado. (MAINGUENEAU, 2001, p. 137)

O autor afirma que o orador exprime tais qualidades não deixando-as evidentes na sua obra, não afirmando ser dessa forma, mas implicitamente, na forma como fala ou escreve, o que vincula o ethos ao exercício da palavra, ao papel que corresponde ao seu discurso e não ao indivíduo real.

A noção de “etos” está longe de estar estabilizada no vocabulário crítico. Assim, para os teóricos do grupo μ , o ‘etos é assimilável ao que Aristóteles chama de patos em sua Poética’ e se define como ‘um estado afetivo suscitado no receptor por uma mensagem particular’. . (Maingueneau, 2001, p. 138)

Atrelando os conceitos de biografismo e de ethos, os usuários do Orkut, constroem ou revelam historietas baseadas em vivências próprias e de outros usuários, de forma a enaltecer situações e legitimar a prestação da homenagem a eles. Na imagem a seguir, percebe-se tal intenção quando os usuários Erick Von e Maria de Fátima falam, em ‘Depoimentos’, para o perfil do jornalista e membro da Academia Paraibana de Letras, Carlos Aranha:

Figura 06



Erick von: Grande Aranha;
 Nascente que não cessa,
 onde as palavras brotam como água,
 cristalinas ou não, como água,
 matando ou não a sede, como água,
 trazendo ou não o alimento,
 lavando, sujando, beirando ou não,
 provocando correntes, renovando os ares,
 palavras evaporando e retornando à terra,
 molhando o solo árido e secando no varal
 da cultura brasileira.
 Gotas de palavras na bacia literária.

Me orgulho de ser seu amigo.
 Grande abraço.



Maria de Fátima: Amigo Carlos!
 Como é bonito o amor que você tem por sua mãe. Não a conheci,
 mas tenho informações que era uma super mãe, que sob dar
 educação britânica aos filhos e aos netos. Era uma senhora
 educada, fina e principalmente forte.
 Aprendi a gostar de Dona Antonieta, através do seu sobrinho Artur, e
 de Adriana, minha sobrinha, fisioterapeuta, que cuidou muito tempo de
 sua mãe. Não existe dor mais forte do que a da perda da mãe.
 Só o tempo para amenizar a saudade...
 Com toda minha admiração.
 Fátima Dantas.

No primeiro depoimento, de Erick Von, observa-se a composição literal da qual o usuário lançou mão para escrever sobre o perfil a ser homenageado, levando em conta não apenas a história de vida e contexto no qual Carlos Aranha está inserido, como também incluindo-se neste meio, a partir de seus escritos. Desta forma, ele escreve uma obra a partir da perspectiva do jornalista, no entanto, sem deixar de lado sua própria perspectiva, relacionando as biografias, através do uso das palavras.

Em seu texto, pode-se observar a intenção de homenageá-lo enquanto escritor de crônicas em um jornal de grande circulação no estado, como um homem de “onde as palavras brotam como água”, uma “nascente que não cessa”. Assim, através da relacionalidade, o co-enunciador sente-se mobilizado a aderir ao universo de sentidos do autor, em virtude do ethos implícito, no qual o autor também se expõe, sem se afirmar, como um detentor do poder de utilização literária das palavras, enquanto “uma nascente” que “mata ou não a sede, como água”.

Na contramão do primeiro depoimento, o texto de Maria de Fátima revela outra forma de prestar homenagem, segundo a qual as histórias biográficas tornam-

se mais presentes. É evidente a proximidade entre a autora e o receptor a quem o texto é destinado, em virtude dos escritos envolverem descrições familiares e um grau de parentesco e proximidade entre ambos. A reflexividade ocorre em razão da empatia gerada pela descrição de como houve o sentimento de gostar da mãe do perfil homenageado, deixando claro o princípio da transparência de Vilas Boas, na busca por certificar a razão para isso, através da rede que a interligou a esta mãe (através de seu sobrinho Arthur, e de Adriana, minha sobrinha).

De acordo com Sérgio Vilas Boas, nos livros biográficos, os autores preferem usar os prefácios e apresentações das obras para reafirmar a quantidade de documentos consultados sobre a pessoa, de entrevistas feitas e de informações coletadas, com o intuito de garantir e/ou ter um álibi sobre o que está sendo escrito. De forma que os escritos do Orkut não se enquadram no perfil de textos meramente biográficos, ou não são escritos com esta finalidade, embora possuam características e por mais que possam assim parecer, é nas relações interpessoais e de proximidade entre quem se propõe a escrever e a pessoa a quem o texto se destina, que a tentativa de demonstrar transparência é notada.

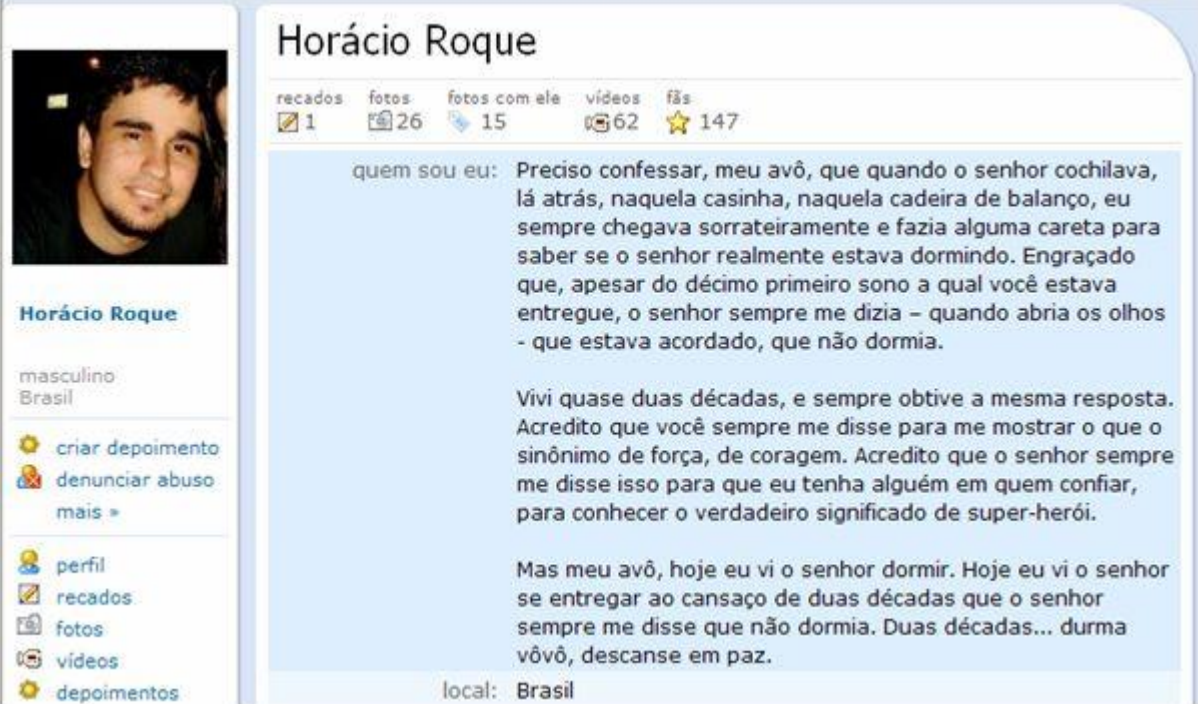
O fato é que nós, leitores, não temos acesso à visão de mundo que orientou as movimentações do biógrafo no tabuleiro de xadrez que é o biografismo; não ficamos sabendo quais informações/interpretações decidiu descartar; não nos é garantido o direito de conhecer as dúvidas e impasses que inevitavelmente lhes ocorreram. Em geral, nem sabemos por que escolheram tal pessoa e não outra. (VILAS BOAS, 2008, p. 181)

Ao falar isso a respeito das biografias, Vilas Boas afirma que a escolha pela pessoa biografada ocorre por alguma associação livre, intuição ou razão concreta, mas que nas biografias contemporâneas, não transparece. No Orkut, por sua vez, é nítida a relacionalidade e motivos que levam uma pessoa a escrever os pequenos textos de cunho biográfico.

No trecho a seguir, do Orkut de Horácio Roque, foi utilizado o espaço destinado à apresentação 'Quem sou eu' para a publicação de um texto no qual também se observa o caráter biográfico e literário do texto. A relação de proximidade entre o escritor e seu avô norteia a condução da história e revela as três qualidades dos estudos de Aristóteles. O ethos do autor (Horácio) não é explicitado, mas envolve toda a enunciação. A prudência, a virtude e a benevolência estão implícitos

e suscitam no leitor, no exercício da palavra, uma boa representação de si e lhe confere confiança.

Figura 07



Horácio Roque

recados 1 fotos 26 fotos com ele 15 vídeos 62 fãs 147

quem sou eu: Preciso confessar, meu avô, que quando o senhor cochilava, lá atrás, naquela casinha, naquela cadeira de balanço, eu sempre chegava sorrateiramente e fazia alguma careta para saber se o senhor realmente estava dormindo. Engraçado que, apesar do décimo primeiro sono a qual você estava entregue, o senhor sempre me dizia – quando abria os olhos - que estava acordado, que não dormia.

Vivi quase duas décadas, e sempre obtive a mesma resposta. Acredito que você sempre me disse para me mostrar o que o sinônimo de força, de coragem. Acredito que o senhor sempre me disse isso para que eu tenha alguém em quem confiar, para conhecer o verdadeiro significado de super-herói.

Mas meu avô, hoje eu vi o senhor dormir. Hoje eu vi o senhor se entregar ao cansaço de duas décadas que o senhor sempre me disse que não dormia. Duas décadas... durma vovô, descanse em paz.

local: Brasil

masculino
Brasil

criar depoimento
denunciar abuso
mais »

perfil
recados
fotos
vídeos
depoimentos

Capítulo 4

DA ARTE À INSTITUIÇÃO LITERÁRIA: A FORMAÇÃO DE UMA NORMATIZAÇÃO PARA A ESCRITA

4.1 - A Instituição Literária

Por cerca de quatro séculos (XV ao XIX), o livro e o texto impresso reinaram absolutos, como produtores e difusores do saber e da cultura. A partir do livro impresso, feito de registros passíveis de duplicação e transmissão, a informação tornou-se objeto transportável e expandiu a capacidade de leitura. Ele interferiu e modificou a vida social, política e cultural de todo o mundo, devido ao crescimento exponencial de um corpo de conhecimentos científicos e das mais diversas práticas culturais, literárias e artísticas. A literatura, nesse âmbito, se confundiu com o livro, institucionalizando-se.

Como instituição, o livro representa uma forma de socialização que compreende todo um circuito de produção e consumo: autores, editores, leitores, críticos, comunidades interpretativas institucionalizadas. Como qualquer forma de socialização, a instituição do livro cria um espaço público, estabelece hierarquias e constitui identidades nos grupos e nos indivíduos que dela participam. (BELLEI, 2002, p. 13)

A literatura, percebida sob o âmbito da instituição, remete a comportamentos estáticos e fortemente hierarquizados, mas por outro lado, também confere solidez histórica e reconhecimento público. Julia Kristeva (2003) afirma:

Teria tendência a ver nela duas coisas: por um lado, a própria literatura, a prática da escrita, o fato de querer inserir-se num código que consiste em transpor preto no branco e a partir de um certo número de imposições uma experiência onírica e real; por outro lado, entenderia por 'instituição literária' todas as margens da prática literária: as revistas, os júris, eventualmente as universidades, tudo o que consagra a experiência literária e lhe dá uma possibilidade mais ou menos grande de chegar ao público; isto é, finalmente os canais de transmissão. (KRISTEVA apud REIS, 2003, p. 26)

Dessa forma, a literatura sob a ótica da instituição, implica não apenas escritores, textos, leituras. Inclui também os processos de transmissão e divulgação, as livrarias, os críticos, professores e a academia. Ela é um fenômeno social que se torna produto de uma sociedade, como objeto de consumo. Dessa forma, são criadas as academias de letras, organizam-se círculos literários, estabelecem-se critérios, rígidos ou flexíveis, de avaliação da obra literária. Sendo entendida como fato social, a literatura insere-se nas lógicas de mercado, que se produz, se vende e se consome.

Outra característica da instituição literária, é que ela é marcada profundamente pelos valores vigentes e regentes na sociedade em que se concebe, em razão de originar-se de um autor, pertencente a um determinado grupo social, inserido num certo contexto sócio-histórico, dando ao discurso literário, caráter inegavelmente ideológico.

Com isso, torna-se necessário um entendimento maior e mais aprofundado acerca da constituição deste universo, sistemático e constituído de regras e hierarquias de dominação e dependência, no qual se estabelece o universo literário, a fim de, futuramente, analisar de que forma esta instituição se adapta ao ciberespaço e participa da construção de uma nova significação para a literatura.

Historicamente, a literatura está inserida em uma política intelectual, diferenciada e independente da política econômica, embora, se submeta a ela, quando necessário. Enquanto a economia tira proveito dos avanços tecnológicos e permite-se mudanças estruturais em curtos espaços de tempo e em todo o mundo, a literatura também é beneficiada das transformações que ocorrem no universo tecnológico, com relativa independência, mas que também se desenvolve a partir delas, tendo em vista as mudanças ocorridas ao longo dos últimos anos, nos quais, sem o incremento do ciberespaço e toda a sua tecnologia, não se tornaria possível.

As rivalidades e universo de forças antagonistas, no qual a literatura se constitui, faz dela um objeto de disputas, com recursos, manifestos, correntes, desvios e movimentos, que lhes dão força e margem para o desenvolvimento de novas significações, no qual o único valor reconhecido é um valor simbólico, que é o valor literário. Detentor de um poder imensurável, este capital é verificado, segundo Casanova (2002) a partir de indicadores culturais, como a quantidade de livros publicados todos os anos, as vendas de livros, o tipo de leitura por habitante,

número de editores, livrarias, entre outros, considerando diversas literaturas e nações, mas, sobretudo, a partir do arcabouço e prestígio pertencente a cada um dos autores ou escritores.

Como sugere Bourdieu (2009), a literatura e as artes, de um modo geral, possuem uma relativa autonomia em relação à ditames religiosos e políticos, sendo regida por regras criadas por uma categoria de artistas e intelectuais, inclinados a levar em conta, apenas os princípios da tradição intelectual já herdada, com independência social da igreja, academia e do poder político. Este sistema cultural, dito como autônomo, está ainda assim, ‘a serviço’ do valor mercantil e, por muitas vezes, é consagrado apenas pelo mercado e seus indicadores culturais.

A instituição da literatura segue assim, relacionada a uma gama de referenciais que validam a necessidade de atender a ditames comerciais, jogando a um segundo plano, a qualidade da obra literária e fazendo erigir as ordens de poder relacionadas ao reconhecimento público. Daí e da diversidade de produções que são produzidas e publicadas diariamente, surgem as dúvidas a respeito do cânone literário e sobre o que de fato é, ou não, literatura. Mais adiante da origem desta discussão, ao se chegar ao universo da virtualidade, a problemática se intensifica em virtude da interatividade e participação do público na produção, bem como do surgimento de obras e estágios de evolução cada vez mais distantes da prática que se institucionalizou como literária.

Discutindo a questão sobre o que é, ou não literatura, Culler (1999) afirma que para os leitores tratarem algo como literário, subentende-se que eles a encontrem em um contexto que a identifique como literatura, como por exemplo, em um livro de poemas, ou em uma seção de uma revista, biblioteca ou livraria.

O que diferencia as obras literárias dos outros textos de demonstração narrativa é que eles passaram por um processo de seleção: foram publicados, resenhados e reimpressos, para que os leitores se aproximassem deles com a certeza de que outros os haviam considerado bem construídos e “de valor”. (CULLER, 1999, p.33)

Desta forma as obras produzidas e publicadas no espaço virtual só seriam percebidas como literatura, a partir da anuência de seus leitores, já que é este, um ambiente externo à instituição literária? Aqui se chega ao ponto central desta discussão, que é a afirmação ou não do ciberespaço como meio de produção e

disseminação da literatura e de seus usuários como produtores de literatura, assim como também são considerados aqueles das folhas de livros, que passaram por todo o processo da instituição.

No atual momento, com o constante desenvolvimento das tecnologias e suportes virtuais, torna-se pertinente o estudo das relações entre a literatura e as mídias. Verificar de que forma os textos se apresentam virtualmente conferindo um novo parâmetro institucional à literatura e abordar as transformações e inovações presentes na forma como a produção literária funde-se à lógica da hipermídia, e como são absorvidas pelos usuários, através de diversos componentes audiovisuais, que modificam o caráter monossemiótico dos textos, unindo-o às tecnologias do ciberespaço.

Através das imbricações e hibridações, desde o seu surgimento, a Internet vem se configurando como o suporte capaz de abarcar todas as outras mídias, construindo um espaço plurissemiótico e global. A informática, com sua capacidade de armazenar e processar informações nas formas de texto, áudio, ou vídeo, derruba as fronteiras e transforma os discursos numa rede, múltipla e repleta de conexões, chamadas de hiperlinks. Os recursos disponibilizados no espaço virtual, condicionando e homogeneizando digitalmente qualquer fonte de informação em um sistema integrado de bites, possibilita a disseminação e ampliação das criações da cibercultura.

O ciberespaço, segundo Lemos (2002) é uma rede de inteligências coletivas, e dessa forma, todos os participantes dessa teia fornecem elementos que compõem os discursos e produtos por ela proferidos. No espaço virtual, o leitor, por meio de movimentos e comandos no mouse, une de modo a-sequencial diversos fragmentos e cria novas estruturas e experimentos, num processo potencialmente dialógico. A internet é e fornece um labirinto de informações e construções que se conectam e dissociam-se a cada novo movimento criando novos significados.

A literatura e as formas de escrever não escapam a esta realidade. Na era pós-moderna, todas as artes se confraternizam. Neste tempo, início do terceiro milênio, as tecnologias digitais, as memórias eletrônicas, as hibridizações, como afirma Santaella (2007, p.330), abrem “ao artista e literato, horizontes inéditos para a exploração de novos territórios da sensorialidade e sensibilidade”. E, segundo Campos (apud GUIMARÃES, 2004), de forma que esses meios possam ser usados de maneira convencional, ou criar obras inventivas e originais, não desqualifica a

importância das novas mídias, que tendem a se impor como extensores sensíveis que facilitam e multiplicam as habilidades individuais.

Na Internet, a poesia ganhou status de “ciberpoesia”, que faz parte da ciberarte ou ‘net arte’. O termo se refere à arte que é feita utilizando como meio as redes de computadores. Segundo Broeckmann (2006), nas redes, a arte pode tanto utilizar a Internet como meio de distribuição, funcionando de forma eficaz, porém substituível, como também estar ligada com o meio das redes eletrônicas no seu modo de produção, utilizando dos seus protocolos e suas virtualidades técnicas, aproveitando o potencial dos softwares e hardwares, o que seria impossível de acontecer sem seu meio específico, neste acaso a Internet.

A Ciberliteratura, proposta nesta pesquisa, se insere nesta segunda funcionalidade para as artes na rede, na medida em que, como poderá ser observado no site de relacionamentos Orkut, os artistas (usuários) não estão somente transpondo para a mídia digital, recursos que poderiam ser implementados fora dessa mídia. Os discursos da literatura, convergentes com o ciberespaço, são potencializados a partir dos meios que se tornam possíveis nas redes. Carregado de um caráter plurissemiótico, no Orkut, a literatura se constitui de textos, imagens, estáticas ou em movimento, e som, o que amplifica os sentidos das escritas, não limitadas mais ao sentido usual de caracteres tipográficos, por também envolver os meios audiovisuais supracitados.

Aarseth (apud Guimarães, p.165, 2004) usa o termo “cibertexto” para designar um elenco de discursos que emanam dos ambientes eletrônicos, incluindo formas que são escritas quer conscientemente, quer inconscientemente, tais como diálogos para videogame ou transcrições de chats. No Orkut, meio mais próximo das salas de bate-papo e do correio eletrônico, os usuários, em seus perfis constroem seus diálogos e fazem uso da literatura, dando a ela o caráter multimidiático, englobando o texto escrito, a exploração de variáveis gráficas, as mídias imagéticas (gráficas, fotográficas e videográficas) e o som.

No Orkut, apreciar a literatura, ler textos literários, envolve, sobretudo, ler os escritos na sua materialidade textual. As vantagens estão na sua habilidade de empregar multimeios, ser interativa e aumentar a circulação, da forma que outras mídias não permitem. Suas características mais fortes são a intermedialidade, a hibridação, a interatividade, a permutabilidade e a cinética. Como afirma Foucault (2001, p.143):

Pode-se dizer, que, a partir do século XIX, todo ato literário se apresenta e toma consciência de si como transgressão da essência pura e inacessível da literatura. E, no entanto, cada palavra, desde sua escrita na famosa página em branco da obra faz um sinal para algo – pois não é a palavra normal ou comum - que é literatura; cada palavra é um sinal que indica algo que chamamos literatura.

Mikhail Bakhtin é um dos autores que toma a literatura como uma instituição, afirmando que ela reflete signos sociais, os quais, em movimento no dizer, reforçam o discurso oficial. Ao lidarmos com o tecido literário – a arte –, ela se materializa como uma organização estrutural, como um construto que opera também como uma organização de funções sociais e ideológicas. A experimentação de novos suportes revelada nos gêneros literários através das hibridações e do caráter semiótico adicionados na Internet permite reconhecermos um novo movimento para a instituição literária a partir das novas tecnologias.

A digitalização da arte e da literatura têm como consequência imediata a nomadização do leitor-espectador, por um lado, a sua imersão perceptiva e corpórea, por outro, no próprio interior do texto-imagem. (...) O Hipertexto, enquanto nova tecnologia de escrita passa a ser incontornável, apesar da sua coexistência com as tecnologias anteriores. Trata-se, pois, de lhe explorar as potencialidades. Como dispositivo de leitura, por exemplo, o hipertexto não se limita à sua pretensão de biblioteca universal, ele pode estabelecer-se como um jogo de conexões intertextuais que permitam, nos textos clássicos, deslinearizar-lhes a leitura. (BABO, 2000)

No site de relacionamentos, objeto de estudo, os usuários estabelecem vínculos, dentro do que Laurel (apud Santaella, 2007) chama de comunidades virtuais. Elas são compostas de agrupamentos de pessoas que podem ou não se encontrar face a face e trocam mensagens e idéias através da mediação das redes de computador. Rheingold (1996) aborda as comunidades virtuais, afirmando que elas se alastram, como colônias de microorganismos, devido à características imanentes ao ciberespaço.

No ciberespaço, conversamos e discutimos, engajamo-nos em intercursos intelectuais, realizamos ações comerciais, trocamos

conhecimento, compartilhamos emoções, fazemos planos, trazemos idéias, fofocamos, brigamos, apaixonamo-nos, encontramos amigos e os perdemos, jogamos jogos simples e metajogos, flertamos, criamos arte e desfiemos um monte de conversa fiada. Fazemos tudo o que fazem as pessoas quando se encontram, mas com palavras e na tela do computador, deixando nosso corpo para trás. Rheingold

Como afirma Heidrun Krieger Olinto (2002, p.68),

Se hoje nos encontramos no limiar de uma era midiática que opera com sistemas de produção, transmissão e recepção de textos radicalmente novos, a partir de possibilidades inovadoras da organização do saber – o hipertexto – e de novas qualificações para a ficção – o ciberespaço -, precisamos, fora dos clichês de uma crítica da cultura pessimista, lançar um olhar atento sobre as mudanças que ocorrem quando o livro, nos últimos 500 anos figura emblemática de nossa civilização ocidental, além do lugar tradicional na biblioteca, em sua forma impressa e encadernada entre duas capas, conhece novos espaços e modos de atuação, abertos pela tecnologia digital, e a literatura passa a disputá-los, além disso, com incontáveis discursos rivais da mídia de massa.

Nesse novo ambiente, a literatura busca acompanhar os suportes das novas tecnologias e o texto escrito não é mais suficiente ou reina absoluto, como afirma Jameson (1996):

Assim, o texto escrito perde seu status privilegiado e exemplar no exato momento em que as conceituações disponíveis para analisar a enorme variedade de objetos de estudo que a 'realidade' nos apresenta (todos, em sua variedade, agora considerados como 'textos') se tornaram quase que exclusivamente linguísticos em sua orientação. A análise da mídia em termos linguísticos e semióticos, portanto, pode muito bem ser indício de uma ampliação imperialista do domínio da linguagem de forma a incluir os fenômenos não-verbais – visuais ou musicais, corporais, espaciais -, mas pode também representar um desafio crítico e disruptivo aos próprios instrumentos conceituais que foram mobilizados para completar essa operação de assimilação. (1996, p.92)

4.2 - Literatura na web e a tensão política frente à literatura tradicional

As condições de surgimento da literatura na Internet foram criadas de fora para dentro. À literatura foi imposta a realidade do ciberespaço e a necessidade

urgente de se adaptar a tal espaço, não só necessariamente de forma pacífica ou espontânea, mas também em virtude da convergência e do imperativo da Internet como novo meio modulador de comportamentos e da história como um todo. (CASANOVA, 2002, p. 219).

Apesar da convergência, a literatura na Web configura-se como um ponto de tensão política forte à literatura tradicional. Ela não é a literatura feita pelos grupos marginalizados ou mesmo não é uma literatura com tendência a ser direcionada ou motivada por este segmento. É uma nova literatura, com um novo perfil, que necessita de novos parâmetros para apreciação e análise, para contar sua história.

O espaço literário não é uma estrutura imutável, congelada de uma vez por todas em suas hierarquias e suas relações unívocas de dominação. Mesmo se a distribuição desigual dos recursos literários induz formas de dominação duráveis, ele é o local de lutas incessantes, de contestações de autoridade e da legitimidade, de rebeliões, de insubmissões e até de revoluções literárias que conseguem modificar as relações de força e provocar reviravoltas nas hierarquias. Nesse sentido, a única história real da literatura é a das revoltas específicas, dos atos de violência, dos manifestos, das invenções de formas e de línguas, de todas as subversões da ordem literária que aos poucos “fazem” a literatura e o universo literário. (CASANOVA, 2002, p. 217)

De acordo com Casanova, os espaços literários foram constituídos a partir de lutas e dominações, realizadas por aqueles que tentavam entrar no jogo. Desta forma, dentro desta perspectiva, a literatura é uma criação singular na medida que é obra individual, porém também coletiva, pois está inserida dentro de um contexto no qual é vista como um conjunto de soluções que visam mudar a ordem do mundo literário.

Casanova (2002, p. 218) explica que existem ‘efeitos de dominação’ comuns a todas as partes do mundo, que se exercem da mesma forma em qualquer lugar e que, por isso, a partir de seu conhecimento, fornecem instrumentos universais de compreensão dos textos literários. Eles permitem compreender fenômenos literários que são totalmente diferentes e distantes no tempo e espaço, abstraindo, por exemplo, contextos históricos secundários e de menor importância para o conhecimento da literatura.

Para o surgimento de um novo estilo literário, um efeito de dominação urgente a ser consolidado, é a visibilidade literária. Para se estabelecer, em meio às ameaças de invisibilidade, os escritores devem buscar condições para serem notados. Como no caso da liberdade criadora dos escritores das periferias, que só foi conquistada à custa de lutas, nas quais eram desmerecidas em nome da universalidade literária e da igualdade de todos diante da criação e da invenção de estratégias complexas, novos escritores são submetidos à política literária que os obriga a elencar tais elementos que a justifiquem como obra/arte, a fim de se estabelecer.

O Orkut observado sob o ponto de vista de ser uma nova forma de literatura, não condicionada aos parâmetros convencionais de inscrição de obras literárias nas folhas de papel, subverte a noção de instituição literária, seguida ao longo de séculos por todos que a ela se submetem. Vinda não da periferia, mas de uma realidade transgressora da máquina frente às artes, a obra literária 'okurtiana' elabora novos mecanismos de observação literária, com os quais não é possível buscar os mesmos efeitos de dominação e análise.

As produções criadas no ciberespaço não podem ser classificadas ou catalogadas a partir dos mesmos mecanismos da arte impressa. Mas ainda assim, é possível e necessário, determinar uma família literária, tornando próximos os materiais produzidos mesmo distantes no espaço, tendo em vista a conexão entre eles pela rede, tornando-os unidos, assim como afirma Casanova (2002, p. 220) por uma 'semelhança de família'. Segundo ele, classificam-se em geral os escritores por nações, gêneros, épocas línguas, movimentos literários, entre outros. Ou mesmo, opta por não classificá-los, considerando-os como singularidade absoluta.

Fato é que não há unidade entre todas as obras produzidas em blogs, sites de relacionamento e redes sociais e as relações de contiguidade e de diferenciação são tanto mais aparentes, pelo fato de não haverem regras gerais para sua produção, quanto mais móveis e inconstantes. A possibilidade de refazer, adicionar, relacionar através de links, uma obra a outra, permite a proximidade entre as produções. Para um autor interessado em fazer parte deste universo virtual de escritores, é possível, a qualquer momento, redirecionar o que escreve, para se aproximar de um estilo, de um segmento, de uma realidade ou outra.

É evidente que essa sintaxe literária é uma proposta teórica que a infinita diversidade do real só poderia matizar, corrigir, refinar. Não se trata de pretender que todos os possíveis tenham sido esgotados, nem que poderiam ser previsíveis por meio desse modelo: simplesmente tenta-se mostrar que a dependência literária favorece a criação de uma espécie de gama literária inédita que todos os escritores dominados do mundo têm ao mesmo tempo de reinventar e reivindicar para criar a modernidade, ou seja, para provocar novas revoluções literárias. (CASANOVA, 2002, p. 220)

É talvez o efeito da utilização hipermidiática da rede que contribui para que uma literatura virtual não se submeta aos mesmos critérios de análise da institucionalizada literatura desenvolvida há séculos. As criações não se esgotam dentro de apenas uma página, de um único texto, pois o 'link' funciona como uma espécie de continuação inesgotável de leituras e interpretações, possível dentro dos interesses de cada leitor. Daí a dificuldade de se determinar uma lógica linear de condução da literariedade criada no ciberespaço, o que sugere uma revolução literária, na forma, na criação e, principalmente, na leitura.

Segundo Pascale Casanova, ao longo dos quatro séculos de formação e unificação do campo literário mundial, as lutas e estratégias dos escritores seguiram basicamente uma mesma lógica. Na cronologia da formação de cada espaço literário, Pascale afirma que, com poucas variantes e diferenças secundárias que se devem à história política, à situação linguística e ao patrimônio previamente acumulado, as etapas deste processo são quase as mesmas para todos os espaços literários constituídos.

Acrescenta-se às variantes, neste caso, a tecnologia como principal pressuposto para a formação e diferenciação da literatura no ciberespaço. Não se trata apenas de se escrever em outro meio, até porque muitos dos escritos podem ser, na verdade, apenas transpostos para o meio virtual, mas também pela sua forma de publicação, divulgação e leitura. A política do meio virtual é outra, por sua vez, desterritorializada, a situação linguística também o é, tendo em vista os gêneros literários possíveis na internet e o patrimônio acumulado é, em casos, a junção de todo o patrimônio literário universal institucionalizado e, em outros, apenas um princípio de algo que ainda está sendo criado.

De forma que a cada momento, as relações de força e desigualdade dentro do universo literário mundial sofrem modificações e se transformam, espaços antes

considerados marginalizados em um momento, passam a ser considerados e renomados, anos depois, como o caso da Literatura produzida na América Latina, da década de 1930 e trinta anos depois. No caso da web literatura, ela encontra-se no centro de uma discussão e de uma realidade da qual não se pode mais voltar atrás e, embora marginalizada, possivelmente quanto ao seu caráter estético e enquanto 'arte', é atualmente um espaço literário integrado ao centro da literatura mundial.

Esse esforço para dar o meio de compreender e interpretar a particularidade das obras provindas da periferia do universo literário por uma descrição estrutural das relações literárias e das relações de força em escala mundial talvez pareça chocante a todos aqueles que têm uma visão encantada da liberdade criadora. Mas deve-se ver que, ao contrário da ilusão amplamente compartilhada de uma inspiração poética universal que outorgaria indiferentemente sua graça a todos os artistas do mundo, as coerções se exercem de maneira desigual sobre os escritores e pesam tanto mais sobre alguns quanto são ocultas como tal para satisfazer a definição oficial de uma literatura una, universal e livre. (CASANOVA, 2002, p. 228)

Ao afirmar isso, Casanova explica que as coerções que pesam sobre os escritores marginalizados servem para mostrar que suas obras são mais improváveis que as outras e que conseguem emergir e serem reconhecidas de forma quase que milagrosa, subvertendo as leis literárias estabelecidas pelos centros por meio da invenção de soluções literárias inéditas.

De política também é construído o caminho destas novas literaturas advindas de grupos marginalizados. Segundo Casanova, a politização é um dos traços constitutivos das pequenas literaturas. Em muitas das situações, esta política chega a ser subversiva, na medida em que são construídas contra a imposição política central imperialista. A posição destas novas literaturas são ainda complexas e não são nem acadêmicas nem conservadoras. Pelo fato de não possuírem qualquer patrimônio literário, uma tradição constituída, nem mesmo língua, cultura e tradições populares, cabe a elas, a luta política como forma de demarcação e diferenciação perante as outras literaturas tradicionais.

Capítulo 5

DA LITERATURA À CIBERLITERATURA: A FORMAÇÃO DE UMA NOVA LITERATURA?

Embora se submeta à lógica do ciberespaço, a rede social Orkut – assim como programas de computação voltados para produção textual na tela do computador a exemplo do Word – assemelha-se à produção desenvolvida em uma folha de papel. A forma da escrita nestes espaços segue a mesma sequência lógica e espaço-temporal, com início, meio e fim, da escrita do suporte impresso.

Isso pode ser observado na delimitação dos espaços “em branco” estabelecidos na tela do computador semelhantemente às páginas de livros. As margens, espaçamento entrelinhas e o modelo de formatação do texto ainda seguem, em sua predominante maioria, o modelo lógico de codificação da língua conforme a herança mnemônica da práxis da escrita sobre o suporte impresso, que ainda é o sistema de organização do código linguístico predominante.

Desta forma, observa-se em muitos casos, o computador apenas como um meio para onde é transposto um conteúdo produzido à mão, em papel, de forma que é possível também utilizar a rede apenas como um novo suporte recontextualizador dos escritos tradicionais, são outros elementos que conduzem os novos textos a se configurarem como ‘Ciberliteratura’.

5.1 - A Ciberliteratura

A Ciberliteratura resulta de uma metamorfose de formas, baseadas nas novas modalidades de textos nascidas a partir do advento da informática e das novas tecnologias digitais e sobretudo da relação entre as máquinas e o ser humano e também pode ser denominada de literatura algorítmica ou virtual. A Ciberliteratura designa aqueles textos que baseiam sua construção em procedimentos informáticos, combinatórios, multimidiáticos ou interativos. Ao fazer uso das potencialidades do computador como uma máquina criativa que permite o desenvolvimento de estruturas textuais, o ciberautor pode utilizar o computador de forma criativa, como

manipulador de signos verbais e não apenas como um simples armazenador e transmissor de informações.

A história, os arquivos e a noção de texto literário estão se modificando devido aos efeitos combinatórios do hipertexto e da Internet. A leitura característica do livro tipográfico é alterada pelas ramificações e nós permitidos no ciberespaço. A digitalização dos textos e a sua estrutura no computador dissolve os limites do livro e dos demais formatos impressos.

Sobre seu conceito, não há ainda formas definidas, devido à mutabilidade das novas formas de criação literária, ainda em fase de consolidação. Os novos paradigmas do texto que estão emergindo são provenientes das mais recentes tecnologias digitais de informação e seu uso por autores, escritores e usuários conectados a tais avanços de forma criativa, manipulando a escrita.

De acordo com Barbosa (2001), no atual estado em que se encontra, a Ciberliteratura (literatura gerada por computador) abrange três grandes linhas, gêneros ou tendências de criação textual que podem ainda muitas vezes assumir uma forma mista. São elas a poesia animada por computador, como uma continuidade da poesia visual, introduzindo a questão da temporalidade na textura multimidiática da escrita em movimento; a literatura generativa, que mediante geradores automáticos, apresenta ao leitor um campo de leitura virtual constituído por infinitas variantes em torno de um modelo; e a hiperficção, uma narrativa desenvolvida segundo uma estrutura em labirinto, em que a intervenção do leitor vai determinar um percurso de leitura único que não esgota a totalidade dos percursos possíveis no campo de leitura.

O computador funciona para a Ciberliteratura como uma máquina aberta e o circuito literário tradicional é alterado nos seus múltiplos componentes: na relação autor/texto, na relação texto-leitor, na relação autor/leitor e na própria noção de texto. A interatividade contribui para isso, na medida em que no momento da recepção de um texto pode conduzi-lo a uma intervenção simbiótica das funções tradicionais do autor e do leitor mediante uma maior ou menor participação deste último no resultado textual final. Entra-se em um processo que Barbosa (2001) chama de escrita-pela-leitura ou de leitura-pela-escrita.

Barbosa (2001) elenca três aspectos sobre o contexto da Ciberliteratura, quanto à possibilidade de ela vir a assumir-se como um gênero literário novo, baseado nas possibilidades abertas pela informática:

- a) Fixação da mensagem: surge um suporte novo para a escrita. Podendo dispensar a mediação do papel, a palavra escrita é armazenada digitalmente em suporte magnético e exibida electronicamente no monitor de qualquer computador (muito embora, subsidiariamente, ela também possa ser fixada em papel através da saída para uma impressora). O tratamento digital da informação faz com que esta possa facilmente integrar elementos discursivos variados (palavras, sons, imagens) assumindo cada vez mais o texto uma dimensão multimidiática.
- b) Circulação da mensagem: é feita através da mediação de suportes magnéticos (como a disquete ou o CD-ROM) ou directamente de computador para computador por mais ou menos vastas ligações em rede (a Internet é apenas um exemplo actual).
- c) Produção e recepção da mensagem: a mensagem literária assume-se quase sempre estruturalmente como obra aberta – seja na sua modalidade potencial seja na sua modalidade interactiva. Tal facto implica a participação do “utilizador” para lhe dar existência verbal. Ora, sendo a mensagem constituída por opções do próprio utente-leitor no contexto de um labirinto tantas vezes inesgotável de percursos leiturais, qualquer texto final assim concretizado é também a emanação personalizada do utilizadores do programa; e tal emanação é acrescida quando o programa lhe concede a possibilidade de intervir com dados pessoais, modificando ou reescrevendo o texto virtualmente proposto. (BARBOSA, 2001, p. 5)

A literatura gerada por computador promove, assim, uma experimentação e jogo, recriando profundamente conceitos como os de texto e interpretação. Ela permite uma renovação dos meios, partindo da hipótese de que de meios novos podem surgir conteúdos novos também. Por isso, é necessário reconhecer e avaliar as consequências que da utilização das tecnologias digitais e das redes telemáticas na estruturação de novos conceitos para a literatura e consequentemente para a Instituição Literária.

É o intuito deste capítulo, desenvolver uma discussão sobre a forma como se constrói uma nova literatura, encapsulada em um roteiro e sequência já massificados no papel, mas que envolta em uma nova realidade mais ampla e difusa, torna possível a criação de novos paradigmas estéticos. Para que seja possível o desenvolvimento de um estudo sobre a incidência do fenómeno da Ciberliteratura, faz-se necessário estender uma observação analítica sobre as manifestações literárias no espaço virtual do site Orkut e estabelecer uma

sistematização dos modelos com os quais essas escritas ocorrem no ambiente virtual.

Por ser uma rede de socialização no ciberespaço, o Orkut situa-se como um espaço voltado à comunicação e interação entre internautas. No entanto, as mudanças implementadas pelos meios eletrônicos na forma como as pessoas interagem, trouxe como consequências transformações não apenas no âmbito das comunicações, mas também nas formas e nos conteúdos da criação literária. Os usuários da internet assumem nova postura quando criam seus perfis e passam de leitores a criadores e organizadores da expressão literária e a máquina, um suporte para a obra se concretizar.

A gama de possibilidades criadas pelas tecnologias de escrita, como o hipertexto e a hipermídia, além de outros suportes anteriores já ultrapassados, mesmo sendo do meio digital, como o vídeo-texto, desenharam um outro formato para a literatura contemporânea, no qual as possibilidades de escrita e de fruição da leitura desmontam os padrões correntes de séculos de cultura impressa. Modifica-se o conceito e a estética da literatura, dentro de uma arquitetura tridimensional e líquida para a escrita, em rede.

De acordo com LONGUI (2003, p.02), dentro deste contexto, a literatura pode “deslocar-se” do livro, antes visto como suporte imprescindível e fundamental, migrando em direção a outro meio de difusão e criação literária, mais precisamente, a tela do computador. E aí, em um novo ambiente de produção e difusão, desloca-se também o papel do leitor, mais abrangente ou mais restritivo, segundo o interesse de quem o produz e de acordo com a abrangência do espaço utilizado. Notadamente, o modo de utilização do Orkut, submete os escritos e os direciona a determinado leitor específico e escolhido pelo autor, determinando a participação passiva dos outros e ativa do destinatário. Como numa espécie de hipertexto, embora mais restrito e condicionado apenas à sua própria rede social, no Orkut é possível o surgimento e crescimento de uma narrativa interativa de caráter hipertextual. O hipertexto foi citado tal como o conhecemos hoje, pela primeira vez em artigo de 1945, do matemático e físico Vannevar Bush, que tratava da criação do ‘Memex’, uma espécie de banco de dados virtual, que imitava as características do pensamento humano, agregando sons, imagens e textos.

Conforme a mente humana, que passa de uma representação a outra, através de uma rede intrincada, repleta de bifurcações e tecendo uma trama infinita, o

ciberespaço possibilita uma navegação semelhante. Levy (1993), diz acerca do hipertexto:

É um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou partes de gráficos, sequências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos ser hipertextos. Os itens de informação não são ligados linearmente, como em uma corda com nós, mas cada um deles, ou a maioria, estende suas conexões em estrela, de modo reticular. Navegar em um hipertexto significa portanto desenhar um percurso em uma rede que pode ser tão complicada quanto possível. Porque cada nó pode, por sua vez, conter uma rede inteira. (Levy, 1993, p. 33),

Segundo Levy, o termo hipertexto só foi cunhado, no entanto, em 1965, por Theodore Nelson, “para exprimir a ideia de escrita/leitura não linear em um sistema de informática” (LEVY, 1993, p.29). No sentido inverso, o texto impresso tem como característica, a linearidade e leitura sequencial, conduzindo o leitor a uma leitura com ordem pré-estabelecida, aceitando a ordem lógica determinada pelo autor.

Conforme Levy, na rede social, um destinatário ao receber um recado, um depoimento, um comentário, pode, imediatamente, se ligar, através de conexões, ao emissor, e continuamente aos perfis de amigos do emissor, em rede. Apesar disso, há que se notar um primeiro problema quanto a utilização literária no Orkut: embora o ambiente torne possível a produção de um texto literário e mais, ele ser encaminhado a uma rede de amigos, as conexões realizadas a partir daí, não são necessariamente literárias. Cada produção pode remeter a um novo link no qual não se estabelece uma relação literária.

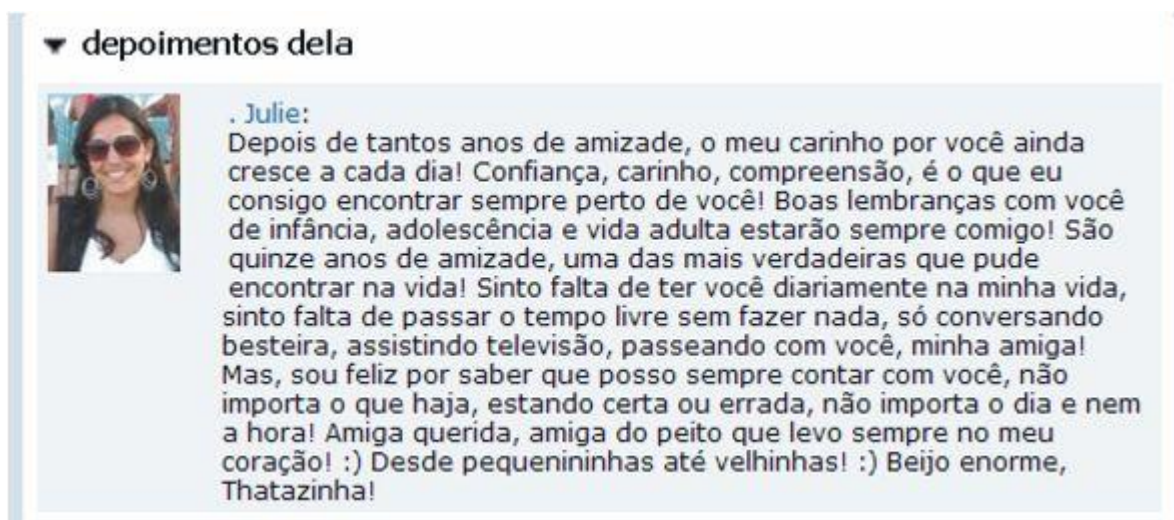
Diferente dos sites de notícia, no qual os hiperlinks direcionam o leitor a uma gama de outros textos também de caráter noticioso, no Orkut, um texto produzido por um perfil, mesmo sendo ele literário, não terá necessariamente como uma bifurcação, um novo direcionamento, outro texto literário, podendo ser apenas uma conversa informal ou um recado.

Isso se deve ao fato de que depende do interesse de cada usuário esta intenção performativa ao se escrever no Orkut. Sendo assim, o tom literário de um texto escrito no site de relacionamento passará pelo interesse performativo de seu escritor (ou escritores) e também da leitura atribuída a ele pela comunidade de usuários que têm acesso a ele. O poder persuasivo da palavra ocorre dependendo

da performatividade do seu usuário, modificando a realidade em diversos aspectos. Desde discursos filosóficos, jurídicos ou religiosos, até os menos formais, não deixam de apresentar poder de ação e transformação em uma situação comunicacional. Hoje, até mesmo enunciados cotidianos, desprovidos de uma erudição ou formalidade, podem ser considerados como de natureza performática, já que a linguagem está sempre em busca de uma forma de agir sobre o outro.

A imagem a seguir, do Orkut da internauta 'Thalita' traz depoimento escrito pela amiga 'Julie', no qual ela aborda a amizade construída ao longo de quinze anos entre elas e, de forma performática, remete à infância e adolescência, com o intuito de persuadir e comover a Thalita a sentir o mesmo, a também rememorar aos tempos passados quando a amizade de crianças era mais livre e intensa. Ao utilizar o recurso de escrever o recado na seção de 'Depoimentos' é entendido pelos usuários da rede social, como uma espécie de homenagem, um texto dedicado a demonstrar o carinho, admiração, amor pelo outro usuário.

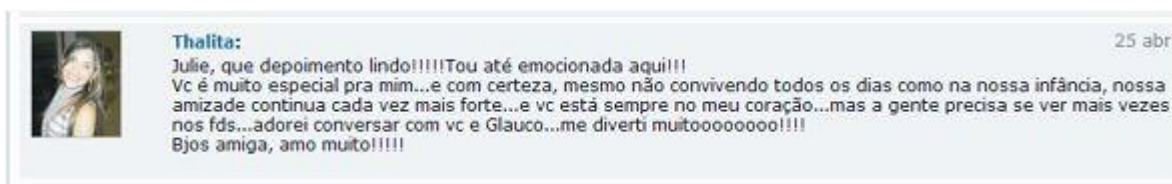
Figura 08



Como o Orkut é uma rede social e os atos de fala só se concretizam e apresentam resultados quando atingem o receptor e a performatividade da palavra só mostra-se eficaz a partir da reação do leitor, podemos observar a possibilidade performativa das elocuições elaboradas no Orkut, através do recado repassado à 'Julie' após 'Thalita' receber o depoimento. Na imagem a seguir, percebemos que o objetivo de comover e emocionar 'Thalita' foi atingido, ao observarmos a forma como ela respondeu ao depoimento, demonstrando o poder de ação e transformação da

palavra, para unir as duas amigas. Expressões como “boas lembranças....estarão sempre comigo”, “sinto falta de ter você diariamente na minha vida” e “desde pequeninhas até velhinhas!”, usadas comumente no cotidiano das pessoas, podem ser consideradas como de natureza performática, dado o efeito causado por elas no receptor. Mesmo em uma situação informal, o texto abre sobre o receptor.

Figura 09



Logo no começo do depoimento, a sentença “meu carinho por você ainda cresce a cada dia!”, embora seja considerada uma sentença constativa, também se aproxima das performativas, pelo fato de pretender agir sobre o outro, causar algum efeito na relação entre eles.

A noção de ‘ethos’ também é suscitada na medida em que a autora do depoimento busca enaltecer, através da memória a situações do passado a legitimação da necessidade de se prestar tal homenagem, em um depoimento, causando a boa impressão e ganhando confiança quanto ao que pretende transmitir à receptora da mensagem.

Em qualquer forma literária, há a escolha geral de um tom, de um etos, se quiser, e é aí que ele se engaja. Língua e estilo são dados antecedentes a toda problemática da linguagem, língua e estilo são o produto natural do tempo e da pessoa biológica; mas a identidade formal do escritor só se estabelece verdadeiramente fora da instalação das normas da gramática e das constantes do estilo, no lugar onde o contínuo escrito, reunido e fechado inicialmente numa natureza linguística perfeitamente inocente, vai tornar-se finalmente um signo total, a escolha de um comportamento humano, a firmação de um Bem, empenhando assim o escritor na evidência e na comunicação de uma felicidade ou mal-estar, e ligando a forma ao mesmo tempo normal e singular de sua palavra à vasta História do outro. (BARTHES, 2004, p. 13)

Assim, a escolha da autora do depoimento (Julie) se assemelha ao perfil de uma carta nos moldes das tradicionais escritas em papel. Este gesto epistolar tão comum nos escritos do Orkut enfatizam uma dissolução do privado perante o público e coloca em evidência a dimensão social da emoção. O gênero da escrita epistolar,

transmite as memórias da autora publicizando a história particular a ambas. O ‘para quem’ se escreve torna-se efêmero dado o caráter voyeurístico da rede social e de certa forma revela a intencionalidade tanto da escritora quanto da receptora de tornar pública a relação entre elas, tendo em vista a possibilidade oferecida pelo Orkut de não se mostrar os depoimentos ou ainda escolher quem pode ou não lê-lo.

O estilo pretendido revela também um pouco da identidade dela e o uso das palavras realiza o intento comunicativo pretendido de forma que o gênero foi transmutado para o meio virtual, devido à função, posição social e relação social entre as usuárias dos dois perfis.

Segundo Barthes (2004), a língua e o estilo são objetos e a escrita, uma função, que “é a relação entre a criação e a sociedade, é a linguagem literária transformada em sua destinação social”, (2004, p. 13). Ainda citando o exemplo do depoimento de Julie, apesar de sua intenção enquanto autora, de seu contexto, realidade e ethos interferirem na forma da escrita, observa-se que o gênero e a forma utilizada foram também influenciadas pelo modo como os demais usuários escrevem os depoimentos e prestam homenagens aos seus amigos. Já se tornou uma convenção que os depoimentos devem seguir certo padrão de escrita e, por mais que haja diferenciações, há uma linguagem nos depoimentos carregada de uma mesma intencionalidade, referem-se a uma mesma ideia da forma e do conteúdo. Assim, afirma Barthes:

É sob a pressão da História e da Tradição que se estabelecem as escritas possíveis de dado escritor: há uma História da Escrita; mas essa História é dúplice: no mesmo momento em que a História geral propõe – ou impõe – uma nova problemática da linguagem literária, a escrita permanece ainda cheia de lembrança de seus usos anteriores, pois a linguagem nunca é inocente: as palavras têm uma memória segunda que se prolonga misteriosamente no meio das significações novas. (Barthes, 2004, p. 15)

5. 2 - Análise quantitativa da literatura no Orkut e suas implicações

Há de se observar que nos depoimentos é bastante comum o envio de textos de autoria própria enquanto que em outras seções do Orkut, é mais utilizado, o recurso de se utilizar de literatura de outros autores para se comunicar. Para a pesquisa, foram observados 200 páginas iniciais de perfis de usuários, sendo 100

homens e 100 mulheres, para observar de que forma é utilizada a literatura pelos dois sexos.

Os perfis foram selecionados aleatoriamente a partir da rede de um usuário, de forma a poder medir, não através de usuários que possuam um perfil que se enquadra naqueles onde a literatura poderia estar presente, como por exemplo, integrantes da comunidade “Literatura”, mas sim sem um critério temático que induzisse ao encontro espontâneo da utilização literária. Assim, dos 100 perfis femininos acessados, em 64 deles, havia alguma citação ou referência literária, através de poesias famosas ou mesmo de frases e textos desconhecidos. Enquanto isso, quanto ao sexo masculino, dos 100 perfis vistos, foram encontradas referências semelhantes em apenas 33, pouco mais da metade do verificado entre as mulheres.

Figura 10

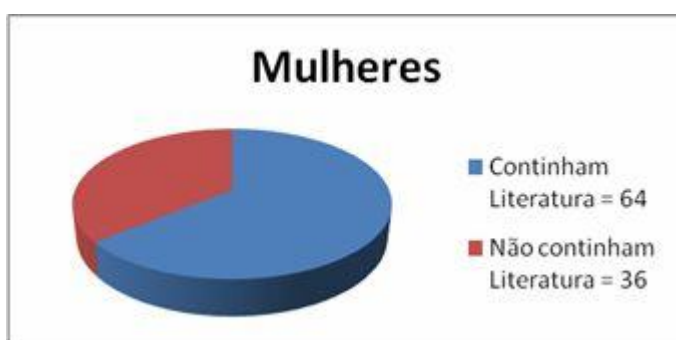
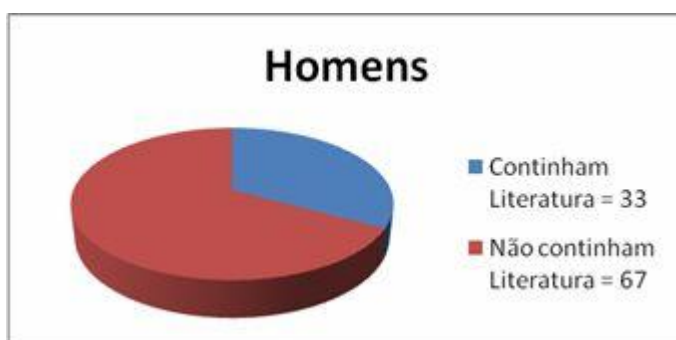


Figura 11



Em relação à informação sobre a autoria do texto publicado na página inicial, das 64 mulheres, apenas 16 informaram quem era o autor real do texto ou da frase utilizada, enquanto que apenas sete homens fizeram o mesmo. Desta forma, a imagem de um autor cujo nome próprio dá identidade e autoridade ao texto é

sublimado por motivos desconhecidos, mas que, no final das contas, dá ao dono do perfil a autoridade e identidade quanto ao escrito.

“Para nós, um texto literário identifica-se em primeiro lugar com um nome próprio, tem um autor, sem bem que não é o caso para todos os textos, nem sequer em nossa sociedade” (Chartier, 1999, p. 20). Ao afirmar que o texto literário pressupõe a imagem de um autor que se identifique com a obra, ou seja, há necessariamente alguém reconhecido como o produtor e a quem se deve o mérito, Chartier entra em choque com a ideia disseminada na cultura virtual, na qual observamos cada vez mais, a apropriação dos textos e a consequente morte do autor enquanto produtor único das obras.

Mais adiante, Chartier (1999, p. 32) aborda Foucault quanto à questão de que “numa determinada sociedade, certos gêneros, para circular e serem recebidos têm necessidade de uma identificação fundamental dada pelo nome do autor, enquanto outros não”. No caso do Orkut, a falta da associação de um nome próprio ao texto publicado, pode ser entendida pelo visitante que desconhece a autoria como se fosse do dono do perfil. No ciberespaço, não há a necessidade de uma identificação fundamental e os textos circulam livremente, independentemente da autoria e sem o seu domínio.

O que produz de fato a revolução do texto eletrônico, senão um passo suplementar no processo de desmaterialização, de descorporalização da obra, que se torna muito difícil de estancar? Todos os processos modernos sobre a propriedade literária, em particular, em torno da noção de imitação, de plágio, de empréstimo, já estão ligados a esta dupla questão: a dos critérios que caracterizam a obra independentemente de suas diferentes materializações e a de sua identidade específica. (CHARTIER, 1999, p. 67)

O Orkut contribui para o processo de descorporalização dos textos no espaço virtual, como sugere Chartier (1999), tornando as obras praticamente como um patrimônio público, devido ao difícil controle sobre sua autoria e ao institucionalizado interesse no direito autoral. Ou então, quando não é um “patrimônio público”, na maioria das vezes, pode ser entendida como patrimônio particular, mas não de seu autor real, mas sim daquele que da obra se apropriou e a publicou no seu perfil da rede social. Desta forma, a partir de uma espécie de revolução do texto causada

pelo meio eletrônico, um dos pilares da instituição literária, o autor torna-se uma efemeridade, assim como o papel do editor e do distribuidor.

A revolução diz respeito tanto ao modo de produção quanto à reprodução dos textos. Correm o risco de serem pulverizadas as noções de autor, editor e distribuidor, que mal se puderam fixar, numa época bastante recente, que coincide com a industrialização do livro. Pode-se juntar aqui a reflexão sobre a edição e a distribuição, já que, no mundo do texto eletrônico, tudo isso é uma coisa só. Um produtor de texto pode ser imediatamente o editor, no duplo sentido daquele que dá forma definitiva ao texto e daquele que o difunde a um público de leitores: graças à rede eletrônica, esta difusão é imediata. (CHARTIER, 1999, p. 16)

Outro ponto que merece avaliação quanto à questão da Instituição Literária e o Orkut é o cânone literário. Ao analisar os duzentos perfis selecionados na pesquisa, podemos observar que, na grande maioria, não se revela o nome do real escritor, falando nos casos de obras institucionalizadas na literatura tradicional. No entanto, para aqueles que revelam o real escritor, há sempre uma ideia de que houve uma seleção por escritores famosos e reconhecidamente intelectuais, de forma a imprimir esta aura de intelectualidade ao seu perfil.

Por falar nos autores citados, foram eles: Clarice Lispector, Mário Quintana, Vinícius de Moraes, Fernando Pessoa, além dos músicos Renato Russo, Caetano Veloso, Bob Marley e Chico Buarque, entre os homens. Já nas mulheres, os autores mais citados foram Padre Fábio de Melo, Chico Xavier, Martha Medeiros, Antoine de Saint-Exupéry, Shakespear, Fernando Pessoa e Cecília Meireles, além de também Mário Quintana e Bob Marley, como entre os homens.

Esta apropriação de escritos de autores reconhecidamente famosos pode ser observada no exemplo a seguir, no qual o perfil da usuária 'Dani Oliveira' expõe três trechos de textos de artistas, mas em apenas um deles, é exposto o nome do real autor, neste caso, Fernando Pessoa, enquanto que os demais, menos conhecidos popularmente, não são referenciados. O primeiro trecho, "Todo sopro que apaga uma chama reacendo o que for pra ficar", faz parte de uma música do grupo Teatro Mágico, já o terceiro trecho citado, na verdade uma poesia de Geir Campos, intitulada "Tarefa", também não é citado, embora seja ele um dos poetas considerados mais importantes da segunda metade do século XX.

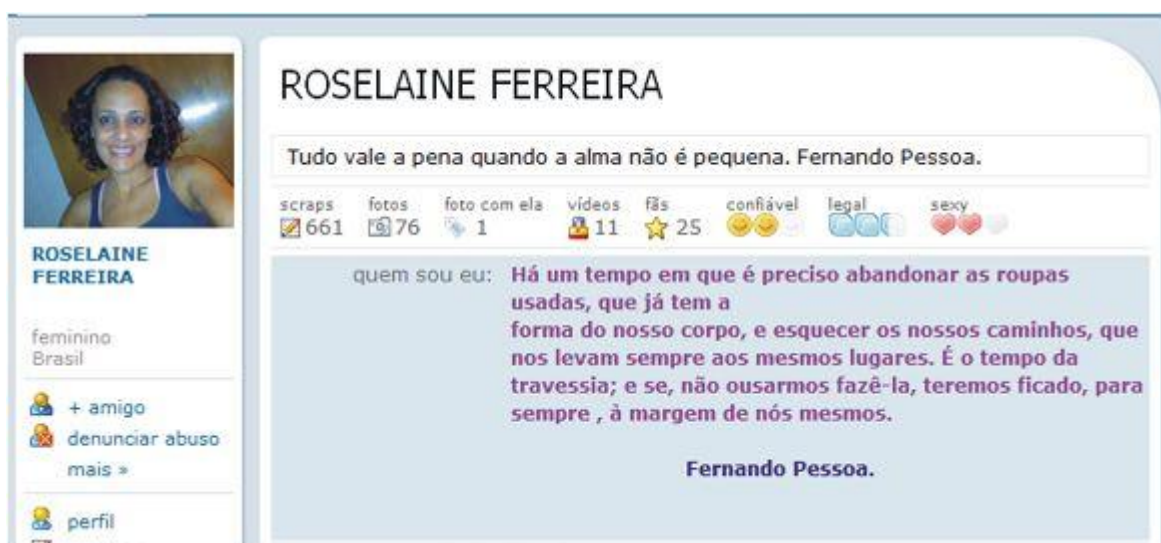
Neste caso surge a hipótese de que a usuária preferiu omitir os autores menos conhecidos como, possivelmente, uma forma de se apropriar de fato dos textos, trazendo para si, o mérito da produção ou status da escrita, sob o ponto de vista de quem o lê. Ela também se apropria do texto como uma forma de expressão de si mesma, enquanto que exprime o nome do autor mais conhecido, em busca da imprimir para si, o reconhecimento intelectual a ele dispensado.

Figura 12



No exemplo seguinte, o mesmo trecho do poema de Fernando Pessoa é citado no perfil da usuária 'Roselaine Ferreira', acrescido de outra frase do mesmo autor, bastante conhecida: "Tudo vale a pena quando a alma não é pequena".

Figura 13



Desta forma, percebe-se a dificuldade de se traçar métodos para revelar quais seriam as obras canônicas no ciberespaço e mais especialmente no Orkut. A legitimação de autores na rede mundial de computadores se submete a outros princípios que não são os mesmos aos quais estão submetidos os escritos tradicionais dos livros. De semelhança está o fato de se correr o risco de negligenciar autores de qualidade, dada a questão de o que se é e não é literatura e até mesmo, para que serve um cânone.

Não se é possível definir quais são as obras canônicas do Orkut e o cânone não se torna um critério de análise literária na rede social, visto que a identificação criteriosa dos perfis não revelam traços que simbolizem uma utilização canônica geral para as obras no Orkut. Além disso, seria inviável revelar quais seriam tais cânones, seguindo como critério, o reconhecimento que eles possuem, visto que há de se marginalizar autores e obras desconhecidas no meio impresso, mas que ganham ascensão e são genuinamente do ciberespaço. Ainda é cedo para se determinar obras sedimentadas e tradicionais na rede que possam de certeza serem chamadas de obras canônicas. Até o momento, o que há ainda, em grande maioria dos casos, é a transposição das obras reconhecidas no suporte impresso.

Certo é que o letramento literário faz-se presente em grande parte dos perfis analisados do Orkut. O letramento, significa, como afirma Soares, um “estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita”. (SOARES, 2004, p.47). Assim, podemos compreender o letramento literário como um processo de alguém que não simplesmente lê

(decodifica) um texto literário, mas dele se apropria com significação, fruição e experiência literária.

Seguindo a conceituação de Petrucci (1999) sobre o cânone literário, podemos assegurar esta ausência de obras canonizadas no ciberespaço. “O cânone é um elenco de obras ou de autores propostos como norma, como modelo” (1999, p.207). Segundo ele, há de se considerar também que para diferentes culturas escritas existem diferentes cânones com validade em vários âmbitos (religioso, literário, etc.) e na nossa tradição literária ocidental temos um cânone amplo que atende às necessidades da indústria editorial.

As obras ‘clássicas’ no suporte impresso e a sua seleção para dela se apropriar no Orkut, fica a critério de cada usuário letrado literariamente. Não se há um consenso sobre quais seriam os cânones da Ciberliteratura, dada a ainda incipiente instituição de valores e normas para tal literatura, ainda em fase embrionária, embora em acelerada criação. O cânone literário é uma relação de materiais e autores sociais institucionalmente considerados universais e verdadeiros, que acabam transmitindo valores e características ideais de um texto e dignos de serem repassados de geração a geração, o que ainda não podemos afirmar acerca dos escritos virtuais do Orkut.

De certa forma, esta utilização e apropriação de obras canonizadas até mesmo como forma de adquirir o mesmo “status” proferido a esses escritos, contribui para uma perpetuação ou extensão do cânone literário estabelecido no suporte impresso para o espaço virtual, dialogando com novas obras autênticas de ‘autores’ que assim se tornaram, através do hábito do uso do Orkut. Elas são utilizadas no ciberespaço e, de alguma forma reafirmam aquelas obras como merecidamente canônicas no meio impresso e, por isso, reconhecidas a ponto de serem transmutadas para o espaço virtual, embora isso não signifique que elas sejam canônicas neste novo espaço.

Observadas as apropriações, podemos perceber que embora os escritos sejam “dos outros”, eles servem com o intuito de falar de si. A escolha se dá sempre baseada em textos que possam ser facilmente encaixados para sua realidade e de forma a comunicar-se com os demais usuários, através de expressões como “a gente”, “quero” “meu”. Isso pode ser percebido nos dois exemplos a seguir. No primeiro, um trecho da obra de Machado de Assis, *Dom Casmurro* e no segundo, um trecho de um texto de Mário Quintana, que não é referenciado.

Figura14

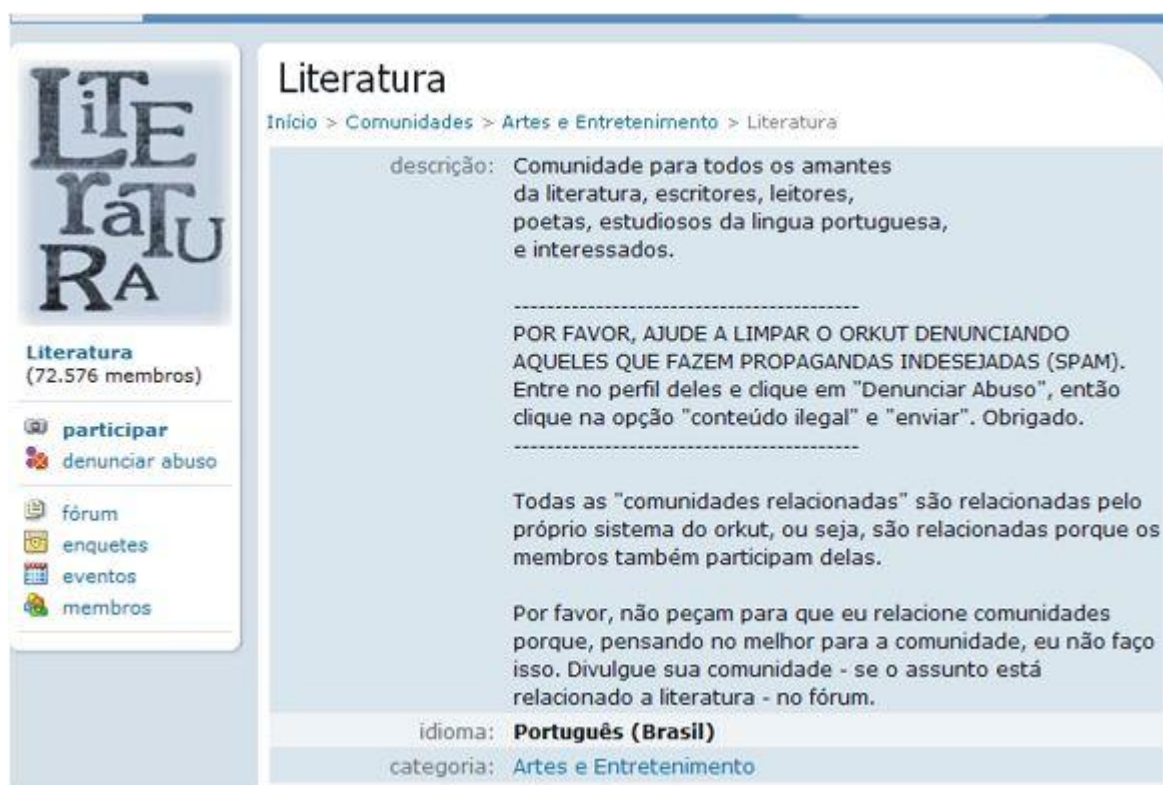


Figura 15



Uma segunda seleção de perfis de usuários foi realizada, a partir dos membros da comunidade 'Literatura'. A partir dela, foram analisados 100 perfis, em busca daqueles que tivessem marcas da literatura. A comunidade, como deixa bem clara a sua descrição, está destinada "para todos os amantes da literatura, escritores, leitores, poetas, estudiosos da língua portuguesa e interessados". Assim, pode-se observar que dos 100 perfis, foram encontrados textos literários em 62 deles, dos quais em 45, foram citados os verdadeiros autores.

Figura 16



No entanto, também entre estes perfis, não é possível determinar autores que se destaquem e sobressaiam sobre os demais. Entre os mais citados, estão Fernando Pessoa e Cecília Meireles, mas também aparecem, embora com menos frequência, Clarice Lispector, Machado de Assis, Pablo Neruda e compositores, como Roberto Carlos e Marisa Monte. O exemplo abaixo, refere-se à uma citação de Machado de Assis, no perfil do usuário 'Miguel Angel', no qual é usada uma frase para o espaço dedicado ao 'quem sou eu' e é dada a referência do real autor da frase.

Figura 17



Entre os 62 perfis que trouxeram marcas de literariedade, chama a atenção o fato de que em nove deles, as produções são próprias. Estes usuários escreveram os próprios poemas, contos, poesias e utilizaram o Orkut como forma de divulgação. O exemplo a seguir é bastante significativo disso:

Figura 18

***VAL*AMIG NO COR *SEJA FELIZ JESUS TE AMA...**

Desejo que seu dia seja... tão especial quanto o seu desejo de felicidade... de alegria... de amor... em sua vida...

scrap 7.508 fotos 142 fotos com ele 3 vídeos 9 fãs 101 confiável legal sexy

quem sou eu: Conheça meu Power Perfil - Clique no link abaixo
<http://meu.powerscrap.com.br/valmirflor>

MÃE!

Destile no meu coração o teu amor
Como gotas de água que caem do céu
Saciando a terra e brotando vidas
Alimentando meu ser com esperança

Pensamentos vão as nuvens em emoções
 O peito aperta, nascem lindos sentimentos
 Adormece a alma acalentada por Deus
 Mãe é palavra que dá sentido a vida

Tua existência encanta a minha alma
 Fazendo o amor brotar em lágrimas
 Teu coração é um oceano de ternura
 Rio que deságua os mais puros sentimentos

Deus criou as estrelas, o firmamento
 Tu és o sol que ilumina minha alma
 Jardim que brota a mais perfeita rosa
 Teu olhar redime a paz que em mim cultivo

Ouvir tua voz é seguir por um bom caminho
 Seguir teus passos é não pisar em espinhos
 O teu conselho é um bálsamo de amor
 De um desejo que espelha o que eu sou

Mãe! Eis aqui o fruto do teu amor, que te ama!
 Tu és porta aberta do amor que me inflama
 Teu silêncio é um acalento que me agrada
 Teu abraço, chama do amor que me invade

Mãe. Teus atos refletem em mim, serenidade e paz
 Das mãos que embalam e acalmam meus tormentos
 Mãe. Quero cafuné, adormecer em teu colo
 Acordar em teus braços e dizer te amo.

VALMIR FLOR ** VALFLORPAZ
 Copyright 01/2001 valflor2005@hotmail.com
 All Rights Reserved

local: Brasil

O usuário 'Walmir Flor' publicou, também no espaço dedicado ao 'quem sou eu', uma poesia dedicada à mãe e ao final, além de assinar o texto, assegurou que era detentor dos direitos autorais e que todos os direitos estavam reservados, através das expressões em inglês 'Copyright 01/2001' e 'All Rights Reserved', semelhante ao que é publicado nos livros, garantindo o direito à obra ao autor e editora em questão.

Observamos aí a ausência de um meio que controle os escritos no ciberespaço, o que demonstra a força da Instituição Literária também no espaço virtual, quanto à segurança dos direitos autorais, tendo em vista a utilização pelo usuário de critérios do suporte impresso para, de alguma forma, assegurar o direito sobre a própria obra.

O mesmo acontece no próximo exemplo, no qual a usuária 'Luciana Brandão Carreira Del Nero', além de trazer em sua página inicial do Orkut um trecho de uma poesia de Cecília Meireles "Tenho fases, como a lua; fases de andar escondida, fases de vir para a rua", publica um texto de sua autoria, assina e sugere para quem quiser continuar lendo mais do que ela escreve, acessar uma página na Internet onde a produção está disponível.

Desta forma, observamos que 'Luciana Del Nero' (como ela assina seu texto) utiliza o Orkut como forma de dar visibilidade à sua produção, disponível por completo em outro site da rede virtual. Entre as duas produções, podemos observar um rebuscamento na escrita, uma produção que se assemelha à literatura tradicional. O que não se pode afirmar, acerca dos dois escritos é que eles foram produzidos diretamente no Orkut ou ainda no ciberespaço, ou se foram produzidos por ele, escritos à mão, com lápis e papel e apenas digitados e publicados no ciberespaço. De certo, apenas o fato de que foi no meio eletrônico que eles conseguiram espaço para serem lidos e conhecidos.

Figura 19



Luciana Brandão Carreira Del Nero

"Tenho fases, como a lua; fases de andar escondida, fases de vir para a rua".
Cecília Meireles

scraps 12 fotos 344 foto com ela 1 vídeos 101 fãs 43 confiável legal sexy

feminino
Paris, França

+ amigo
denunciar abuso
mais »

perfil
página de scraps
fotos
vídeos
depoimentos
eventos

quem sou eu: Um dia, sem mais nem menos, o leite que a ama trazia em seu peito talhou. Virou pedra. Azedume. Em contrapartida, o sincero líquido derramado de seus olhos acalantou a gigantesca fome, - esta ancestral -, de todos os rebentos famintos e sedentos de amor.

Luciana Del Nero

Para ler um pouquinho mais do que escrevo, eis a trilha indicada a seguir:

<http://novaordemdapoesia.blogspot.com><http://recantodasletras.uol.com.br/e-livros/1427386> <http://recantodasletras.uol.com.br/e-livros/2075718><http://recantodasletras.uol.com.br/e-livros/1457203>

Também no twitter: <http://twitter.com/ludelnero>

No próximo exemplo, do perfil de 'Denise Oliveira', a usuária também assina o texto publicado no 'quem sou eu'. No entanto, diferentemente dos exemplos anteriores, tem-se a impressão de que o texto foi, de fato, produzido para ser publicado no ciberespaço e mais precisamente ainda, no próprio Orkut no espaço do 'quem sou eu'. Podemos constatar isso pelo fato de o conteúdo do texto servir como uma resposta à pergunta que delimita o que se deve escrever em tal espaço e ela se mostra tentada a responder.

Figura 20

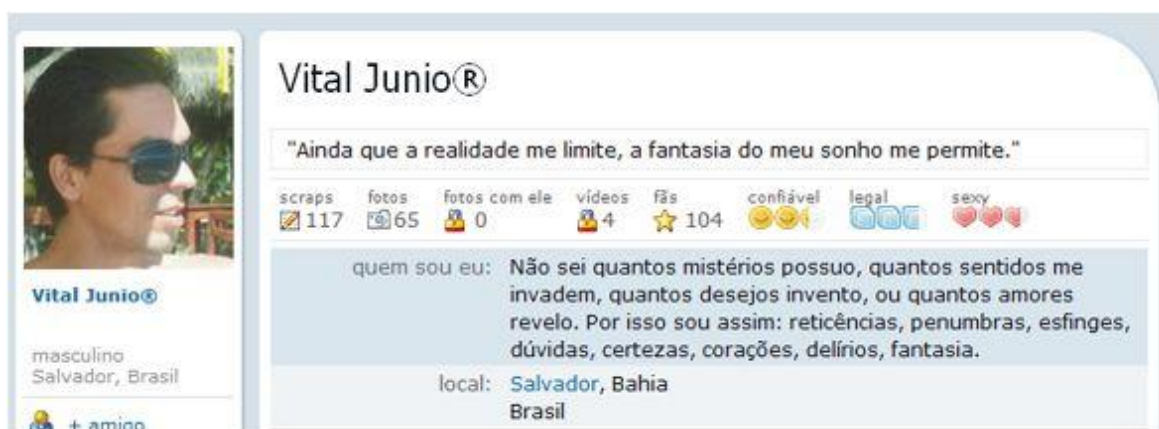


Os dois exemplos seguintes, de 'Tatiana Mattos' e de 'Vital Júnior' possuem semelhanças com o exemplo anterior, no qual o usuário tenta, através de escritos próprios, apresentar-se no espaço 'quem sou eu', com textos que trazem marcas da literariedade, mas embora sugiram terem sido feitos para ser publicados em tal espaço, os usuários não viram a necessidade de assiná-los, como fez 'Denise Oliveira'.

Figura 21



Figura 22



No exemplo seguinte, do perfil de 'Gabriel Miranda', percebemos tratar-se de um texto biográfico para a sua apresentação pessoal no Orkut, mas é referenciado como extraído de sua própria biografia para o livro dos formandos de julho de 2009 na Universidade UFV. Assim, embora as marcas do biografismo, tão presentes no Orkut, sejam notáveis em seu perfil, a marca da Instituição Literária ainda é bastante forte no sentido de dar credibilidade ao texto, pela necessidade de se afirmar que o texto foi extraído de um livro.

Figura 23



Gabriel Miranda

masculino
Ipatinga / Viçosa,
Brasil

+ amigo
denunciar abuso
mais >

perfil
página de scraps
fotos
vídeos
depoimentos
eventos

Apps
GloboEsporte...
People Hopper

Gabriel Miranda

<http://www.facebook.com/#/profile.php?id=100000325636912>

scraps 0 fotos 1.178 fotos com ele 8 vídeos 2 fãs 86 confiável 5/5 legal 5/5 sexy 5/5

quem sou eu: *O Gabriel é um excelente sujeito, um amigo de todas as horas, o irmão mais velho que muitos não tiveram. Todos os clichês lhe assentam bem. Mas ele não é um chavão, ele é o Campeão. Um cara tão confiável, mas tão confiável, que as amigas trocam de roupa na frente dele. Para alcançar tal status, foram necessários seis anos e meio de dedicação à vadiagem.*

Muitos acreditam ser ele a reencarnação do folclórico boêmio Nico Lopes. É a própria definição de 'bon vivant', pois segue fielmente o princípio: primeiro o lazer, depois a diversão. Ele é o cara que compra ingresso para a festa, dorme, deixa a casa escancarada, o carro aberto no meio da rua e tem a audácia de falar, às 5 horas da manhã, que já está saindo.

Ingressou na Administração em 2003, curso que viria a abandonar em 2005 por razões ainda obscuras. Durante esse período, deixou como legado: antológicas apresentações de seminário improvisadas; o elevado rendimento em matérias como Sinuca I e II, incluindo a proeza de tirar a maior nota da turma na primeira prova de Matemática Financeira e, ainda assim, ir para a prova final; a criação do Barcelama FC, time formado por sumidades na arte do destrato à bola; além de ter feito grandes amigos que até hoje o acompanham. Foi também a época em que ganhou a alcunha de Bob Esponja, devido à sobrecomum capacidade de absorção de cerveja.

Ainda quando o empreendedorismo corria em suas veias – com álcool, é claro –, encontrou o Bar do Capelão entregue às baratas e o transformou num ambiente familiar, lugar de gente bonita, para onde carregava os amigos. Chegava ao bar sem um tostão e saía endinheirado graças ao peculiar sistema de crédito a fundo perdido. Foi cliente, garoto-propaganda, filho adotado e até sócio do estabelecimento.

Duas grandes mudanças marcaram a sua vida nesse período. A primeira: de um apartamento sem janelas para a lendária Álvaro Gouveia 120/202, onde escrevia oração na mesma parede em que pregava as maiores conquistas, entre cartazes de cerveja roubados, ingressos de festa desperdiçados e a campanha do Ipatinga. A segunda: a mudança de curso, quando passou para o Jornalismo, atividade profissional que sempre lhe foi característica. Quem mais assiste à TV Senado?!

Curso diferente, mas o mesmo aluno, sempre dando uma de João-sem-braço. Dentro de sala era uma incógnita: em dado momento estava presente (geralmente até passar a lista de chamada), para no instante imediatamente seguinte caminhar pela reta da UFV com seu inconfundível arrastar de chinelos. Situação que perdurou até 2007, quando ganhou o único automóvel brasileiro anfíbio, capaz de andar em terra e até cinco metros abaixo d'água.

Atuando pelo Impressionados, o escrete tamarindo em que se destacou como ex-jogador em atividade, ostentou a 10, marcou o gol mais bonito da história do time e manteve o blog mais badalado dos peladeiros viçosenses.

Criador de bordões, inadimplente nato, penetra vitalício do Parthenon e único aluno do curso que mandou um docente tomar naquele lugar. Gabriel se cansou da vida de estudante (?). É hora de perseguir novos rumos e conquistar grandes objetivos, colocando em prática tudo que aprendeu em Viçosa: pedir uma cerveja gelada e saboreá-la ao lado dos amigos. Afinal, campeões somos nós que conhecemos um sujeito tão fantástico.

(Extraído da minha biografia para o livro dos formandos de julho/2009 da UFV)

aniversário: 12 fevereiro
local: Ipatinga / Viçosa, Minas Gerais
Brasil

sem perfil inteiro >

Vivemos um momento em que as obras não canonizadas pela tradição cultural estão em busca de um lugar ao lado das já consagradas e legitimadas, disputando o mesmo espaço sem nenhum grau de inferioridade. Isso é possível devido ao fato de que as fronteiras entre literário e não literário se tornam cada vez mais tênues e o ciberespaço é um ambiente ‘democrático’. Todos os usuários têm o mesmo acesso e ‘poder’ de produção e manifestação de seus escritos e é difícil realizar uma sistematização dessas produções e, da mesma forma, da identificação e reconhecimento de um cânone. Todos na Internet são potenciais leitores e autores de manifestações e práticas literárias.

No suporte impresso, o trabalho de reunião de escritos para atribuir a eles a Instituição Literária era uma tarefa mais simples tendo em vista que o acesso ao sistema de produção (domínio da linguagem, status de autor, reprodução em grande escala de livros) não era permitida ou acessível a todos, mas apenas a uma pequena parte de escritores que detinham respaldo para tanto. No entanto, na Internet, a realidade é outra e não há a necessidade de ser famoso ou reconhecido, qualquer pessoa pode escrever, mesmo sem ter o domínio perfeito de uma norma linguística.

No livro há ainda a questão do registro da produção literária, já que há meios pelos quais os livros são devidamente registrados, reproduzidos e disseminados, sob a responsabilidade e direitos direcionados à elementos da Instituição Literária, como o autor e a editora. No caso dos escritos virtuais, o que foi publicado hoje, pode ser apagado amanhã sem que haja uma demarcação, sem deixar vestígios ou qualquer rastro que o perpetue enquanto registro temporal ou patrimônio referente a uma época.

As escritas virtuais não são sistematizadas e não há um mecanismo de registro da sua produção e de sua autoria. Desta forma, não há como denominar e apontar um cânone dentro desta realidade fluida do suporte virtual. Enquanto no suporte impresso o reconhecimento da literariedade de determinadas manifestações escritas – e mais além, do próprio cânone – depende de fatores externos ao ato de escrita, como o nome do autor, a instituição em torno do livro, da tipografia e da reprodutibilidade dos textos, no ciberespaço, a atribuição do caráter da literariedade aos escritos dos usuários na Internet partiria muito mais do reconhecimento dessas

produções pelos demais usuários da rede, que lêem e apontam essas manifestações como detentoras de um perfil literário.

Tendo em vista os perfis de usuários analisados e a forma como eles fazem uso da literatura para se expressar e se comunicar foi elaborado um quadro no qual as diferenciações perceptíveis até o momento da literatura e de uma possível Ciberliteratura, ainda em seus princípios, já podem ser elencadas.

5. 3 - Quadro comparativo e explicativo da conceituação da Ciberliteratura em relação à Literatura.

LITERATURA	CIBERLITERATURA
<u>Suporte</u> : Impresso (tecnologia da reprodução tipográfica restringe a esfera de pessoas reconhecidamente detentoras do status e prestígio da escrita literária)	<u>Suporte</u> : Virtual (tecnologia do suporte influenciando na prática, expandindo as possibilidades e dando acesso a todos os usuários)
<u>Instituição</u> : Livros, meios de reprodução, autor, editora. Conduzem à limitação de acesso.	<u>Instituição</u> : Fragmentada sob o ponto de vista da autoria, dando liberdade de manifestação da escrita dos usuários conectados em rede. Unificada, do ponto de vista da difusão.
<u>Autor</u> : Figura individualizada, detentora do domínio sobre a produção. Status reconhecido em torno de seu nome. O autor precisa estar imerso e fazer parte de uma Instituição, compartilhando dela.	<u>Autor</u> : Figura múltipla, gerada a partir da fusão de diversos usuários. Qualquer usuário é um potencial autor.
<u>Leitor</u> : Figura passiva, responsável pela compreensão e contemplação da obra, sem interferência direta na obra, na sua constituição.	<u>Leitor</u> : Se funde com o papel do autor, e ambos atuam de maneira complementar e ativa nas produções.
<u>Escrita</u> : formulada a partir da padronização normativa da língua.	<u>Escrita</u> : Oralidade como marca determinante na produção.
<u>Estilística</u> : Estilos consagrados: poesia, poema, contos, crônica, etc.	<u>Estilística</u> : Baseada nos escritos de si e biografismo
<u>Registro</u> : É oficializado pelo caráter documental conferido aos livros pela materialidade do suporte impresso.	<u>Registro</u> : Ainda não sistematizado e sem mecanismos de oficialização, pela fluidez dos 'bits' e a imaterialidade da escrita virtual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Ciberliteratura se coloca frente aos desafios da modernidade, marcada pelos desenvolvimentos mais recentes no campo da tecnociência, como uma nova forma de expressão literária baseada nas formulações e realidade impressa pelo meio virtual. No entanto, a estrutura da Instituição Literária, fundamentada em séculos de construção se viu ameaçada devido à estética tornada possível a partir do advento deste novo meio, conduzindo a uma reavaliação dos conceitos artísticos e mudanças na instituição na forma como ela se apresentava quando ainda estava baseada apenas na escrita e leitura tradicional, realizada através do suporte material do livro.

O meio no qual a literatura estava inserida condicionou e instituiu uma forma de produzi-la, na qual foram estabelecidas regras e condições de funcionamento determinando sobremaneira os caminhos a serem trilhados pelos autores capazes de dela fazerem parte. No entanto, o meio virtual rompeu as barreiras desta instituição e através de suas características – notavelmente a principal delas, a interatividade –, dissipou a distância elementar que separava os papéis de autor e leitor.

Na Internet, a participação ativa dos usuários revela-se como fator de fundamental importância para a manutenção da rede e, a cada dia, permite o surgimento de outros espaços de comunicação, baseados na oralidade. As redes sociais, como o Orkut, mas também o Twitter e Facebook, entre outros, elevaram ao máximo o poder de participação dos leitores como integrantes ativos e protagonistas de uma nova forma de comunicação e interação.

Na rede social, este protagonismo pode ser observado no poder de decisão quanto ao que publicar. Daí, a utilização e apropriação de textos famosos e a criação de produções próprias ocorre devido à necessidade de se preencher lacunas elaboradas pelo Site e que servem com um outro intuito, que é o de criar uma rede de amigos virtuais. Esta necessidade de se apresentar no meio virtual, de falar de si, tornou o Orkut como um espaço onde a literatura pode ser reelaborada, transmutada do suporte impresso ou ainda criada, como um produto cibercultural.

A instantaneidade na forma como isso se processa se configura como uma das marcas dos textos virtuais, tendo em vista a fluidez como ocorre e se dissipa. As obras criadas ou publicadas na rede se submetem a uma lógica da transitoriedade, no qual novos textos são inscritos e substituem os anteriores, sem que haja registros sobre eles.

Desta forma, a literatura que se instaura na telemática e, no caso analisado por esta pesquisa, no Orkut, surge podendo ser considerada como Ciberliteratura, como uma dessarumação de uma lógica secular. O que reforça a existência Ciberliteratura é, desse modo, não a ausência de uma instituição. Pois a Ciberliteratura estaria mais ligada justamente ao oposto da instituição, ou seja, à liberdade de manifestação e escrita fora de paradigmas estéticos e de sistemas de reprodução industrial e mais aproximada da individualidade e personalidade das formas de manifestações dos usuários interconectados.

Há manifestações da escrita literária que revelam apenas a transmutação de escritos consagrados no suporte impresso para o suporte virtual. Usuários da rede social Orkut se apropriam de escritos, muitas vezes reconhecidamente canônicos de autores renomados, para expressar um estado de espírito ou situações particulares de sua vivência ou cotidiano. São comuns, nesses casos, escritos reconhecidos, mas que não são acompanhados pela assinatura do autor. Essa prática reforça a constatação de tentativa de apropriação das escritas literárias pelos usuários.

Também são encontradas manifestações de escrita literária nativas do ciberespaço, ou seja, que foram criadas propriamente no espaço virtual do Orkut. Usuários utilizam o espaço disponibilizado através de seus perfis para exprimir suas ideias. Os escritos dos usuários são, em sua maioria, marcados pelo perfil biográfico, ou seja, a escrita das experiências cotidianas, caracterizadas pela escrita de si. Algumas vezes também é verificável que essas escritas assumem estilos poéticos, prosaicos ou de crônicas.

Há ainda manifestações de escrita literária que são resultantes da ação conjunta de usuários da rede. Um mesmo texto poético, por exemplo, pode ser produzido por usuários diferentes que oferecem suas contribuições e assumem um papel híbrido, decorrente da fusão entre as duas posições autor/leitor do texto.

Há de se considerar que, segundo Arlindo Machado (2001, p. 46) produzir arte com os recursos tecnológicos que sejam de fato fundantes de um novo estilo, de uma nova concepção para a literatura, significaria utilizar do meio de forma a

recriar a maneira de se apropriar da literatura, produzindo algo que seja imprevisível e paradoxal ao que já existe. A literatura verificada no Orkut não se configura ainda desta forma, mas de fato, podemos considerar as suas produções como um novo gênero para a literatura. Um gênero superior, que remodela a Instituição Literária não apenas na escrita, mas em sua forma de publicação, edição e leitura.

Todorov (2009) reconhece a literatura como meio de dar forma aos sentimentos experimentados, de ordenar os pequenos fluxos que constituem a vida. Neste sentido sim, podemos verificar uma existência singular da literatura no ciberespaço, que a configure como os escritos de si ou escritos íntimos. Se existe uma literatura cibervirtual, é aquela que mais se aproxima da literatura epistolar e dos escritos de si, remodelados para absorver uma nova forma de escrita, baseada na oralidade.

A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos faz compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja, antes de tudo, uma técnica de cuidados para com a alma; porém, revelação do mundo, ela pode também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro. (...) O leitor comum, que continua a procurar nas obras que lê aquilo que pode dar sentido à sua vida, tem razão contra professores, críticos e escritores que lhe dizem que a literatura só fala de si mesma ou que apenas pode ensinar o desespero. Se esse leitor não tivesse razão, a leitura estaria condenada a desaparecer num curto prazo. (TODOROV, 2009, p. 76 1 77)

É evidente, nos escritos encontrados no Orkut, sobretudo nos depoimentos e nas páginas de recado, as marcas da oralidade, como forma de dar sentido ao discurso e ao ato de comunicar. Livre do rebuscamento e complicação sintática, o retorno à oralidade primária é, paradoxalmente, o meio de se estabelecer uma Ciberliteratura. Os textos escritos diretamente no Orkut, estão sempre querendo provocar sentimentos no leitor, como forma de 'estender a mão' como sugere Todorov (2009), aproximando o escritor do leitor e isso, se dá tendo como marcas não um estilo rebuscado, mas sim um caráter oral, impregnado da voz, do tom, do timbre.

A experiência humana é banhada de novas significações e realidades postas à disposição para quem procura compreender o que é literatura e a transformação

de leitor em escritor e vice-versa contribui para o esforço de dar sentido à vida. O jogo está apenas começando e os portões estão todos abertos para quem quiser jogar. As consequências, imediatas, sugerem uma reformulação da Instituição Literária, mas o campo, ainda em aberto engatinha neste novo processo, que pode, algum dia, remodelar uma instituição que está arraigada e ameaçada, mas que pode encontrar justo nesta ameaça, um novo fôlego para não desaparecer.

Referências

ARAÚJO, Júlio César Rosa de. **A conversa na web: o estudo da transmutação em um gênero textual**. In: MARCUCSHI, Luiz Antônio, XAVIER, Antônio Carlos (orgs.). Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido. 2. Ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

BARBOSA, Pedro. A renovação do experimentalismo literário na literatura gerada por computador. Disponível em: http://pedrobarbosa.net/artigos_online-pdf/lgc-artigo.pdf, 2001. Acessado em 20 de abril de 2011.

BARTHES, Roland. O grau zero da escrita. Tradução Mario Laranjeira. 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BAUDRILLARD, Jean. Tela total: mito-ironias da era do virtual e da imagem. @. Ed. Porto Alegre: Sulina, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. Comunidade: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

BEIGUELMAN, Giselle. O livro depois do livro. São Paulo: Peirópolis, 2003.

BELLEI, Sérgio Luiz Prado. O livro, a literatura e o computador. São Paulo: EDUC; Florianópolis: UFSC, 2002.

BRAGA, Denise Bértoli. **A Comunicação interativa em ambiente hipermídia: as vantagens da hipermodalidade para o aprendizado no meio digital**. In: MARCUCSHI, Luiz Antônio, XAVIER, Antônio Carlos (orgs.). Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido. 2. Ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005

BROECKMAN, Jonh. Reinventando o universo. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

BURGESS, Jean. Youtube e a Revolução Digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade. São Paulo: Aleph, 2009.

CHARTIER, Roger. A aventura do livro: do leitor ao navegador. São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial do Estado, 1999.

_____. Cultura escrita, literatura e história: Conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jésus Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit. Porto Alegre: ARTMED Editora, 2001.

_____. OS desafios da escrita / Roger Chartier; tradução de Fulvia M. L. Moretto. – São Paulo: Editora UNESP, 2002.

CASANOVA, Pascale. A república mundial das letras. São Paulo: Liberdade, 2002

CASTELLS, Manue. A sociedade em rede: a era da informação (economia, sociedade e cultura). São Paulo: Paz e terra, 1999.

CULLER, Jonathan. Teoria literária: uma introdução. São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda., 1999.

DEBRAY, Régis. Manifestos midiáticos. Petrópolis: Vozes, 1995.

DIMANTAS, Hernani. **Linkania: uma teoria de redes**. 1. ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010. 136 p.

DIZARD, Wilson. A nova mídia: a comunicação de massa na era da informação. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FOUCAULT, Michel. Outros espaços. In: Estética. Literatura e Pintura, Música e Cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

GUIMARÃES, Júlio Castanõn. SÜSSEKIND, Flora. Sobre Augusto dos Anjos. 7 Letras, 2004.

HEWITT, Hugh. Blog: entenda a revolução que vai mudar o seu mundo. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2007.

KEEN, Andrew. O culto do amador: como blogs, MySpace, Youtube e a pirataria digital estão destruindo nossa economia, cultura e valores. Rio de Janeiro: Jorde Zahar Ed., 2009.

KELLNER, Douglas. A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

LEMOS, André; PALACIOS, Marcos. Janelas do ciberespaço. Porto Alegre: Sulina, 2001.

LEMOS, André. Cibercultura. Tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre, Sulina, 2002.

LEVY, Pierre. Cibercultura. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

_____. A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

_____. As tecnologias da inteligência. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

LONGUI, Raquel. Storyspace e ficção em hipertexto. In: XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Anais do XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Minas Gerais: Intercom, setembro de 2003. Disponível em: <repositorio.portcom.intercom.org.br/bitstream/1904/4680/1/NP7LONGUI.pdf> Acesso em 17 dez 2009.

MACHADO, Arlindo. O quarto iconoclasmo e outros ensaios hereges. Rio de Janeiro: Rio Ambiciosos, 2001.

MANGUEL, Alberto. Uma história da leitura. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MEY, Jacob. As vozes da sociedade: seminários de pragmática. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2001.

MORAIS, Arthur Gomes de. Ortografia: ensinar e aprender. São Paulo: Ática, 1998.

MOTTA, Ana Raquel e SALGADO, Luciana. Ethos discursivo. São Paulo: Contexto, 2008.

MUCCI, Latuf Isaias. Literatura, literalmente. Disponível em: <http://www.confrariadovento.com/revista/numero10/ensaio02.htm>. Acesso em 07/11/2008.

OLINTO, Heidrun Krieger. SCHOLLHAMMER, Karl Erik. Literatura e mídia. São Paulo: Loyola, 2002.

OLIVEIRA, Marina dos Anjos Martins de. Orkut. Rio de Janeiro: Brasport, 2004.

PAIVA, Raquel. O espírito comum: comunidade, mídia e globalismo. 2Ed, Rio de Janeiro: MAUAD, 2003.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. **E-mail: um novo gênero textual**. In: MARCUCSHI, Luiz Antônio, XAVIER, Antônio Carlos (orgs.). Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido. 2. Ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005

PETRUCCI, Armando. Ler por ler: um futuro para a leitura. In: CHARTIER, Roger; GUGLIELMO, Cavallo. História da leitura no mundo ocidental. 2. Ed. São Paulo: Ática, 1999, p. 203-227.

REIS, Carlos Antônio Alves. O conhecimento da literatura. Edipucrs, 2003.

RHEINGOLD, Howard. A comunidade virtual. Lisboa: Gradiva, 1996.

SALMITO, Ricardo. Obra, Aura, Autor e Outras “Heresias”. IN: LEMOS, André e PALACIOS, Marcos. As janelas do ciberespaço, Porto Alegre: Sulina, 2001

SANTAELLA, Lucia. Linguagens líquidas na era da mobilidade. São Paulo: Paulus, 2007.

_____. Navegar no ciberespaço. 2 ed. São Paulo: Paulus, 2007.

_____. Por que as comunicações e as artes estão convergindo. 3 ed. São Paulo: Paulus, 2008.

SCHITTINE, Denise. Blog: comunicação e escrita íntima na Internet. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

SOARES, Magda Becker. Letamento: um tema em três gêneros. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

TELLES, Andre. Orkut.com: como você e sua empresa podem tirar proveito do maior site de relacionamentos do Brasil. São Paulo: Editora Landscape, 2007.

TODOROV, Tzvetan. A literatura em perigo. 2. Ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

VALDÉS, Mario J. Paul Ricoeur e a teoria literária. In: Literatura comparada: teoria e prática. Org. Gilda Neves da Silva Bittencourt. Porto Alegre: Sagra: DC Luzzatto, 1996.

VILAS BOAS, Sérgio. Biografismo: reflexões sobre as escritas da vida. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

VILCHES, Vincenzo. A migração digital. Edições Loyola, São Paulo, 2003

XAVIER, Antonio Carlos. Leitura, texto, hipertexto. In: MARCUCSHI, Luiz Antônio, XAVIER, Antônio Carlos (orgs.). Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido. 2. Ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005

BABO, Maria Augusta. As transformações provocadas pelas tecnologias digitais na instituição literária. (Disponível in: <http://bocc.ubi.pt/pag/babo-maria-augusta-tecnologias-literatura.html>, acessado em 10/11/2008)

RHEINGOLD, Howard. The virtual community. Homesteading on the eletric frontier. (Disponível in: <http://csgames.incubadora.fapesp.br/portal/publica/comu>, acessado em 07/11/2008)

JAMESON, Frederic. Pós-modernidade – A Lógica Cultural do Capitalismo Tardio. (Disponível in: www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/cgi-bin/PRG_0599.EXE/4780_3.PDF?NrOcoSis=11883&CdLinPrg=pt. Acessado em 07/11/2008)

Sites:

<http://pt.scribd.com/doc/50053840/Construcao-de-Sentido-em-Hipertexto>
<http://docs.google.com/viewer?a=v&q=cache:xiFz7iEfRp0J:www.unioeste.br/travessias/LINGUAGEM/INTERTEXTUALIDADE%2520PARAFR%25C3%2581SICA.pdf+ou+p%C3%B5e+em+jogo+%E2%80%9Cto poi%E2%80%9D+diferentes&hl=pt-BR&gl=br&pid=bl&srcid=ADGEEShn7zrZLPGvxBmlyG9jI3uYUzs1K05M4ke0sV0ggE-JbKdTGt7oAPIL2T9MXRbM93I5CLXBkFd BxHsQCavkZGNOrNN-IJlpoLNkaF9ZlgbS8PWWZ-FTleBnWkrxTIS0vkujnqj&sig=AHIEtbRMXUUyo38WwTy6UmxBuQVJ5CxA A&pli=1>
<http://www.ead.sp.senac.br/newsletter/outubro05/tecnologias/tecnologias.htm>
<http://www.intermidias.com.br/2010/10/homepage-landing-pages/>
http://www.portais.ws/?page=art_det&ida=1202

<http://g1.globo.com/Noticias/0,,MUL394846-15524,00-O+QUE+E+TWITTER.html>

<http://g1.globo.com/Noticias/0,,MUL394802-15524,00.html>

<http://www.myspace.com/Help/AboutUs>